

Thaís Teixeira da Silva e Andréia Meinerz  
(Organizadoras)



# RELATOS DE MULHERES EM CURSO

histórias de afetos, direitos humanos e feminismo



Publicação com recursos do Edital IFRS 36/2020

Copyright © Editora CirKula LTDA, 2020.

1º edição - 2020

Revisão, Normatização e Edição: Mauro Meirelles

Diagramação e Projeto Gráfico: Mauro Meirelles

Capa e Ilustrações: CirKula

Tiragem: 300 exemplares para distribuição on-line

#### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação

R382

**Relatos de Mulheres em curso: histórias de afetos, direitos humanos e feminismo / Thaís Teixeira da Silva, Andréia Meinerz (Organizadoras).** – Porto Alegre, RS: CirKula, 2020.

1 arquivo em PDF 142 p.

ISBN 978-65-5950-011-6 (Livro eletrônico)

1. Mulheres - Restinga (Porto Alegre, RS). 2. Feminismo.  
3. Direitos humanos. I. Silva, Thaís Teixeira da, org. II.  
Meinerz, Andréia, org.

CDU (online): 342.7 - 055.2

Catalogação na publicação: Aline Terra Silveira – CRB 10/1933

Todos os direitos reservados à Editora CirKula LTDA. A reprodução não autorizada desta publicação, no todo ou em parte, constitui violação de direitos autorais (Lei 9.610/98).

Editora CirKula

Av. Osvaldo Aranha, 522 - Bomfim

Porto Alegre - RS - CEP: 90035-190

e-mail: [editora@circula.com.br](mailto:editora@circula.com.br)

Loja Virtual: [www.livrariacirkula.com.br](http://www.livrariacirkula.com.br)

# RELATOS DE MULHERES EM CURSO

---

histórias de afetos, direitos humanos e feminismo

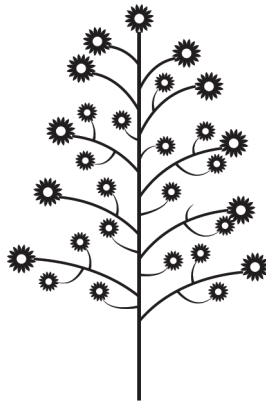
---

Thaís Teixeira da Silva  
Andréia Meinerz  
(Organizadoras)





A ideia da participação popular e direta é o processo de construção da democracia e também um processo longo de desconstrução do ódio contra política, um processo cultural de conscientização e empoderamento, de pertencimento das pessoas e grupos que se propõem a deliberar política pública. A gente ainda não conseguiu agregar essa cultura na sociedade porque temos um processo muito vil de dominação ideológica das mídias, uma demonização da política, como também por conta do próprio processo de formação educacional. Mas é muito importante que as pessoas entendam que é difícil participar socialmente, pois as pessoas têm o direito de chegarem cruas e, com o tempo, constituírem-se, empoderarem-se. Fazer participação social é extremamente substancial, traz muitas histórias de vida e é um processo longo e demorado de formação, conscientização, escuta; é a contramão do mundo que tem a urgência de tudo, a urgência do lucro. Trata-se de pensar não um projeto de governo, mas um projeto de sociedade” (JOICE BERTH, 2018).



A todas as mulheres em curso!





## CONSELHO EDITORIAL

César Alessandro Sagrillo Figueiredo

José Rogério Lopes

Jussara Reis Prá

Luciana Hoppe

Marcelo Tadvald

Mauro Meirelles

## CONSELHO CIENTÍFICO

**Alejandro Frigerio** (Argentina) - Doutor em Antropologia pela Universidade da Califórnia, Pesquisador do CONICET e Professor da Universidade Católica Argentina (Buenos Aires).

**André Luiz da Silva** (Brasil) - Doutorado em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e professor do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Humano da Universidade de Taubaté.

**Antonio David Cattani** (Brasil) - Doutor pela Universidade de Paris I - Panthéon-Sorbonne, Pós-Doutor pela Ecole de Hautes Etudes en Sciences Sociales e Professor Titular de Sociologia da UFRGS.

**Arnaud Sales** (Canadá) - Doutor d'État pela Universidade de Paris VII e Professor Titular do Departamento de Sociologia da Universidade de Montreal.

**Cíntia Inês Boll** (Brasil) - Doutora em Educação e professora no Departamento de Estudos Especializados na Faculdade de Educação da UFRGS.

**Daniel Gustavo Mocelin** (Brasil) - Doutor em Sociologia e Professor Adjunto da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

**Dominique Maingueneau** (França) - Doutor em Linguística e Professor na Universidade de Paris IV Paris-Sorbonne.

**Estela Maris Giordani** (Brasil) - Doutora em Educação, Professora Associada da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) e pesquisadora da Antonio Meneghetti Faculdade (AMF).

**Hilario Wyncarczyk** (Argentina) - Doutor em Sociologia e Professor Titular da Universidade Nacional de San Martín (UNSAM).

**José Rogério Lopes** (Brasil) - Doutor em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e Professor Titular II do PPG em Ciências Sociais da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos).

**Ileizi Luciana Fiorelli Silva** (Brasil) - Doutora em Sociologia pela FFLCH-USP e professora da Universidade Estadual de Londrina (UEL).

**Leandro Raizer** (Brasil) - Doutor em Sociologia e Professor da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

**Luís Fernando Santos Corrêa da Silva** (Brasil) - Doutor em Sociologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul e Professor do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar Ciências Humanas da UFFS.

**Lygia Costa** (Brasil) - Pós-doutora pelo Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional da Universidade Federal do Rio de Janeiro, IPPUR/UFRJ e professora da Escola Brasileira de Administração Pública e de Empresas (EBAPE) da Fundação Getúlio Vargas (FGV).

**Maria Regina Momesso** (Brasil) - Doutora em Letras e Linguística e Professora da Universidade do Estado de São Paulo (UNESP).

**Marie Jane Soares Carvalho** (Brasil) - Doutora em Educação, Pós-Doutora pela UNED/Madrid e Professora Associada da UFRGS.

**Mauro Meirelles** (Brasil) - Doutor em Antropologia Social e Pesquisador do Laboratório Virtual e Interativo de Ciências Sociais (LAVIECS/UFRGS).

**Silvio Roberto Taffarel** (Brasil) - Doutor em Engenharia e professor do Programa de Pós-Graduação em Avaliação de Impactos Ambientais em Mineração do Unilasalle.

**Stefania Capone** (França) – Doutora em Etnologia pela Universidade de Paris X- Nanterre e Professora da Universidade de Paris X-Nanterre.

**Thiago Ingrassia Pereira** (Brasil) - Doutor em Educação e Professor do Programa de Pós-Graduação Profissional em Educação da UFFS e do Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas da UFFS.

**Wrana Panizzi** (Brasil) - Doutora em Urbanisme et Amenagement pela Université de Paris XII (Paris-Val-de-Marne), em Science Sociale pela Université Paris 1 (Panthéon-Sorbonne) e Professora Titular da UFRGS.

**Zilá Bernd** (Brasil) - Doutora em Letras e Professora do Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Bens Culturais da Universidade LaSalle.

## **SUMÁRIO**

- 13 **APRESENTAÇÃO**  
THAÍS TEIXEIRA DA SILVA, ANDRÉIA MEINERZ
- 17 **DO CURSO DE MULHERES ÀS MULHERES EM CURSO: PROTAGONISMO ALÉM DAS MARGENS**  
ANDRÉIA MEINERZ
- 23 **DO CURSO DE MULHERES, MULHERES EM CURSO**  
MARIA GUANECI MARQUES DE ÁVILA
- 25 **RELATO DA ANA**  
ANA MARION
- 27 **A SOLIDARIEDADE AFLOROU NO NOSSO GRUPO**  
MARIA SALETE DA SILVEIRA PINTO
- 31 **ISSO EU VOU AGRADECER SEMPRE**  
CLÁUDIA MARIA DA CRUZ
- 37 **ESTAR NESSE GRUPO ME FAZ SENTIR VIVA E FAZ O SANGUE PULSAR EM MINHAS VEIAS**  
DJANIRA CORREA DA CONCEIÇÃO
- 41 **SORORIDADE**  
MAHIRA AGNI
- 43 **ACONTEÇA O QUE ACONTECER SEMPRE PODEMOS RECOMEÇAR**  
KARINA FERREIRA

45 **O MAIS MARCANTE FOI A MINHA MÃE TER IDO JUNTO**  
**KATHIELLY PEREIRA**

49 **EU SOU PORQUE SOMOS**  
**THAÍS TEIXEIRA DA SILVA**

**HISTÓRIAS DE VIDA. HISTÓRIAS DE AFETOS.**

**AS LIDERANÇAS FEMININAS COMUNITÁRIAS POR ELAS MESMAS**

[Entrevistas realizadas durante o mês de abril de 2019, como instrumento de pesquisa para o mestrado profissional. Entrevistadora: Thaís Teixeira da Silva].

63 **ENTREVISTA COM ALMERINDA LIMA**

77 **ENTREVISTA COM CLÁUDIA MARIA DA CRUZ**

99 **ENTREVISTA COM DJANIRA CORREA DA CONCEIÇÃO**

115 **ENTREVISTA COM MARIA GUANECI MARQUES DE ÁVILA**

125 **ENTREVISTA COM MARIA SALETE DA SILVEIRA PINTO**

## **Apresentação**

Para refundar o Brasil é preciso perceber que as periferias são o Centro. (Eliane Brum)

A proposta de tecer essas palavras vem sendo tramada desde o início do ano. Estamos em 2020, século XXI. Mas vivemos uma situação de tempos de outrora, que parecia ser coisa do passado distante, uma pandemia.

Esta publicação tem como objetivo mostrar como um grupo de mulheres lideranças femininas de um bairro de periferia de uma grande cidade podem se articular a partir de temas sensíveis à vida dessas mulheres e transformar um grupo em uma rede social em uma singular rede de afeto e apoio mútuo.

O grupo Mulheres em Curso surgiu a partir da experiência do curso de Extensão A Emergência das Mulheres na ação comunitária: narrativas, feminismo e direitos humanos, produto educacional proposto ao Mestrado em Educação Profissional e Tecnológica do IFRS, realizado entre junho e julho de 2019. A proposta do curso foi possibilitar a escuta da voz e das experiências de lideranças femininas da comunidade do bairro Restinga, na cidade de Porto Alegre, trazendo seu olhar ao centro do debate acadêmico, integrando-o e articulando-o aos saberes constituídos na luta e na vida. O público-alvo: mulheres e adolescentes do bairro dispostas a trocas de experiências e ao aprendizado mútuo. Assim, se tornaram professoras a Dja (Djanira), a Guaneci, a Salet, a Almerinda e a Cláudia. Se tornaram alunas a Karina, a Mahira, a Ana, a Kathielly, a Mariana. Algumas mulheres iniciaram e saíram. Outras agregaram no caminho, como a Andreia, colega do IFRS, grande mobilizadora do grupo e dos afetos, reais e virtuais.

Esta publicação traz um recorte da pesquisa realizada durante o curso de mestrado, mas, ainda, os relatos produzidos por algumas destas mulheres de forma voluntária. Ao final, agregamos as entrevistas realizadas com as lideranças que foram professoras. Histórias de vida que merecem ser contadas por elas mesmas e plantadas no mundo para que floresçam, como sementes de girassóis. Em nosso grupo tratamos de assuntos tão diversificados quanto a vida cotidiana de mulheres maravilhosas que tecem suas vidas com muito afeto e muito aprendizado. Um dia vira um livro!

A partir do grupo que mantemos e da ideia de fazer este livro solicitamos às participantes que escrevessem um texto sobre quais afetos são mobilizados a partir das nossas discussões, trocas e ações. O resultado está abaixo.

Abaixo tenho a honra e a gratidão de fazer uma breve apresentação de quem são as mulheres que compõem esta publicação, com trechos retirados da dissertação do mestrado e novos acréscimos.

A Maria Salete da Silveira Pinto nos conquista pela fala crítica, lúcida e envolvente com que narra suas histórias. É uma Promotora Legal Popular formada ainda na primeira turma, e coordenou o projeto SIM - Serviço de Informação da Mulher na Restinga. Participa de muitas lutas, em especial, pela educação e contra a violência contra a mulher e leva estes preceitos para os movimentos em que participa.

A Maria Guaneci Marques de Ávila tem orgulho da trajetória que construiu ao lado de outras mulheres e lutadores da comunidade e tem um importante trabalho junto à Themis, organização não-governamental voltada aos direitos das mulheres. Ela conta que começou na vida comunitária pela falta de serviços no bairro para sua família e comunidade e que isso foi importante para constituição da sua trajetória.

Almerinda de Lima, está sempre em movimento, participando de diversas ações junto aos coletivos e instituições do bairro, bem como articulando ações junto ao comando local da Brigada Militar, como coordenadora do Fórum Regional de Se-

gurança do bairro Restinga. Ela tem um entendimento de Segurança formado em sua trajetória e na participação do programa Mulheres da Paz.

Djanira Correa da Conceição ainda hoje é representante dos usuários do posto de saúde da sua região na conferência de saúde. Conta que trabalha há 57 como empregada doméstica e tem orgulho de sua trajetória de “menina diferente”, conforme dizia sua mãe.

A Cláudia Maria da Cruz foi membro do conselho de campus do Campus Restinga, é Promotora Legal Popular e atua hoje no Conselho Regional de Assistência Social. Já fez parte, entre outras frentes, do movimento pela moradia. Ela mora na 5ª unidade da Restinga, bem próxima ao campus, mas já passou por outros territórios do bairro, inclusive por ocupação. É aluna de curso superior nosso, mãe de ex-aluno que hoje estuda na UFRGS, foi aluna do Proeja e do Programa Mulheres Mil.

A Mahira Agni é surpreendentemente cheia de talentos. Pinta, borda e dança, entre outras coisas que faz, e muito bem! Mulher negra, da periferia, trabalha incansavelmente pela sua comunidade. Também é Promotora Legal Popular e tem um conhecimento de vida e de coletivo que aplica nos espaços que contribui.

A Ana Marion é mãe da Kathielly, e chegou até nós por ela. Vivem na Comunidade Vida Nova, onde exercem um papel preponderante junto à comunidade. Tímida, mas com muito conhecimento de vida. Mulher negra e batalhadora.

A Karina Ferreira é uma sábia mulher, liderança da religião afro do bairro, tem sempre um olhar positivo e palavras doces para trazer ao grupo. Integra o Movimento Meninas Crespas. Está sempre a postos para auxiliar.

A Kathielly Pereira é vice-presidente da Associação de Moradores da Comunidade Vida Nova. É uma mulher forte e participativa. Está sempre se movimentando para aprender e para ajudar a comunidade que representa.

Bem vindas e bem vindos à nossa história coletiva!





## Do Curso de Mulheres às Mulheres em Curso: protagonismo além das margens

Andréia Meinerz<sup>1</sup>

No Inverno de 2019, os finais das tardes das sextas-feiras frias e úmidas ganharam um espaço-tempo de calor especial. Às voltas com as tarefas do fazer docente, depois de dois turnos de aula e nos preparativos de mais duas turmas porvir no PROEJA, a noite, eu sabia que ali estava uma oportunidade única que não poderia e nem queria perder. Tratava-se do Curso de Extensão coordenado pela colega Thais Silva Teixeira “A emergência das Mulheres na ação Comunitária - Narrativas, feminismos e Direitos Humanos” parte de seu então projeto de pesquisa de Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica do IFRS do Campus Porto Alegre. Em uma das salas do campus, um círculo de mulheres entusiasmadas como professoras daquelas aulas de feminismos e seus conceitos principais. Mais do que espaço para lugar de fala, conceito tão em voga, tratava-se do protagonismo autêntico e genuíno de um grupo de mulheres. Mulheres mestras cujas experiências extrapolam os muros da educação formal, mas que reconhecem esta como um direito. E, várias delas, lideranças comunitárias que são, fizeram disso mais uma de suas inúmeras lutas e conquistas.

Não consegui participar de todos os encontros, mas lembro-me nitidamente de um pensamento-sensação<sup>2</sup> que me ocor-

---

1 Professora do IFRS e Co-Organizadora da publicação.

2 Sentipensar, termo criado pelo prof. S. de la Torre (1997), em suas aulas de criatividade na Universidade de Barcelona (Torre, 2001), indica “o processo mediante o qual colocamos para trabalhar conjuntamente o pensamento e o sentimento (...), é a fusão de duas formas de interpretar a realidade, a partir da reflexão e do impacto emocional, até convergir num mesmo ato de conhecimento a

reu: eu ficaria horas e horas ouvindo-as e ainda quero ter a oportunidade de vivenciar este encontro sem pressa, porque essas vozes são fontes imensuráveis de sabedoria. Reverenciei-as em pensamento como quem saúda as ancestrais em gratidão, pedindo sua benção.

Já na primavera de 2019, tínhamos em curso o processo eleitoral da instituição, onde escolheríamos, democraticamente, representantes para os cargos da Reitoria e Direção Geral nos Campi. Como parte do jogo democrático, surgem as divergências, os diálogos e os bons debates. Novamente pude conviver mais de perto com algumas delas. Atentas ao que se passava, estiveram presentes, afirmando e renovando o compromisso com e para a comunidade desta Instituição de Ensino Pública - o campus Restinga do IFRS - que só está onde está pela luta delas.

Em final de outubro, fui inserida em um grupo de WhatsApp denominado “Curso de Mulheres”, que fora criado pela Thaís em Julho de 2019, por ocasião da atividade realizada na época do curso anteriormente citado. Ali, circulavam informações de utilidade pública, acesso à direitos e trocas de assuntos relevantes sobre o Bairro Restinga e a cidade em geral. Como, por exemplo, a divulgação do Atendimento do Tribunal Regional Eleitoral nas dependências do campus, que trouxe inúmeras pessoas da comunidade externa (muitas que nunca tinham entrado na instituição) para realizar biometria e cadastramento do título eleitoral. Vi também chamados para atos públicos em defesa da educação e da saúde, além de divulgação de empreendimentos femininos, pedidos de ajuda e mensagens de empoderamento. Passavam pelo grupo não só temas que perpassam a luta por saúde e educação, mas Segurança, Transporte Público, Trabalho e Geração de Renda, Proteção da Infância e das Mulheres Vítimas de Violência, Direito à Cidade e Direitos Humanos em geral.

---

ação de sentir e pensar” (Torre, 2001:01). Para o prof. S. de la Torre, este termo traduz um processo de fusão e de integração do “sentir-pensar”, associado a outros impulsos básicos como persistir, interagir, atuar, comunicar, etc. TORRE, S. DE LA (2001). Sentipensar: estratégias para un aprendizaje creativo. Mimeo.

O grupo não se resumia ao curso dos acontecimentos cotidianos em matéria de cidadania. Ali trocávamos receitas, falávamos sobre cultivo de plantas em pequenos espaços, dicas de uso de chás, autocuidado. Essa característica das trocas do Curso de Mulheres acabou por se converter em um bálsamo no momento que estava por vir. Com a chegada da pandemia e o início da quarentena, outras mulheres foram adicionadas ao grupo e este se tornou fonte de acolhimento mútuo, um espaço de alento virtual reverberando no real, pois foi da realidade que este grupo emergiu. Os diálogos ali mantidos, com muitos áudios, encontravam a acolhida de escutas ativas e palavras de afeto. Mesmo que todas não conseguissem participar ao mesmo tempo, em função das inúmeras demandas, sempre havia (há) um retorno, uma palavra amiga, um apoio ou incentivo. As angústias de uma poderiam ser as angústias de outra. E, ao encontrar uma palavra em forma de acalanto, este grupo cultivou, como quem planta uma horta comunitária, um lugar de nutrição.

A rede de apoio e solidariedade impulsionada por todas elas, de diferentes maneiras, advindas de suas trajetórias, ecoa nos entornos de suas comunidades, articuladas juntos às instituições que cumprem papel fundamental no contexto da maior crise sanitária que vivemos nos últimos cem anos. As orientações das mais experientes sobre como operacionalizar as entregas de alimentos deixavam nítido que a doçura de suas palavras se casava com a firmeza de quem sabe o que está fazendo: é preciso que as ações estejam conectadas aos CRAS - Centro de Referência de Assistência Social - para não se perder em espontaneísmos desorganizados a fim de evitar confusões. A rede de confecção e distribuição de máscaras, a coleta e distribuição de mantimentos, agasalhos, etc. tornou-se cotidiana. Sempre há pedidos, sempre há amparo. Amparo inclusive de ordem espiritual referenciadas em religiões de matriz africana, na força e na potência de práticas e saberes que tais alusões suscitam. As redes de orações auxiliam nos momentos mais delicados, como quando há casos de pessoas próximas adoecidas pelo Covid.

Entrecruzadas com os assuntos demandados pelas circunstâncias, cada uma (ou as mais falantes) vai contando um pedacinho de sua história. As memórias vão sendo despertadas pelos temas evocados na ordem do dia. São falas sobre perdas, dores, cansaços e angústias, humilhações, mas também sobre lutas, realizações e conquistas individuais e coletivas. Sem perder a ternura e o humor, os afetos vão agregando matizes às tessituras das relações dessas mulheres. Há um aspecto amoroso neste percurso. Percebo acontecer na prática, em atos e palavras, o que Bell Hooks ensina no seu texto *Vivendo de Amor* (1994)<sup>3</sup>:

Cada vez que buscamos ajuda nosso poder aumenta, ao invés de diminuir. Experimente. Geralmente buscamos ajuda em momentos de crise. Mas podemos evitar a crise se reconhecermos nossa dificuldade em lidar com uma determinada situação. Para as mulheres negras acostumadas a manter o controle das situações, pedir ajuda pode significar a prática do amor, da confiança, reconhecendo que não precisamos resolver tudo sozinhas. (...) Numa sociedade racista, capitalista e patriarcal, os negros não recebem muito amor. E é importante para nós que estamos passando por um processo de descolonização, perceber como outras pessoas negras respondem ao sentir nosso carinho e amor.

Foi antes do inverno que sugeri à Thais que talvez o nome do grupo poderia ser “Mulheres em Curso”. Ela prontamente aceita, junto à anuência das demais. A palavra curso evoca muitos significados que abarcam o sentido de ensinamento e também de fluxo, correnteza, que escoam no devir do tempo como as águas dos cursos de um rio. Apropriada metáfora considerando que estamos falando com mulheres cujas trajetórias confluem na sua ligação com o território da Restinga, bairro periférico, situado às margens da cidade de Porto Alegre. Mulheres que me ensinam a

---

<sup>3</sup> <https://www.geledes.org.br/vivendo-de-amor/>. Acesso em 10 de setembro de 2020.

cada dia a verdade contida no aforismo: “Como as águas, mulheres crescem quando se juntam”, estampado em cartaz da Marcha das Margaridas. Sobretudo, as mulheres negras.

O estigma de violência que os moradores do Bairro enfrentam é proporcional a sua história de resistência. É comum sentirmos os ares de desconfiança quando nos referimos às margens. Há uma citação de Bertold Brecht que diz: “Do rio que tudo arrasta se diz que é violento. Mas ninguém diz violentas as margens que o comprimem.” Se invertermos esta lógica elitista e a periferia passar a ser o centro, como convoca Eliane Brum, as margens que condensam o curso deste rio serão rasgadas pela revolta das águas retesadas, pelos choros e sangue derramado pelo colonialismo que há quinhentos anos impera neste país, disfarçado com o nome de progresso e tantas vezes mascarado como ideia de desenvolvimento. O Bairro Restinga nasce da remoção das populações pobres (e pretas) das áreas centrais da cidade para uma zona longínqua sem a mínima estrutura de saneamento e acesso à direitos básicos. Ouvir essas mulheres resgatando suas lutas por dignidade é sempre uma lição da força da articulação, organização e resistência.

Enquanto a crise Sanitária se agrava, chegamos a mais um inverno no Rio Grande do Sul. Depois de uma severa estiagem, enfrentamos um ciclone extra-tropical que atingiu sobretudo as moradias mais precárias. Enquanto essas mulheres articulam doações e outros tipos ajudas a quem necessita, mais uma aula, desta vez sobre moradia urbana na periferia, acontece nos diálogos do grupo. Não bastasse a pandemia, a crescente crise econômica, o desemprego, a falta de acesso aos direitos básicos e os fenômenos climáticos impactando as vidas de quem vive às margens, outra epidemia se agrava: a violência contra a mulher. As PLPs - Promotoras Legais Populares, estão atuando junto a Themis<sup>4</sup> e não perdem tempo em auxiliar as vítimas de violência

4 A THEMIS – Gênero, Justiça e Direitos Humanos foi criada em 1993 por um grupo de advogadas e cientistas sociais feministas com o objetivo de enfrentar a discriminação contra mulheres no sistema de justiça. Sua missão é

doméstica. Mulheres ameaçadas de morte, com medidas protetivas, são incentivadas por elas a recomeçar suas vidas. Acionam o poder público, atuando junto com seus representantes, encaminham para atendimento e articulam doações, sem deixar de oferecer carinho.

Mulheres em Curso configuram um itinerário de sabedoria e gratidão, esperança e solidariedade e possibilidade real de emancipação. A força dessas mulheres vem do reconhecimento desses atributos éticos tão caros ao devir possível. E sua sabedoria brota da fonte genuína de experiências vividas, sentidas e ressignificadas. Os conhecimentos acadêmicos e científicos, por mais nobre que sejam, podem ser descolados da sabedoria se desconectados de sua função social. E este trabalho que aqui se apresenta, proposto pela Thais, nasce de uma dissertação de mestrado conectada com o reconhecimento disso. É impossível não pensar em gratidão.

O isolamento físico que o atual estado das coisas exige, por questão de sobrevivência, não se traduz em isolamento social. Se estamos largados neste país desgovernado pelos interesses do capital, podemos acreditar que a nossa capacidade de autogestão é o que nos salva da morte. Morte esta que está na ordem do dia, onde milhares de pessoas perdem suas vidas, pessoas essas que tem nome, história, família, classe social e cor. E são as subalternidades as mais atingidas pelas avalanches de desigualdades que assolam nossos mundos. As margens resistem e se refazem, em curso, existindo e insistindo em resistir.

---

ampliar as condições de acesso à justiça. É uma Associação Civil com sede em Porto Alegre (RS/Brasil). <http://themis.org.br/somos/>. Acesso em 20 de setembro de 2020.

## **Do Curso de Mulheres, Mulheres em Curso**

Maria Guaneci Marques de Ávila<sup>1</sup>

Conheço a Thaís há 12 anos, pela importância da sua contribuição em um projeto que ficará na história da Restinga, que é a ideia da escola técnica, hoje Campus Restinga IFES, pela sua contribuição e apoio, acompanhando todas as reuniões e articulação da comissão responsável pela implementação deste projeto de educação.

Quando a Thaís fez o convite para participar do curso da sua pesquisa de Mestrado Profissional em Educação Profissional e tecnológica do IFRS, pensei no que eu poderia contribuir. Me senti muito honrada, contribuindo com as ideias, mobilizando e motivando as colegas participantes, todas as sextas-feiras, no Expresso Feminista, que de porta em porta buscava as colegas. Foi preciso criar um grupo de comunicação, Mulheres em curso, com as mulheres desta comunidade para informar e divulgar tantas ações e atividades promovida pelas mulheres deste território, pois eram tantas mulheres, tantas informações, desabafos, receitas e histórias de vida.

Este grupo foi crescendo e se fortalecendo no cumprimento das tarefas, nas amizades que foram construídas, experiências e informações trocadas durante o curso, sobre feminismos e direitos humanos, sobre organização social, sonhos e metas, mas principalmente pela motivação que Thaís demonstrava a cada encontro nas aulas preparadas nas noites frias, mas regada com um bom lanche e café no intervalo, preparado com muito carinho.

---

<sup>1</sup> Professora no Curso de Extensão “A emergência das mulheres na ação comunitária e liderança comunitária na Restinga”

Hoje estamos vivendo uma pandemia de COVID-19, causada por um vírus altamente transmissível e de alcance planetário. O isolamento social foi apontado como estratégia diante a um quadro social complexo marcado pelo insuficiente investimento na área social e saúde, causando aumento de vulnerabilidade na população, principalmente as mulheres. Mas esse grupo se organizou com rede local, lideranças e professoras do IF, para arrecadar alimentos, confeccionar máscaras e orientar a comunidade com informações importantes de cuidado para evitar a contaminação do vírus. Até hoje as ações continuam conforme as necessidades das pessoas.

Os assuntos são diversos no grupo, desde as notícias da mídia, os fatos e acontecimentos familiares. O que me motiva e mobiliza são os pedidos de ajuda e quando alguém precisa de cuidados. A solidariedade é o que mais me emociona, seja entre as participantes do grupo ou praticada por alguma pessoa das nossas relações pessoais.

Tudo isso só reforça o que fiz e faço há muitos anos no cuidado e na escuta das mulheres na periferia, pois é um espaço de diálogo, aproximação e de trocas entre mulheres que criaram formas de resistir no passado e continuam resistindo através de espaços como a liderança comunitária e de instituições que promovem a igualdade de gênero, nossa luta e no fortalecimento da autonomia das pessoas para que sejam sujeitas de sua própria história. Vivendo em um momento de retrocesso nas políticas públicas e nos direitos fundamentais, percebemos no dia-a-dia o machismo, o racismo e as desigualdades sociais, mesmo antes da pandemia do Covid. Uma sociedade vivendo na incerteza do amanhã, tanto na economia quanto na educação, mas temos certeza de que juntas e unidas sairemos fortes e comprometidas, com a continuação deste grupo “Mulheres em curso”.



## Relato da Ana

Ana Marion<sup>1</sup>

Olá a todos, eu fiquei pensando o que aprendi com essas mulheres maravilhosas. Cheguei até elas pela minha filha que as conhecia e elas a convidaram para fazer um curso sobre mulheres empoderadas.

Cheguei lá com uma visão errada delas e vi que não era como nos outros países que só mostram os seios.

Ainda bem que estive neste curso maravilhoso. Elas são demais. Fazem vários trabalhos por toda a comunidade da Restinga, da saúde até o transporte. Quero dizer para elas que o nosso encontro foi muito bom, compreendi que há pessoas que amam aos outros sem cobrar o porquê.

Vou dizer que me sinto muito feliz por encontrar essas mulheres maravilhosas que lutam por todos e ainda encontram um tempinho pra dividir carinho e atenção.

Agradeço todos os dias que tive ao lado de vocês e espero que toda essa luta seja reconhecida por todas as pessoas.

Um abraço, Ana Marion

---

<sup>1</sup> Aluna do Curso de Extensão “A emergência das mulheres na ação comunitária”.



## **A solidariedade aflorou no nosso grupo**

Maria Salete da Silveira Pinto<sup>1</sup>

Conheci a Thais quando estávamos na luta pela conquista do IFRS (na época a concepção era de uma Escola Técnica Federal). A partir dos encontros de planejamento, passamos a nos conhecer, construindo uma amizade baseada no respeito por nossas ideias. Éramos feministas convictas de que a educação poderia transformar a vida das jovens e das mulheres.

Após a conquista do IF Campus Restinga continuei a participar de atividades ali realizadas, principalmente em eventos relacionados com as lutas das mulheres.

Em uma ocasião fui convidada a participar de uma reunião que tinha como objetivo organizar um Curso de Extensão que seria direcionado a mulheres lideranças e ativistas que atuavam em comunidades da Restinga.

Foi com grande entusiasmo que aceitei participar, relatando a trajetória do nosso trabalho como Promotoras Legais Populares na defesa dos direitos das mulheres e no atendimento a vítimas de violência doméstica. Também relatando a participação nos vários movimentos comunitários e nossas lutas por conquistas sociais, no empoderamento das mulheres e no fortalecimento da cidadania participativa.

Em 2019 o projeto estava pronto e as aulas iniciaram. Apesar do frio intenso e de grandes chuvaradas conseguimos manter um grupo que foi muito participativo. Com uma intensa interatividade das mulheres presentes iniciou também uma amizade que

---

<sup>1</sup> Professora no Curso de Extensão “A emergência das mulheres na ação comunitária e liderança comunitária na Restinga”.

transpôs o tempo de duração do curso, passando a fazer parte de nossas vidas aquela convivência afetiva.

Quando o grupo de WhatsApp foi criado denominado “Curso de Mulheres” continuamos a dividir as experiências que vivenciamos durante o curso, fortalecendo os laços de amizade construídos nesse período. Mais tarde o nome do grupo passou a ser “Mulheres em Curso” que retrataria melhor o momento que vivíamos.

A partir daí, o grupo passou a ser parte importante de nossas vidas, da minha vida. A construção de um espaço acolhedor onde podíamos falar de tudo e sobre tudo. Dar opiniões sobre os mais diversos assuntos sem ter receio de críticas ou juízos sobre o que pensávamos. Houve momentos de reflexões onde pudemos falar de nossas experiências pessoais, alegrias e tristezas. Dividimos verdadeiramente nossos sentimentos.

Mas foi durante a pandemia que mais nos aproximamos. Nesse período discutimos muito sobre nossas vidas e sobre a vulnerabilidade social da nossa comunidade. A solidariedade aflorou no nosso grupo. Ideias surgiram e com a agilidade intelectual das professoras que participavam juntamente com a Thais foram se concretizando em ações sendo levadas a outros grupos da região. Surgindo assim ações de ajuda às famílias mais vulneráveis.

Já não era só um grupo de mulheres, era um espaço que tinha também uma função social: foram criados grupos de confecção de máscaras para doações, que também proporcionaram geração de renda a mulheres que estavam desempregadas. Ações de coletas de alimentos para doações, ajuda entre as componentes do grupo.

As vivências pessoais e a solidariedade das participantes foram, para mim, o ponto alto do grupo. Nos humanizamos, nos aproximamos e criamos uma empatia que nos fez crescer como seres humanos. Aprendemos juntas a evoluir no meio do caos criado pela pandemia.

Nas minhas atividades como PLP (promotora legal popular) lido com situações difíceis que atingem mulheres vítimas de

violência doméstica. Mas nesse momento passei também a atender famílias em situação de vulnerabilidade social. Passei a ver também a situação de quem tinha pouco e ficou sem nada. A experiência do grupo me fez refletir que podia fazer mais mesmo estando em confinamento por ser do grupo de risco. Com a solidariedade do grupo e da Themis, entidade que atuo, adquiri um telefone novo e passei a ter acesso à internet, o que possibilitou que eu ajudasse famílias a terem acesso a cestas básicas tanto de doações organizadas por componentes do grupo como também por entidades de assistência social da comunidade. Neste período de pandemia já ouvi mais de 500 pessoas sobre os mais diferentes tipos de necessidades que estão passando. Procurei ajudar com informações e orientações colhidas na Themis em situações de violência doméstica e em grupos da comunidade nas situações de vulnerabilidade social.

Descobri que não precisava sair de casa para fazer a diferença e neste grupo encontrei as parcerias para muitas ações que participei. Inclusive doações para uma ocupação onde muitas famílias estavam sem nada em casa.

Participar deste grupo com mulheres maravilhosas e de uma garra incrível está sendo um privilégio e uma grande oportunidade de alcançar novos horizontes.



## Isso eu vou agradecer sempre

Cláudia Maria da Cruz<sup>1</sup>

Fui convidada para participar do curso de extensão, como colaboradora, pela Thaís. A forma como contribuí foi através das minhas experiências e do meu trabalho comunitário enquanto liderança na região Restinga. Atuando na minha comunidade, onde participo de movimentos sociais, de associação de moradores, de conselhos, enfim, eu me senti muito honrada em poder dividir essas experiências. Mas também, como eu sempre digo, aprendendo, também foi uma troca. Na verdade, o curso que se chamou “A emergência das Mulheres na Ação Comunitária” proporcionou, de uma certa forma, que todas nós participantes, mesmo nos conhecendo há tempos, por atuarem algumas vezes juntas nas lutas comunitárias, seja como uma Promotora Legal Popular ou uma presidente de uma associação de moradores ou participante de algum fórum em defesa de direitos, não tínhamos tanta intimidade. Para mim foi uma honra, um aprendizado e parece que se estreitou mais os laços entre nós, criamos um vínculo maior do que já tínhamos.

Embora eu tenha ficado feliz pelo convite, também fiquei um pouco receosa porque as pessoas acham até que não é verdade, mas eu já sofri muito por timidez e tive que superar, pois quando comecei a participar dos movimentos de lutas sociais e direitos, tive que debater e fazer muitas articulações, e aí não há lugar para timidez.

Para defender os teus direitos, tu tens que ir abrir a boca e falar. Então hoje eu digo que depois que eu ganhei um axé de fala

---

<sup>1</sup> Professora no Curso de Extensão “A emergência das mulheres na ação comunitária e liderança comunitária na Restinga”.

eu nunca mais parei, mas às vezes bate um friozinho na barriga e a timidez. Porque quando as pessoas param e observam o que tu estás falando, é sinal que está conseguindo envolvê-las. Por isso o receio, mas depois me senti plenamente em casa e acolhida pelas colegas e pelos(as) participantes. O curso também foi uma troca, pois ao saber que somos todas vulneráveis em certos momentos, nos tornamos fortes quando nos unimos e apoiando umas as outras.

E foi ouvindo os relatos de cada uma, das suas vivências, suas histórias eu entendi que ao passar por uma situação difícil, outra também possa ter passado e superado. Isso é uma forma de aprender como superar.

O trabalho comunitário, muitas vezes, exige tanto, e muitas vezes não é reconhecido, mas quando a gente acredita no que faz e não desiste da luta, mesmo que ela seja árdua, vale sempre a pena, ainda mais quando se tem êxito.

Passamos algumas noites e dias do curso bem frios, onde o calor humano e o conteúdo do curso eram tão bons que deu pra superar o frio. Realmente uma troca de saberes e experiências, relatos e vivências de mulheres de aparência frágil - como dizem a mulher é sexo frágil - mas por trás desta aparente fragilidade havia uma gigante. Pois já venceu muitas batalhas ao longo da vida e a luta só se encerra quando outra começa.

As coisas são tão fáceis quando são conquistadas, mas é muito complicado até tu chegar lá. Tivemos uma gama de relatos muito ricos e eu acho que todas nós saímos deste curso mais fortalecidas, empoderadas e conseguimos também passar para as outras participantes algo de elas levarem para suas vidas e depois poder repassar isso para outras pessoas.

Meu trabalho comunitário começou há mais de 20 anos lutando pela questão da habitação como um direito que está na Constituição e que, na prática, só se consegue mesmo através da luta, de forma que possa contemplar as pessoas de baixa renda.

Outra coisa é o preconceito contra a mulher. Muitas vezes de periferia, negra e semianalfabeta, tem que mostrar o seu va-



lor, do conhecimento, mesmo que não tenha um certificado, para questionar o que acha estar errado ou fazer uma reivindicação. Assim foi meu engajamento na luta para construção da EMEF Nossa Senhora do Carmo. Para mim foi uma conquista muito pessoal e superação grande, pude mostrar que, embora não tivesse certificado na época, eu tinha muito mais conhecimento do que o próprio governo. Chegaram a dizer que não teríamos a escola construída, mas foi porque tinha um documento comprovando a demanda aprovada no Orçamento Participativo, que garantiu a construção desta escola e com a mobilização da comunidade.

Hoje fui eleita há 4 anos conselheira da CORAS - Comissão Regional da Assistência Social e também Conselheira do Conselho Municipal de Assistência Social, onde represento minha região e defendo o SUAS, o direito dos usuários terem um atendimento de qualidade e que a política da Assistência é um direito e não um favor, e de quem dela precisar ou seja toda as pessoas, famílias que estiverem em vulnerabilidade social tem direito à Assistência Social. Na comunidade, de uma certa forma, hoje as pessoas me confundem com uma assistente social, porque acho que consigo fazer um *link* com os técnicos de CRAS e CREAS, porque muitas vezes eu busco informações para ajudar usuários em certos encaminhamentos.

A defesa da política pública da assistência se tornou uma paixão pra mim, sem deixar de lutar para defender sobre as outras áreas, como educação. Mas hoje eu entendo que a política pública da assistência é tão necessária quanto as outras, principalmente neste momento de pandemia. Por exemplo, os serviços da assistência foram tão precarizados e a falta de investimento do governo, a assistência foi a que mais teve que ter respaldo no atendimento às pessoas que foram de alguma forma atingidas pelo Covid-19, que desempregaram, ficando mais vulneráveis. Ao sair do conselho, vou continuar lutando e vou criar o Fórum de usuários da política de Assistência que já deveria estar formado, mas por causa da pandemia nós tivemos que adiar. O Fórum dos usuários é independente.

O ano passado acompanhei algumas notícias sobre esse vírus que havia acometido uma cidade na China, sem grandes preocupações. Mas quando chegou no nosso país, decretada a pandemia e calamidade pública, acredito que todo mundo entrou em desespero, ficamos todos desolados “e agora o que fazer”? Acho que em um primeiro momento, muitos se chocaram e ficaram meio desorientados. Lembro da última semana antes do decreto e após o final de semana tudo mudou.

A ficha foi caindo aos poucos, com passar do tempo a gente foi entendendo que a coisa era muito mais grave do que se imaginava. Começamos também ter um receio maior com a vida da gente, eu sou uma pessoa que anos atrás tive depressão pós-parto tardia e isso acabou desenvolvendo uma síndrome do pânico. Então, a primeira coisa que eu pensei, que com o isolamento social poderia ter novamente essa síndrome do pânico, deixei de andar sozinha, deixei de andar de ônibus coletivo. E quando a pandemia iniciou, eu estava adquirindo a independência novamente, passei a andar de ônibus, a andar sozinha embora os meus “guris” sempre me monitorando pelo telefone. Porque vivenciamos todo meu drama e, às vezes, quando eu saía, ligavam para saber como estava e onde. Aí veio a pandemia e eu pensei: será que eu vou conseguir sair de dentro de casa quando tudo isso passar? Enfim, foi algo que ninguém estava preparado. Acho que eu tenho sorte porque tenho a minha família junto comigo, o marido, meus filhos, pelo menos dois deles, porque o outro é casado e somos crônicos.

E passar tanto tempo juntos não foi problema, porque temos uma vivência muito íntima estamos acostumados a ficar juntos em casa e fazer a maioria das coisas juntos. Então isso não foi um problema. Tirando o fato que isso tirou eles da escola e da faculdade. Assisti vídeos de pessoas que não aguentavam mais ficar isolados dentro de casa e alguns comentários e reportagens de pessoas reclamando de coisas tão fúteis, e eu ficava pensando, pobre não tem lazer, a nossa preocupação é pagar as contas, ter como pagar o aluguel, comprar comida e é isso. O lazer é a última coisa que tu te

preocupas em gastos. Ouvi muitas pessoas falando que não podia ir aos parques, ao cinema, ao shopping e isso não nos atinge, os “pobres”, porque não estamos acostumados. O nosso lazer é ficar assistindo a Netflix, conversando, vendo juntos um filme na televisão... Então aos poucos a gente foi entendendo que dava sim para passar de alguma forma um pouco mais tranquilo esse momento.

Porém, como muitas pessoas, fui atingida pela pandemia na questão econômica. Basicamente hoje estamos dentro de casa desempregados. Mas para mim tem que manter o bom humor, tem que fazer umas brincadeiras, porque senão a gente adocece, rir de nós mesmos. Quando deixei de rir de mim mesma eu adoeci. É preciso manter o bom humor apesar dos pesares.

Durante o curso nós criamos um grupo num aplicativo de mensagens, “Mulheres do curso”, para nos comunicar e ter informações mais rápidas, quanto aos horários, coisas assim. Mantivemos o grupo mesmo com o fim do curso. E aí começamos a dividir algumas coisas, conversar pelo grupo foi uma maneira da gente manter o contato, não só do privado, mas também do conjunto e aí veio a pandemia... O grupo serviu de apoio, umas às outras.

Porque mesmo que estivéssemos dentro de casa seguras, tranquilas com a nossa família e ninguém adocece, tínhamos nossas angústias, nossos receios, podendo uma apoiar a outra. Havia colega que ficou isolada sozinha em casa porque os filhos cresceram e foram viver suas vidas. Criamos esse vínculo onde dividimos muitas histórias, algumas engraçadas outras tristes, e algumas bem picantes... Os relatos foram sobre de tudo um pouco, saúde, saúde mental, culinária, agricultura... Agroecologia, questões espirituais, religiosas. Também sou de Matriz Africana e Umbanda e me baseio muito na minha fé.

Eu, por exemplo, gosto de encarar assim: se o dia tá ruim e tudo não deu certo, respira, relaxa... Amanhã vai ser um outro dia e, às vezes, os problemas quando não tem solução, solucionado ele está, ou seja, deixa ele de cantinho e sofra menos, talvez amanhã a solução vai surgir. O grupo também criou uma rede de

solidariedade e informações tentando ajudar famílias vulneráveis devido à pandemia.

A informação é muito importante e o grupo conseguiu criar essa rede onde uma passava informação para outra, tentando ajudar famílias que ficaram mais vulneráveis por causa da pandemia, mulheres que passaram a ser mais agredidas e abusadas no seu cárcere privado que acaba sendo muitas vezes o seu lar, assim como as crianças.

Então, por ser Promotora Legal Popular, como alguma das outras, a gente troca essas informações, de doações de alimentos, arrecadação para poder ajudar essas famílias vulneráveis.

A espiritualidade também foi tema no grupo - e me refiro à espiritualidade mesmo e não religião. Houve momentos em que fizemos uma corrente de fé para ajudar aquela do grupo que estava precisando desta ajuda.

Com palavras de incentivo, de carinho, através das orações e formas de orações de cada uma, e saber que mesmo virtualmente tu tens alguém querendo teu bem, possa estar orando por ti, isso é uma benção. Eu conheci muitas pessoas de outras religiões, católicas, adventistas ou evangélicas, e nunca me importei de quando elas me disseram que iam orar por mim pelo meu bem. Isso eu vou agradecer sempre, pois isso no mundo atual é muito difícil...

## **Estar nesse grupo me faz sentir viva e faz o sangue pulsar em minhas veias**

Djanira Correa da Conceição<sup>1</sup>

Quando fui convidada a participar do curso no IFRS Campus Restinga fiquei em dúvida, o que eu poderia ensinar ou aprender? O curso seria dado por mulheres lideranças comunitárias da Restinga juntamente com professores, e foi uma grata surpresa. Já no primeiro dia fui surpreendida pelo poder de fala das colegas e quão grande era o conhecimento delas. Falamos sobre economia, política, direito humanos e nessas falas senti como estava sendo bom estar ali. Me senti acolhida. Neste momento senti a potência e poder de suas falas e o porquê delas estarem onde estão.

Apesar de estarmos nos anos 2020, as mulheres ainda têm seus direitos negados por uma sociedade machista e preconceituosa, onde as políticas para as mulheres mesmo já existindo no papel não são implementadas de fato, onde nós mulheres trabalhadoras não temos creche públicas de qualidade para deixar nossos filhos a contento para todos, o nosso atendimento médico é precário. Então fazer esse curso foi muito enriquecedor, pois aprendi que não devo ter medo de reivindicar os meus direitos e também ensinar a outras mulheres a não ter medo de exigir o que é seu por direito.

Eu sinto que nós mulheres temos muito o que avançar, pois nossa representação nos espaços políticos ainda é muito baixa, e precisamos também fortalecer nossa democracia que anda sofrendo muitos ataques. Quando defendemos nossa democracia estamos defendendo nossos direitos à vida. Direitos a termos

---

<sup>1</sup> Professora no Curso de Extensão “A emergência das mulheres na ação comunitária e liderança comunitária na Restinga”.

casa, escolas, saneamento básico, alimentação saudável. E, hoje, infelizmente esses direitos são negados a muitos de nós.

Esses são os motivos que me fizeram aceitar o convite feito pela Thaís e participar do curso juntamente com essas mulheres líderes e dividir nossas experiências, pois todas nós temos um trabalho em diferentes áreas nas nossas comunidades. Eu, enquanto liderança, sempre participei das lutas por melhorias na saúde e em defesa do Sistema Único de Saúde, o nosso (SUS). Fui também coordenadora por duas gestões do Conselho Municipal de Saúde de Porto Alegre, onde o controle social se faz presente. E por melhorias na educação infantil e educação em geral, eu, juntamente, com outras lideranças, que hoje já não mais atuam mais por diversos motivos, conseguimos trazer para a Restinga o primeiro Pré-Vestibular Popular, que por muito tempo funcionou na Associação Núcleo Esperança, que foi o Pré Vestibular Esperança Popular, em parceria com a UFRGS, e o Pré-Vestibular Zumbi dos Palmares, de Viamão.

Essas são as lutas que me orgulho de ter participado. E esse nosso grupo do curso só me fez ver que eu ainda preciso estar nas boas lutas, pois elas só me fortalecem com suas falas e ensinamentos. E mesmo trabalhando como doméstica, decidi que o pouco tempo que me sobra continuo a participar do grupo que formamos pois ele nos ajuda até para fortalecer nosso psicológico e me ajudam muito, porque mesmo não sendo considerado um trabalho formal, mas sim um trabalho de terceira categoria, o trabalho doméstico suga nossas forças e o nossa saúde mental, porque trabalhamos para família, vivemos muitas vezes os problemas da família, mas não somos da família. E muitas vezes quando cobramos algum direito nosso com mais veemência somos tachadas de furiosa ou de loucas. Essa profissão, sendo uma das mais antigas, é a que tem seus direitos desrespeitados. Mesmo já existindo leis elas são pouco cumpridas. E nesses tempos que nosso país está vivendo precisamos mais do que nunca fortalecer o Controle Social, pois esse é seu papel, de fomentar as boas lutas.

Esse ano 2020 está sendo um ano que eu jamais pensei que existiria, nunca pensei que poderia acontecer uma pandemia de tal envergadura, com tantas mortes e tantos desrespeitos por parte dos nossos governantes, onde vidas são só números e milhares de pessoas perdendo empregos e quase nada sendo feito por parte dos governos para socorrer essas famílias que só não morreram de fome porque a sociedade civil organizada, ONGs e muitos de nós ajudamos essas famílias com sacolas básicas. Mas como ficará daqui pra frente? Esse governo querendo dar para as famílias uma ajuda emergencial de R\$200 reais... Como uma família com 4 pessoas se manterá por um mês? Onde muitas dessas famílias o chefe perdeu seu emprego ou porque a chefe da família é uma mulher empregada doméstica que foi a primeira a ser dispensada? São perguntas que ficam sem respostas. Essas são discussões muito debatidas por esse nosso grupo onde mulheres militantes dos direitos humanos trabalham muito por mulheres menos favorecidas, ensinando a irem atrás dos seus direitos.

A mim cabe continuar na defesa daquilo que eu sempre acreditei. Mulheres unidas jamais serão vencidas. E digo mais, se o povo soubesse usar a força e o poder que tem quando se une, esses governos não fariam o que fazem com o povo. Então, eu torno a dizer, estar nesse grupo me faz sentir viva e faz o sangue pulsar em minhas veias, porque enquanto há vida, há esperança, enquanto houver mulheres decididas a lutarem por outras mulheres, crianças e velhos, há esperança. Para isso se fortalecer precisamos eleger mais mulheres para as três esferas de governos. A política também é um assunto que é debatido no grupo que me encanta, porque mesmo não querendo, a política faz parte do nosso dia-a-dia e para isso não precisa ser a política partidária. Sendo assim, nossa luta é todo dia e onde for preciso.





## Sororidade

Mahira Agni<sup>1</sup>

Estou neste grupo para multiplicar ações sociais com meus pares. Já conhecia a Thaís em outros momentos no IFRS, então ela me falou da proposta e que eu iria gostar de participar, e as convidadas mentoras do curso são minhas amigas. Me senti extasiada, emocionada, participativa e empoderada ao integrar o curso. Este grupo representa para mim motivação, nos momentos em que quero parar lembra que não estou sozinha.

Sou líder comunitária, facilitadora de ações sociais durante todo ano na Ocupação Mário Quintana e em outras comunidades periféricas. Sou voluntária na dança e na educação. Depois que a pandemia começou, acentuaram nossas ações sociais, com doação de roupas, calçados (de zero a melhor idade), cobertores e quentinhas.

Os assuntos que eu mais gosto ou mais me tocam neste grupo são a historicidade da mulher pelo mundo e pelos tempos, de luta e resistência. E a sororidade é o sentimento mais significativo pra mim neste grupo, que me deu mais força e empoderamento para continuar com a ajuda de meus pares.

---

<sup>1</sup> Estudante do curso e liderança comunitária



## Aconteça o que acontecer sempre podemos recomeçar

Karina Ferreira<sup>1</sup>

É com imensa satisfação e com o coração recheado de gratidão que escrevo sobre essas mulheres incríveis que conheci através do curso.

Fiquei sabendo do curso através do WhatsApp no grupo das Meninas Crespas. Alguém compartilhou e eu super me interessei em fazer. Tive que trocar com a minha colega de trabalho pra conseguir fazer.

No início ela não queria, mas expliquei que era super importante pra mim e com certeza a minha intuição não falhou. Hoje levo essas mulheres incríveis pra minha vida. São trocas de saberes que me agradam e agregam.

Ninguém pede nada em troca, são generosas, participativas, dão sábios conselhos e são boas ouvintes. Me sinto grata!

Conversamos sobre todos os tipos de assuntos: política, sexo, filhos, religião, culinária, estudos, saúde... Agora na pandemia esse grupo é fundamental. Se criou uma corrente do bem. Ao qual auxiliamos as pessoas e nos auxiliamos.

Não temos medo e nem receio de nos expor entre nós, de conversar aquilo que estamos sentindo, nossos medos e fragilidades e também alegrias. É um laço forte de amizade que se criou. Fazer o bem é tão gratificante. Saber que existem mulheres tão generosas, prestativas e que num mundo tão cruel, elas ainda têm muito o que ensinar e muito amor pra dar.

Quero, enquanto Deus me permitir respirar, fazer parte desse grupo potente que me faz acreditar que ainda existem pes-

---

<sup>1</sup> Estudante do curso e liderança comunitária.

soas do bem, dispostas a somar, dividir e multiplicar. Eu costumo dizer que sou rica de tudo que o dinheiro não compra e realmente sou, por ter pessoas tão especiais na minha vida. Aprendi com elas a não desistir, ter força. Aconteça o que acontecer sempre podemos recomeçar.

## O mais marcante foi a minha mãe ter ido junto

Kathielly Pereira<sup>1</sup>

Bom por onde começar, soube do curso através de uma PLP chamada ROSANGELA, a qual sou amiga há algum tempo. Logo que ela me falou sobre o curso achei que seria algo mais robotizado, porque não se é visto muito esse tipo de curso... Logo na primeira aula me deparei com a melhor cena possível, todas as mulheres que eu vi durante meu crescimento na Restinga e que até então, mesmo morando no mesmo bairro, o contato não era tão grande. Algumas conhecia só de vista, mas o mais marcante foi a minha mãe ter ido junto. Há algum tempo eu estou participando dos movimentos de moradia e de solidariedade da comunidade e sempre que possível levo ela para ela poder ver como funciona e também para o crescimento dela. Minha mãe é empregada doméstica, não teve muita oportunidade. Criou 3 filhas sozinha, sem bolsa família ou qualquer ajuda do governo. Sempre que ela podia estava presente na nossa vida, cada etapa vencida era como se fosse um prêmio pra ela. Nunca vou me esquecer o que ela falava – filha nessa vida se não tiver estudo você não será nada. O que você tem de conhecimento, teus estudos ninguém nunca irá lhe tirar. Minha mãe largou os estudos muito cedo, teve que ir trabalhar e sempre abriu mão dos estudos dela por nós e hoje a gente a incentiva a estudar. Hoje sou eu que a levo nos cursos, sou eu que falo – já fez teu dever? hahah

Ela já está cursando o ensino médio e eu me orgulho muito dela, dessa mulher que quem vê pela primeira vez acha que é general mas tem um coração enorme. E na verdade a vida lhe

---

<sup>1</sup> Estudante do curso e liderança comunitária.

impôs uma armadura de postura e firmeza.... Então um curso de feminismo seria o ideal. A cada dia mais nos moldamos às experiências que vivemos... Ela estava cheia de preconceitos porque quando falamos de feminismo, como ela mesmo diz, o que nos vem primeiro na cabeça é mulheres mostrando o peito, mulheres fazendo xixi. Somos criadas para pensar isso. Mas no primeiro dia já fomos recebidas de uma maneira que eu nunca vou esquecer. Na minha frente mulheres com tanta bagagem, com milhares de experiências, foi muito bom. No primeiro dia já tinha me dado conta que na verdade eu estava indo ser plateia de mulheres incríveis, de momentos de falas descontraídos, de temas muito polêmicos e ao mesmo tempo de brincadeira, de troca de experiência.

Foram alguns encontros lindos, cheios de lágrimas sim, porque se um monte de mulher se unir e não sair choro não é um encontro de mulheres hahahhahah... Alguns em que saí mais reflexiva sobre a minha atuação onde moro e em relação às pessoas que convivo. Alguns momentos em que fui plateia de verdadeiros debates sobre a nossa evolução, das conquistas de direitos, da descoberta de façanhas que por viver em um mundo onde o machismo se sobressai, onde pegam nossas ideias e tentam colocá-las contra nós ou as tiram e se apropriam de conquistas nossas como se fôssemos meras coadjuvantes das nossas próprias vidas. Hoje eu tenho a certeza de que participo de um grupo não de mulheres empoderadas mas sim de um grupo de mulheres grandes nas suas ações, conquistas, e principalmente de um grupo de mulheres que resistem a tantas desigualdades. Há tanta falta de apoio e mesmo assim elas conseguem ser o norte uma das outras, de sempre ter uma palavra de apoio que conforta com estratégias de sobrevivência nesse mundão louco que vivemos... Acredito que hoje somos muita mais que um grupo, somos família, dividimos conversa e diálogos que só nós sabemos o quão é importante para sobreviver nesse mundo... e não esquecendo da mulher que foi responsável por tudo isso, Thaís, a pessoa que eu conheci lá

por volta de 2010 ou 2011, quando eu chegava no IFRS cursando o concomitante, ela mais séria, sempre lutando pela inclusão de todos. Quem diria que alguns anos depois nossa vida se cruzaria novamente e dessa vez de uma maneira tão mágica, sim pelo poder que ela tem de nos incentivar a ser sempre o melhor, por estamos cansadas..., mas vamos seguir na luta o quanto ela eleva a nossa autoestima mesmo que a dela não esteja na melhor... Eu nunca imaginei que ela seria a responsável por tantas decisões que eu tomei, por tantas histórias da minha vida. Thaís, só quero te dizer que te amooo, minha inspiração.. obrigada por todo aprendizado, obrigada por pensar tanto nos outros, por ser esse ser tão iluminado que ajuda a todos, por todos os teus esforços... que tu continues sendo esse mulherão que só traz coisas boas. Te desejo o melhor do mundo...

Bjss, Kathy





## Eu sou porque somos

Thaís Teixeira da Silva<sup>1</sup>

Lugar de fala. Sororidade. Feminismo. Alteridade. Igualdade. Interseccionalidade. Palavras complicadas, ou nem tanto. Que transitam diariamente em nossas vidas. Mas são palavras que só fazem sentido se colocadas em prática para além de estudos acadêmicos. Falar em igualdade e pensar que o único conhecimento autorizado é o acadêmico não é praticá-la.

Minha trajetória de mulher, branca, trabalhadora, mãe de 3 filhos, servidora pública, estudante, foi constituída em espaços privilegiados, e outros nem tanto. Com base nesses pressupostos pessoais comecei a reflexão de que forma poderia usar do meu espaço privilegiado para oportunizar outras vozes silenciadas de serem escutadas. Assim surgiu a proposta do curso de extensão “A emergência das mulheres na ação comunitária: narrativas, feminismo e direitos humanos”, resultante da pesquisa realizada no âmbito da comunidade do Campus Restinga do Instituto Federal do Rio Grande do Sul (IFRS), como produto do Mestrado em Educação Profissional e Tecnológica do IFRS - Campus Porto Alegre.

Dizem que os estudos de gênero funcionam como uma lente que quando colocamos o mundo não volta a ser visto por outra ótica. É uma ferramenta de análise, uma perspectiva de mundo, mas ainda uma postura revolucionária perante o mundo e as ciências, ditas neutras e objetivas. É nisso que acredito, que as mulheres podem desconstruir um mundo fundado em relações

---

<sup>1</sup> Produtora cultural, organizadora do curso e da publicação. Trecho adaptado da Dissertação de Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica, do IFRS - Campus Porto Alegre, finalizado em novembro de 2019.

competitivas e patriarcais. Para isso, precisamos fortalecer-nos mutuamente enquanto coletivo de mulheres, para que possamos atuar enquanto alicerces desta transformação do mundo. Da mesma forma, entendo que precisamos de alguma forma reconhecer a interseccionalidade inerente a determinados aspectos sociais. Ao reconhecer o meu espaço de privilégio, de acesso a espaços institucionalizados, acadêmicos, de formação, decidi que ele seria compartilhado com outras mulheres, também invisibilizadas, mas de grande potência (trans)formadora, oportunizando um espaço de fala para que suas trajetórias e seus conhecimentos pudessem ser reconhecidos e difundidos.

É do lugar do privilégio compartilhado (em certa medida) que busco acessar outras vozes, outras experiências silenciadas, oportunizando um espaço-tempo para que contem sua própria história e constituam a representação de suas trajetórias e do seu território narradas por elas mesmas. Sobre o silenciamento de alguns corpos, Berth (2018, n. p)<sup>2</sup> nos fala:

A partir da frase da ativista negra brasileira Monique Evelle, em 2015, quando afirmou em palestra ‘nunca foi tímida, fui silenciada’. Essa afirmação denuncia um sistema que funciona na opressão pelo apagamento, assim como a feminista negra caribenha Audre Lorde quando diz que ‘o peso do silêncio vai acabar nos engasgando’. Assim como Dotson, Audre reflete que tal silêncio não é individual, mas sim um silenciamento institucional, uma conduta, uma ação em provocar esse silenciar de grupos subalternizados.

A partir da minha chegada ao Campus Restinga, no ano de 2010, tive a oportunidade de (re)conhecer as histórias de diversas lideranças femininas do bairro Restinga, na cidade de Porto Alegre, lugar onde trabalho. A proximidade de relação com a Comissão de Implantação da escola técnica na Restinga, a parce-

---

<sup>2</sup> BERTH, J. **O que é empoderamento?**. Belo Horizonte: Letramento/Justificando, 2018. Edição do Kindle.

ria na realização do Programa Mulheres Mil e em outras ações, fez aprofundar a admiração e o interesse na construção das trajetórias destas lideranças. Mais ainda, percebi que grande parte destas lideranças eram (e são) mulheres, inclusive a presidente da Comissão que batalhou para que houvesse um campus na Restinga. Ao me aproximar da temática relacionada a mulheres e empoderamento, os estudos e leituras da área foram significando o que na minha experiência vivenciava: as violências e desigualdades de gênero cotidianos em uma sociedade patriarcal. Violências nem sempre aparentes, mas constantes, limitadoras e opressoras tanto institucionais quanto no espaço privado, gerando um círculo de retirada das mulheres da vida pública e do mundo do trabalho.

A criação dos IFs era uma política pública sendo executada para descentralizar a educação de maneira qualificada e promover o desenvolvimento local nas regiões em que se encontrava. Cheguei ao IFRS, pelo antigo CEFET-BG, em Bento Gonçalves. Após um ano e meio no interior, em Bento Gonçalves, fui convidada a trabalhar em um novo campus do IFRS que estava sendo implantado no bairro Restinga, na cidade de Porto Alegre. Alguns questionamentos surgiram na cabeça. O companheiro buscou no Google: “assassinatos na Restinga”, e o que apareceu? “Assassinatos na Restinga”. Meses antes de me mudar para a cidade de Bento Gonçalves, em 2008, lembrava de ver notícias do assassinato cruel de uma líder comunitária, dos assaltos aos bares e minimercados, do “fracasso” do distrito industrial, das brigas de gangues entre as duas alas do bairro. Meu chefe na época, que participava de algumas reuniões com a comissão de implantação do campus na Restinga, composta por membros ativos e ativistas desta comunidade, me dizia que o bairro era a minha cara e o meu chão. Conheci a história, o bairro, as pessoas e me apaixonei.

A cada encontro com a Comissão de Implantação do Campus Restinga, bastante presente no nosso cotidiano até final de 2012, e, após, com diversas lideranças nas parcerias relacionadas a projetos e ao Mulheres Mil, o relato, as narrativas e as histórias

contadas eram de admirável engajamento e dedicação, bem como sua luta para que a comunidade aparecesse para além do noticiário policial e para que a juventude do bairro, seus filhos e filhas, vizinhos e vizinhas, tivessem alternativas para além da violência, da exclusão e da discriminação.

Ao longo desta trajetória, que soma mais de 10 anos no bairro, criei vínculos e afetos e senti necessidade de conhecer melhor essas histórias e fazer conhecer quem eram essas mulheres, essas lideranças. Qual espaço de escuta elas podem acessar? Como se identificam e como são representadas? Como se constitui sua trajetória e qual a sua perspectiva dentro da comunidade, da sociedade, do mundo? Que papel exercem na transformação do seu entorno? Como entendem sua colocação no mundo? Como pensam a sociedade a partir da sua posição enquanto mulher? Como isso impacta em suas trajetórias e o que podemos apreender a partir delas? Que saberes e experiências estas mulheres podem compartilhar conosco, que não são escutados porque não detêm visibilidade nem certificado?

E, assim, dei início à proposta, conversando e mostrando a ideia, depois realizei as entrevistas nas quais identifiquei alguns temas convergentes e colocamos em prática nossa proposta de curso ministrada em conjunto com elas, voltado a mulheres, à formação de mulheres, valorizando os saberes destas mulheres, introduzindo conceitos teóricos dos estudos de gênero e feministas, de direitos humanos e que segue rendendo muitos outros projetos.

Aqui trago a importância da necessidade de aprofundar o papel da instituição como propulsora de um conhecimento democrático, plural, transversal e acessível às comunidades em que está inserida, alçando a instituição pública de educação como casa do saber acadêmico e popular que dialogam e convergem no sentido da promoção de uma condição humana social e cultural menos desigual.

Como diz o sociólogo Boaventura de Sousa Santos, a experiência social mundial é ampla e variada, mas é desperdiçada pela

ideia de progresso, que toma as experiências e saberes das comunidades, dos trabalhadores, das crianças e de tantos outros como “resíduos” de um tempo passado ou, simplesmente, como “ignorância”. Quando a pedagogia separa teoria e prática, atribuindo a si o lugar de teoria e a estes atores o lugar da prática, enaltece a primeira em detrimento da segunda, e acaba desperdiçando o conhecimento com o qual não se identifica. (SINGER, 2011, p.26)<sup>3</sup>

Os Estudos Feministas, ou Teorias Feministas, mostram a invisibilidade dos sujeitos nas ciências, sempre tidos como «outros», feitos por sujeitos hegemônicos. Parte do entendimento de que quem produz o saber o transforma. Aponta os múltiplos lugares de conhecimento, introduzindo nas práticas de pesquisa a ferramenta da interseccionalidade. Traz à centralidade do conhecimento e de sua produção sujeitos subalternizados, o «outro» dentro de uma conduta normalizada, introduzindo que o outro é sempre relacional e nunca universal. Estes sujeitos - mulheres - passam a construir conhecimento também enquanto campo teórico de saber.

Quando iniciamos os estudos de gênero e feministas iniciamos um caminho sem volta. Passei a olhar tudo sob a lente dos estudos de gênero e a perceber como nossos espaços públicos são constitutivos majoritariamente por homens, brancos, ricos, heterossexuais ou heteronormativos. São eles que produzem representações e agenciam todos os demais grupos, formulando e aprovando políticas, leis, normas e produzindo conhecimento de um ponto de vista restrito a um único lugar de fala. Sobre isso, Sousa (2019, p. 302)<sup>4</sup> fala:

Historicamente, as mulheres são sub-representadas em diversos campos de discussões de temas de interesse público, principalmente por sofrerem as barreiras para alcançar

---

3 SINGER, H. **Pesquisa-ação comunitária**. Coleção Tecnologias do Bairro Escola. V.1. São Paulo: Editora Moderna, 2011.

4 SOUSA, S. L. B. C.; NERY, I. S. Peso de ser mulher: as políticas públicas na conciliação entre lar e trabalho. **Revista FSA**, v. 16, n. 2, pp. 296-317, 2019.

postos de poder. Neste sentido, a esfera pública burguesa ainda é predominantemente masculina, debatendo temas e formulando uma opinião pública através de um ponto de vista que privilegia os homens, deixando muitas vezes de abarcar as diferenças e as contribuições das minorias.

Apesar de as mulheres estarem conquistando os espaços públicos, embora poucos e subvalorizados, continuam assumindo as demandas do espaço privado de maneira bastante ativa e desigual. As mulheres chefiam 87% das famílias monoparentais com filhos e 67% das famílias de uma maneira geral, em que pese permaneçam ao longo do tempo as desigualdades salariais e no exercício das atividades domésticas.

Quanto mais avançam as ações de promoção de políticas públicas de equidade e de combate à discriminação de grupos minoritários, maior se torna a retaliação por parte de quem detém os privilégios de fala, de poder e de discurso sobre o outro. Ressalto que o entendimento de grupos minoritários se dá não em termos quantitativos, mas com relação à constituição de coletivos composta por indivíduos com difícil ou nenhum acesso a direitos fundamentais e aos espaços de representação e decisão, sendo as principais vítimas das desigualdades e violências estruturais e institucionais. Neste sentido, podem se configurar como uma maioria absoluta em números, mas em acesso de direitos carecem de um suporte do estado na promoção de políticas públicas voltadas a estes coletivos.

Não por acaso, toda luta social que mexe em acúmulos e excedentes de privilégios provocando uma tensão estrutural na sociedade, pelo incômodo premeditado de indivíduos que estão em uma posição de conforto social, tende seguramente a ser alvo de estratégias de autoproteção desses grupos, que acabam por criar estratégias quase instintivas de defesa aguerrida de seus interesses. É o movimento reativo que ao menor sinal de perigo sai em defesa daquilo que acredita ser seu por direito (BERTH, 2018, n. p)<sup>5</sup>.

---

<sup>5</sup> Ibidem.

Como nos elucida Berth (2018), o poder hegemônico tenta por todos as formas retroceder na conquista dos direitos humanos destes grupos minoritários. Assim, vemos ao longo de nossa história diversos movimentos e momentos reacionários, conservadores e patriarcalistas justo quando as pautas de igualdade estão promovendo tensionamentos sociais a partir de políticas públicas conquistadas à base de representatividade e participação.

Neste sentido, trabalhar projetos e ações que promovam processos profundos que vicejam à transformação social é inerente à condição de empoderamento, alicerçada nas leituras de Batliwala (1997)<sup>6</sup> e de Berth (2018)<sup>7</sup>. Não é possível empoderar-se sem empoderar sua comunidade e as pessoas que padecem das mesmas ou outras opressões. O empoderamento necessita de um sentido e um significado ativo que certamente não significa aquele apropriado pela cultura liberal, que em vez de desatar os nós fazem aumentar e mascarar as desigualdades estruturais e estruturantes da cultura e da sociedade patriarcal e racista em que nos encontramos e sob as quais nossas instituições são construídas.

É importante ressaltar a ligação dos processos estruturais de dominação masculina numa sociedade alicerçada nos valores de agressividade e violência com as taxas de feminicídio. O Brasil é o quinto país com a maior taxa de feminicídio no mundo, segundo a Organização Mundial da Saúde. O termo feminicídio é utilizado para especificar o assassinato de mulher apenas pelo fato de... ser mulher. Os dados podem ser ainda piores se considerarmos que muitas notificações de feminicídios ainda são realizadas como homicídios, nomenclatura que vem, aos poucos e com muita formação e informação, se transformando.

Essa situação tem vinculação direta com a representatividade nos espaços de decisão das políticas públicas, onde as mu-

<sup>6</sup> BATLIWALA, S. El significado del empoderamiento de las mujeres: nuevos conceptos desde la acción. In: Magdalena León. **Poder y empoderamiento de las mujeres**. Santa Fé de Bogotá: T/M Editores, 1997. Pp. 187-211.  
<sup>7</sup> Ibidem.

lheres não estão sendo representadas e nem seus direitos. Hoje vivemos um recrudescimento da violência contra a mulher e outras minorias, autorizadas por um discurso do poder vigente baseado num patriarcado agressivo, misógeno e racista. São inúmeros os exemplos e situações de violência e discriminação de gênero, as quais aqui não nos cabe ressaltar. Para tanto, basta abrir os noticiários e redes sociais e observar a forma como se constituem os discursos, para além dos atos físicos de violência contra as minorias.

Essas violências só poderão ser banidas, ou pelo menos minimizadas e responsabilizadas, a partir da ocupação, da escuta, da representatividade e do empoderamento destas minorias. Propostas como a do curso de extensão realizado e das ações conduzidas pelo grupo Mulheres em Curso são exemplos na consolidação de uma resistência baseada nas micropolíticas do cotidiano, nas construções coletivas de espaços variados de participação, institucionais ou não, que promovam novos pensares, novos relacionamentos consigo e com o/a outro/a e, em especial, apostam na interface entre os movimentos sociais e populares e a academia, promovendo espaços democratizados de saberes, para além dos discursos acadêmicos e das teses publicadas em artigos científicos, que de alguma forma, validam estes saberes.

É preciso, para isso, considerar que os ritos e tempos acadêmicos não dão conta da vida. Menos ainda da vida de mulheres, de trabalhadoras. Desta forma, articular tantos sujeitos que mobilizem uma outra proposta de pensar academicamente entrava tanto em prazos quanto em procedimentos. Uma pesquisa, um trabalho “com” se permite ser repensado a partir das trajetórias e dos lugares de fala, dos tempos do trabalho e da saúde, dos tempos da infância, dos tempos até mesmo da terceira idade. Nesta caminhada proposta “com” é inevitável que sejamos atravessadas e tangenciadas por questões não pautadas nem planejadas. Neste enfoque, ao realizar estudo parto do entendimento de que é imprescindível a interlocução entre os diversos saberes e conheci-



mentos e a importância da valorização pedagógica das trajetórias destas lideranças. Berth (2018, n. p)<sup>8</sup> nos alerta:

Romano se mostra preocupado com o empoderamento ser algo “tecnicizado”, pensado em sala de aula, ao invés de trocas de experiências coletivas e conjuntas de enfrentamento aos variados sistemas de dominação: “isto é, se supervalorizaram os efeitos políticos da ação pedagógica em detrimento dos efeitos pedagógicos da ação política”.

Neste sentido, para a desconstrução dos preceitos patriarcais que regem a sociedade, é necessário que as vozes de múltiplos sujeitos sejam escutadas e possam ser tratadas de forma igualitária. É importante observar que esta diferença é sempre nomeada a partir de um lugar de poder. E assim também ocorre em todos os espaços, mesmo o composto pelos feminismos. Essa diferença pode também servir à restrição e fragmentação, pode definir a pertença ou a exclusão e sempre remete a coletividades. Segundo Scott (1995)<sup>9</sup>, não há sentido em se reivindicar a igualdade para sujeitos que são idênticos, ou que são os mesmos. Na verdade, reivindica-se que sujeitos diferentes sejam considerados não como idênticos, mas como equivalentes.

Com base nestes conceitos teóricos, buscamos a articulação com as práticas deste coletivo de mulheres participantes do curso, com o objetivo de promover a formação de novas lideranças ou sujeitos de participação que atuassem nos espaços de maneira qualificada, com base nos conhecimentos e experiências partilhados, com assuntos apresentados dentro de um encadeamento que fizesse sentido e produzisse significados. Analisamos processos de empoderamento a partir de práticas comunitárias que auxiliaram na construção de que estas mulheres, lideranças comunitárias ou não, “descobrissem” sua for-

---

8 Ibidem.

9 SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Revista Educação e Realidade**, v. 20, n. 2, pp. 71-99, 1995.

ça e pudessem atuar nos processos de emancipação de outras mulheres. Nesta direção, os relatos das lideranças entrevistadas trazem a mesma percepção verificada no estudo de Maria da Glória Gohn (2007)<sup>10</sup>:

As mulheres são maioria nos movimentos feministas, nos movimentos populares de luta por melhores condições de vida e trabalho e nas redes e fóruns transversais que ultrapassam as fronteiras nacionais. Nos movimentos organizados segundo a temática do gênero, as mulheres destacam-se por serem as que têm tido os maiores índices de participação e de organização de suas demandas em entidades associativas (certamente estamos considerando nos movimentos de gênero a presença feminina e a masculina). As mulheres também sustentam, majoritariamente, as redes solidárias de projetos sociais que trabalham pela inclusão de crianças e adolescentes nas ruas; educadores das escolas articulam-se com grupos comunitários e desenvolvem trabalhos contra a violência e o uso de drogas. Portanto, quer como grupos de mobilizações de causas femininas, quer como participação feminina em diferentes mobilizações, as mulheres têm constituído a maioria das ações coletivas públicas. O conjunto dessas ações une categorias sociais, que criam sujeitos, que produzem movimentos sociais. Apesar dessa presença toda, existe uma invisibilidade da atuação das mulheres (GOHN, 2007, p. 44).

A presença de mulheres nos movimentos comunitários é fato notório empírica e cientificamente, embora historicamente invisibilizado. Para as lideranças entrevistadas e segundo as reflexões propostas no penúltimo dia de curso, esta participação fica ainda restrita majoritariamente a questões relacionadas ao cuidado ou aos movimentos que buscam a equidade de gênero.

---

10 GOHN, Maria da Glória. Mulheres – atrizes dos movimentos sociais: relações político-culturais e debate teórico no processo democrático. **Revista Política e Sociedade**, v. 6, n. 11, pp. 41-70, 2007.

Segundo os estudos de ANDRADE (2013)<sup>11</sup>, a liderança comunitária traz consigo a função da influência e condução do grupo, mas também de representatividade e como intermediários entre as demandas comunitárias e seus agentes externos, seja o poder público ou outras instituições sociais ou políticas. Na Restinga, percebo que as lideranças exercidas pelas mulheres trabalham duplamente no sentido de mobilização da comunidade bem como de articulação de demandas junto ao poder público, com atuação em conselhos comunitários, associações, organizações não-governamentais ou outras entidades da sociedade civil. Durante nossos encontros foi trazida a importância da participação das mulheres na construção destas políticas a partir dos tensionamentos dos movimentos sociais.

Em que pese a maior participação de mulheres nas fileiras dos movimentos sociais, organizados ou não, ainda é difícil de verificar uma institucionalização de mulheres como coordenadoras destes processos devido aos fatores relacionados às discussões acima estabelecidas relacionadas à divisão sexual do trabalho, gênero e scripts de gênero. Estes movimentos patriarcais retiraram as mulheres dos espaços institucionalizados. E, de maneira geral, o bairro Restinga aparece na grande mídia como lugar de violência e exclusão, com algumas raras exceções que dão conta justamente do trabalho coletivo de lideranças. Já quando nós mesmas relatamos sobre o bairro e nossas experiências a partir dele, percebemos uma relação de afeto e de partilha, forjadas na luta solidária construída numa liderança partilhada. Essas mulheres exercem sua liderança e trazem nas suas trajetórias a partilha comunitária, o apoio mútuo e a construção coletiva. São professoras e nós as alunas.

---

11 ANDRADE, Rodrigo Rojas. El liderazgo comunitario y su importancia en la intervención comunitaria. **Psicología para América Latina**, Chile, v. 25, pp. 57-76, 2013.



## **Histórias de vida. Histórias de afetos.**

Lideranças femininas comunitárias por elas mesmas.

Entrevistas realizadas durante o mês de abril de 2019, como instrumento de pesquisa para o mestrado profissional. Entrevistadora: Thaís Teixeira da Silva.



## Entrevista com Almerinda Lima

[Liderança comunitária da Chácara do Banco, localizada no bairro Restinga. Realizada em abril de 2019, para o curso de extensão A emergência das mulheres na ação comunitária].

*Qual sua formação?*

Resposta: Ensino médio completo.

*Pergunta: Conta um pouco da tua trajetória pessoal?*

Resposta: É longa, Thaís.

*Pergunta: Como tu veio parar na Restinga?*

Resposta: Eu morava... a gente era imigrante... a gente é natural de Tupanciretã, uma cidadezinha do interior. Eu vim para cá em Porto Alegre com 2 anos de idade junto com meus outros irmãos. Nós somos irmãos em 10. A gente primeiro foi morar no Morro da Glória na Embratel, que era uma invasão. Meu pai veio antes, depois a gente veio. A gente ficou lá um bom tempo da minha adolescência. Acho que a gente saiu de lá do bairro Glória eu tinha uns 18 anos. A gente foi morar na Vila Augusta, em Viamão, quando veio aquele projeto das casas do Demhab, não era Demhab, parecido com Demhab, mas não era Demhab, era BH, uma coisa assim, que era aquele projeto que tinha nas casas que era um preço bem acessível e meu pai conseguia pagar. Ele era pedreiro e a minha mãe era dona de casa. Só que começou as parcelas subir muito alto, muito alto, muito alto. Daí meu pai conseguiu, através do serviço dele que ele era pedreiro daqui de uma firma de construção, indicaram este loteamento aqui onde que a gente mora, que é o loteamento da Chácara do Banco. Então ele veio, fez negociação com

terreno. Era um terreno irregular, agora a gente está no processo da regularização. Não tinha água, não tinha luz, não tinha asfalto, simplesmente era assim uma luz comunitária para todo mundo e a água, não tinha água. Ele que resolveu fazer um poço, que ele distribuía água para todo mundo. E a gente veio para cá.

*Pergunta: Que ano foi isso?*

Resposta: Ah, isso aí foi... a gente chegou aqui em 1980. 81 a gente chegou. Foi aí que foi a construção deste loteamento e meu pai ajudou na construção desse loteamento. Então foi aí que eu vim parar na Restinga. Mas e o meu pai sempre foi, tipo assim, líder... não é líder comunitário. Em qualquer lugar que ele tava ele sempre ajudava em torno os vizinhos. Ou arrumar uma escada, ou arrumar uma rua, ou tapar um buraco. Então a gente foi criada naquilo sempre, fazendo voluntário dentro das comunidades. E aí quando chegou aqui ele se destacou mais, porque ele fez o poço da água, ele começou a distribuir água, ele começou a se envolver na associação de moradores daqui. Começaram a construir o bairro, começaram a ir para o orçamento participativo. E aí já teve um uma eleição para ser o presidente do bairro. Não foi meu pai, mas ele estava na construção. Foi aí que a gente começou a se envolver nisso aí e eu fui criando nisso aí, vendo essa vida dos dois trabalhando, todos nós, meus irmãos, então cada um tem uma atividade. Então a gente foi construindo junto com ele. Por isso que eu parei na Restinga.

*Pergunta: Quantos irmãos vocês são?*

Resposta: Dez. Somos 10 irmãos.

*Pergunta: Moram todos aqui?*

Resposta: Todos em Porto Alegre, mas cada um tem uma atividade, uma é advogada, outra telefonista, a outra é professora e cada uma tem uma profissão. Eu tenho dois irmãos meus que moram no Estado de Santa Catarina e o resto mora aqui em Porto Alegre.



*Pergunta: E quais são as tuas motivações pra tu te envolver com as questões humanitárias... comunitárias, desculpa?*

Resposta: Ah, qual é as motivações?

*Pergunta: o que te motiva?*

Resposta: O que me motiva? É, como é que eu vou dizer, aquela coisa assim de ajudar, de ajudar, de ser humana, isso eu aprendi na minha família. Eu aprendi com meu pai ser voluntário o resto da vida. Sempre ajudando, sempre apoiando, então a gente foi tendo, eu tive aquela construção, de estar junto. É humanitário... e é tão grandioso a gente poder ajudar as pessoas sem ganhar nada. Ganhar é tu ajudar e ver que tu consegues ter sucesso naquilo de poder contribuir com alguma coisa.

*Pergunta: Faz quanto tempo que tu atua aqui como liderança comunitária?*

Resposta: Desde 2005.

*Pergunta: Teve algum marco?*

Resposta: Foi quando meu pai começou abrir a valetas do bairro, junto para o pessoal. Abrir as valetas. Aquilo ali fui aprendendo a gostar porque a gente, quando eu tinha 10 anos a gente distribuía água para os trabalhadores. Então como a gente tinha o poço a mãe enchia as garrafas e nós íamos distribuindo água para as pessoas que estavam trabalhando. Então aquilo a gente foi criando com aquilo ali de gostar, de se envolver na comunidade. Que a construção era para a gente também. Então a gente tinha que melhorar também onde a gente morava. Aquilo ali sempre o pai frisou para gente, a gente tem que ser muito humano com as pessoas. E aquilo foi o que eu comecei a gostar. Meu irmão foi presidente da associação, aí depois eu comecei a me envolver, comecei a gostar e hoje eu sou a presidente do bairro. Meu pai foi fundador e hoje eu sou a presidente.

*Pergunta: E pra ti o que é ser uma liderança comunitária?*

Resposta: Ah, ser uma liderança comunitária é se envolver em todas as políticas do bairro. Não só do bairro, mas de tudo... Aprender, se capacitar, é transmitir a tua informação, não ficar só para ti, informar as pessoas... Isso é líder comunitário, é compartilhar o que tu sabes.

*Pergunta: E quais são as ações que tu realizas enquanto liderança comunitária, já realizou?*

Resposta: Eu já fiz as associações de bairro, que eu também sou diretora da Uampa, que é a União dos Sindicatos de Moradores de toda Porto Alegre, eu fui designada a ser diretora regional da comunidade. Então a construção de vários núcleos que tem dentro da Restinga é a construção de montar associações, estatuto, direção, fazer reuniões... fazer mediação de conflitos, que eu também aprendi, fui formada nisso, então quando tem conflito a gente vai em todas as áreas, principalmente para os jovens, às vezes vizinhos, alguma coisa que tu possas conversar com eles, acalmar, mediar, isso é muito bom, é muito bom.

*Pergunta: E que áreas temáticas tu atua, tem uma atração mais forte? Tem alguma área temática?*

Resposta: Eu gosto de todas, mas eu me identifico mais é com a segurança.

*Pergunta: Por que, Almerinda?*

Resposta: Porque a segurança a gente tem que estar trabalhando com a prevenção. Para segurança a gente tem a educação, tem a saúde, tem todas as temáticas, e a segurança está ali em todas as temáticas. Então meu ponto forte... eu comecei com saúde, eu comecei a me envolver na saúde que eu também sou de conselho local de posto de saúde onde eu moro. Mas aí eu vi que a saúde não me puxava muito. Não que não me interessa, interessa muito também, mas aí eu fui já para o lado da segurança porque a segu-

rança estava envolvendo muito jovens e aquilo ali afetava toda a família. Quando eu fui Mulheres da Paz a gente não trabalhava só com jovem, a gente trabalhava com toda a família. A gente fazia o encaminhamento pros jovens, mas a gente não tinha que tratar só o jovem, tinha que tratar toda a família junto também. Então foi aí que eu comecei a me identificar mais com a segurança para a gente poder entender o lado da segurança e o lado do jovem e da família também. Foi aí que eu comecei a entrar na segurança de cabeça mesmo, de saber por que a segunda era tão represália.

*Pergunta: Mulheres da Paz foi um fator determinante ou teve algum outro curso de formação que tu fizeste que te ajudou, te auxiliou nesta trajetória?*

Resposta: Ser promotora legal contra a violência contra a mulher, isso também foi o estopim que aí eu me vi que teria que entrar nesse tema com mais rigor para poder aprender. Cada dia a gente aprende, né Thaís. Todo dia tu aprendes. Então cada capacitação para mim é o máximo. Hoje eu me sinto, não digo só realizada, mas cada aprendizado eu quero aprender mais, quero aprofundar mais nos assuntos. Tem coisas que eu ainda estou sendo capacitada. Porque às vezes é difícil este tema. Este tema é muito difícil porque atinge agora todas as classes... atinge todas as classes. Então aquilo ali me incomoda, quero entender por que que fazem isso. Então me debato muito com isso.

*Pergunta: Fala um pouco da tua experiência no Mulheres da Paz?*

Resposta: A minha experiência com Mulheres da Paz foi assim, ela era inscrita pela secretaria da segurança do município. Então eles estavam procurando mulheres que já atuavam na região. E vinham nos postos de saúde para ver quem se destacava mais. E aí dentro do posto de saúde tinha a inscrição. Eu fui me inscrever. A gente ficou um ano sendo capacitada, por psicólogo, por advogado, por todas as áreas... E aquilo ali para mim foi assim, um projeto maravilhoso que não deveria ter acabado, porque a

gente trabalhava com os territórios todos da Restinga. A gente tinha base, a gente tinha integração, a gente tinha liberdade, a gente tinha encaminhamentos que nós mesmas, mulheres, nós entrávamos onde a polícia, as pessoas não podiam entrar, mas nós entrávamos. Nós nos sentávamos com os jovens que eram infratores, a gente via que a família toda era contaminada por ser aquele jovem, às vezes até mãe de família e pai de família. Então a gente entrava, conhecia toda família, a gente trabalhava com eles, se tivesse que encaminhar para saúde a gente tinha os formulários. Era referência nós encaminhar eles. Então a gente tinha uma diferença, chegava com aquele papel, sabiam que era mulheres da paz que estava atuando. Que atrás de nós a gente tinha uma equipe de advogado, psicólogo, assistente social. Até nós, às vezes, se comovia de entrar nas famílias pra gente não entrar junto naquele tema, naquele sentimento deles, a gente também tinha que ter uma posição para poder resolver aquilo ali. Então nós também precisávamos às vezes de um psicólogo pra desabafar, pra dizer o quê que nós sentíamos. Então aquele projeto assim eu acho que ele não deveria ter acabado, deveria ter se estendido, e os governos não dão continuidade quando uma coisa está funcionando.

*Pergunta: Em que ano que foi?*

Resposta: Acho que isso aí foi em 2014. 2014... começou o projeto. Não, em 2012 começou o projeto. E aí não durou muito. Foi tudo acabado.

*Pergunta: E o promotoras legais populares também foi um marco ou não?*

Resposta: Foi uma continuidade das Mulheres da Paz. Foi uma continuidade... O tema delas mais era a violência contra a mulher. E Mulheres da Paz não, Mulheres da Paz abrangia tudo. Agrega nosso trabalho muito, mulheres da paz. Cada curso desses vai agregando mais às nossas experiências. Que agora hoje o foco maior é a violência contra mulher, então é uma coisa que também nos interessa muito.

*Pergunta: Tem alguma outra experiência que tu consideras importante para tua formação, teu conhecimento?*

Resposta: Mediação de conflitos também é uma participação muito forte também, porque... é uma continuidade, como eu te falei, do mulheres da paz. Mulheres da Paz, Promotoras Legais e mediadoras de conflito tudo vem agregar o que a gente já aprendeu. Então vai fortalecendo cada vez mais a nossa formação. Isso para nós é muito bom, cada curso que vem em relação a isso e isso aí a gente tem que aprender sempre, sempre, sempre. Se capacitar para poder saber, entender o tema, entender como vai agir contra violência contra mulher, porque a gente tem vários... vê hoje várias formas de combater isso, mas está faltando ainda coisa, está faltando... paras mulheres está faltando. Existe preconceito, existe... na nossa comunidade aqui principalmente a nossa delegacia não é atendida para mulheres vítimas de violência. A gente tem uma delegacia que ela é distrital que abrange tudo. Não tem uma sala especial com uma mulher. Então a gente tem que trabalhar isso aí para que venha essa sala para a gente poder ter esse atendimento para nossas mulheres, porque aqui na Restinga o que a gente tem de mulheres vítimas disso é muito grande. Então a gente tem que melhorar. E lutando sempre para cada vez mais melhorar nossa região.

*Pergunta: E quais são as principais dificuldades e desafios que tu enfrenta no cotidiano da tua atuação?*

Resposta: O desafio sempre é buscar coisas melhores para nossa comunidade, abrindo agendas, conversando com os órgãos competentes, brigando, reclamando... Isso a gente faz, é diário, é tranquilo. O que mais às vezes nos incomoda é a guerra do tráfico, que a gente vê que atinge a nossa comunidade e a mídia mete pau na nossa comunidade, que tem muitas coisas boas, em toda comunidade tem. E isso eles não mostram. Isso incomoda a gente, entendeu? Incomoda. A gente tem que mudar nossa visão, porque a Restinga é um marco assim de guerra né, totalmente

de guerra... porque quando a gente quer as coisas a gente vai conquistar, a gente briga internamente entre nós, mas quando a gente quer buscar alguma coisa a gente vai e vai com tudo. Isso eu acho legal.

*Pergunta: E tu achas que tem alguma diferença entre, por exemplo, ser homem e ser mulher nessa figura de liderança comunitária?*

Resposta: Olha... todo mundo já me fez essa pergunta. Eu acho que tem diferença sim. Eu vejo pela associação de moradores. Foram sete presidentes só homem, eu sou a única mulher. Então quando eu cheguei ali, claro, eu não estou dizendo que meus colegas que foram antes cada um faz a sua parte, mas nós mulheres já somos mais assim um outro olhar. A gente busca, a gente enfrenta, a gente debate, a gente é diferente, é mais, assim, humanitário, mais carinhoso, a gente conquista as falas, a gente conquista as coisas e a gente consegue buscar as coisas do que um homem não consegue fazer. Porque às vezes o homem já tem que aquela coisa assim de machismo, de poder. Nós não, já temos aquele lado feminino, de conversar, de sentar-se, de dialogar, de não brigar. Claro, tem seu motivo, tem seu momento de briga, mas a gente sabe, vai mais delicada, a gente vai mais para ouvir. A gente observa, escuta. Aí dependendo da fala a gente também se posiciona, de uma maneira que a gente tem autoridade também como mulher. Então aquilo ali engrandece a gente. A mulher tem um pouco de diferença do homem, com certeza. Em qualquer lugar que tu vás, a mulher se destaca melhor.

*Pergunta: E como é que tu vê a mulher na sociedade, na comunidade aqui na Restinga?*

Resposta: É bem mais ativa. Bem mais ativa, bem mais atuante. Corre mais, é brigona, é brigona. Tem as suas diferenças, aquela coisa de beleza... uma se puxa mais que a outra, entendeu... Mas não seja assim uma guerra diferente, é uma guerra humanitária, é um coletivo. As mulheres se unem quando ela quer as coisas.

Tem nossos debates internos, mas quando a gente vai para guerra é unida. Uma não solta a mão da outra. A gente praquela coisa é aquilo ali que nós queremos. As gurias aqui nas comunidades elas são bem atuantes. Cada uma são bem atuantes. Em qualquer área elas vão e conseguem se resolver naquelas questões que elas estão. Então eu acho que a mulher é bem forte, muito forte.

*Pergunta: E que saberes tu julgas pertinentes pra quem deseja ocupar estes espaços, que tipo de saberes pra quem quer ser líder comunitária?*

Resposta: Primeiro tem que se engajar nas reuniões da comunidade. Tem que conhecer a comunidade, tem que saber quem é quem e enfrentar qualquer desafio que tem pela frente. Porque preconceito a gente tem quando a gente chega. Eu quando comecei a participar das reuniões eu ia mais para ouvir, nunca me manifestei. Eu queria aprender o que era aquela reunião, para depois eu pegar um microfone e saber o que eu queria. Então eu acho que a gente tem que aprender primeiro a conhecer a comunidade, para conhecer as pessoas e conhecer como dificuldades do bairro, para depois tu poder ir pro enfrentamento e para o debate e tu te posicionar. Essa é a minha posição.

*Pergunta: Dentro deste conhecer o que tu consideras que a gente poderia trabalhar no curso, que tipos de conhecimentos a gente poderia trabalhar?*

Resposta: Levar o conhecimento do nosso dia-a-dia. Levar o que nós fizemos no dia-a-dia, de cada uma de nós. Desde quando a gente chegou na Restinga. Toda nossa trajetória, onde nós estamos, cada uma tem uma... uma é saúde, outra é transporte, da educação. É levar toda essa trajetória que a gente chegou até agora. Desde quando a gente chegou na Restinga, o que nós lutamos, o que nós conquistamos, isso aí tem que ser passado. As dificuldades que a gente teve de conquistar cada coisa que a gente tem dentro da Restinga.

*Pergunta: Como tu vê a mulher na política?*

Resposta: Olha, já me perguntaram se eu queria ser política. Digo ai, eu não quero. Não me interessa. Eu as vejo na política, começa com uma coisa, começa com a comunidade, começa a gente vai apostar nelas e elas se transformam. O que a gente viu como líder comunitária e depois a gente as vê como políticas, vereadora ou deputada não é a mesma coisa que a gente as viu como líder comunitária trabalhando na comunidade. Claro que a gente sabe que ela tem uma posição diferente, que ela tem que ser abrangida, foram eleitas, mas às vezes deixam de lado a comunidade e se transforma em uma vereadora, deputada que só vê a política delas, só o partido delas. Isso pra mim não me interessa. Eu penso que cada líder comunitário tem que ser comunidade, não pode mudar a posição de onde que veio, as suas raízes. E elas se transformam e isso me incomoda.

*Pergunta: Tu achas que só as mulheres ou os homens também?*

Resposta: Os homens também. Eles vão mais é pela ordem do partido, não pelo que eles fazem. Tudo tem que passar pelo partido. Tem que ficar dependendo do partido, só pode fazer aquilo entendeu? Eu acho isso que incomoda as pessoas. Pra mim incomoda porque tu vais lá e elege uma pessoa e ela se transforma.

*Pergunta: Que alternativas tu trarias para continuar trabalhando estas questões a respeito da segurança, por exemplo?*

Resposta: Primeiro eu quero me formar, quero voltar a estudar. Eu fui até o quarto ano de serviço social, assistente social que é uma área que eu amo demais. Não consegui pagar, mas eu quero voltar, quero fazer, quero retornar. É uma coisa que me motiva e eu gosto dessa área. Então essa aí é uma área que eu acho que vai me ajudar muito. De tudo que eu já fiz até agora aí vai me agregar mais ainda para mim poder entender todas as temáticas da assistência social. Vai abranger tudo, segurança, educação, saúde, vai abranger tudo. Isso é minha formação. Quero me for-



mar nisso pra eu poder melhorar mais ainda, para poder debater mais e saber o que eu quero e como eu vou conversar, porque às vezes eu vou pra uma reunião eu não tenho aquelas pautas técnicas. Eu vou mais como comunidade. Eu falo o que eu aprendi com meu pai. Então eu sento lá e me posiciono e eu sei o que eu quero e eu vou responder o que a pessoa vai me dizer, com toda educação, claro, mas dá vontade de mandar longe todo mundo. Mas isso dá, Thaís, mas eu me seguro. Aqui na reunião de comunidade eu solto o verbo. Se posicionou isso, eu falei isso, eu acho que comunidade tem uma voz. E a comunidade de voz é essa aí. Não tem que ter voz técnica. Tem que chegar lá e falar o que é realidade para poder a pessoa sentir o que tu estás passando. Então pra isso é minha posição. É como eu me sinto.

*Pergunta: Já meio que encaminhando pro final, qual tu consideras a importância dessa tua trajetória toda para tu te enxergar Almerinda hoje, na construção da tua identidade, como tu te vês?*

Resposta: Eu me vejo uma mulher pequenininha, mas grande, que eu consigo, que eu consigo muita coisa. Então cada coisa que eu consigo realizar não só para mim, para as minhas colegas, para minha comunidade, aquilo ali me engrandece cada vez mais. Mesmo sendo meu tamanho pequenininho, me engrandece cada vez mais. Não que eu queira este destaque na comunidade, não é isso. Eu quero é... onde eu moro, onde vai ser a minha geração, onde meus filhos foram criados, onde o meu pai faleceu. Eu quero dar continuidade, eu quero deixar o meu legado pra alguém. Quero deixar que alguém siga o que eu já aprendi.

*Pergunta: Tu achas, por exemplo, que este curso que a gente está propondo aqui a partir dessa entrevista, tu achas que é importante, o que tu esperarias como resultado?*

Resposta: Eu estou apostando nele. Eu acho que é um curso maravilhoso, que isso aí vai abrir a mente dos jovens e vai saber se alguém vai se interessar por ver a nossa trajetória. Isso vai

engrandecer cada vez mais, porque a gente tem que, como é que eu vou dizer, tem que deixar um legado para alguém. Temos que apostar nos jovens que estão chegando agora. Sempre tem um jovem que vai se destacar. Então ele vai ver as nossas falas, vai ver a nossa trajetória e vai se identificar com a gente. Então a gente aposta neste curso. Este é um curso maravilhoso que foi proposto e a gente vai, eu com certeza vou apoiar. Porque alguém vai ficar no nosso lugar. Nós não somos eternos. Alguém vai dar continuidade. Então eu aposto nisso aí.

*Pergunta: tens conhecimento de outras iniciativas deste curso?*

Resposta: Eu acho que esse é o caminho, de cada uma de nós ir lá e transmitir as nossas experiências e seguir com isso e que venha mais, mais cursos, que venha mais cursos para nós.

*Pergunta: que cursos tu achas que seriam importantes?*

Resposta: A formação de líderes comunitários e a capacitação de cada um. Eu acho assim é a importância. Porque muitas vezes a gente não... eu sou uma pessoa assim ó burra para lei, porque eu queria aprender essas leis. Às vezes tem coisas, códigos que eu não entendo, que eu tenho que pesquisar, mas a gente for capacitado em lei, sentar-se com alguém, que às vezes fala uma lei pra gente que a gente fica boiando, não sabe o que é. Às vezes fala uma sigla que tu nem sabe o que é, que você tem que chegar em casa para ver o que é que estavam falando. Então a gente tem que se capacitar cada vez mais. Os líderes comunitários têm que se capacitar em política, em leis, em falas, em não ser inibido, ir na frente e falar, pegar um microfone e falar, porque tem muitas pessoas que às vezes sabe fazer a escrita, mas não consegue transmitir a escrita na fala. Então um curso de oratória, desinibição, de ir na frente falar, isso é muito bom pra os líderes comunitários que vão chegar na nova geração. Eles têm que enfrentar um pouco, tem que enfrentar as pessoas. E essas pessoas às vezes tem inibição. É muito bom na escrita, mas na fala não consegue transmitir. Isso

vai engrandecer muito os jovens de hoje, que são muito inibidos, eles não querem muito falar. Alguns se destacam e outros não. Eu comecei a falar, eu aprendi com uma professora no primeiro semestre. Porque eu também não falava. Eu ficava bem quieta lá no último da sala só escutando. Até que foi a minha vez de falar e eu disse pra ela, aí eu não consigo sair. E ela me disse vai para o espelho. Fala no espelho. Foi aí que eu comecei a aprender. Eu digo, mas eu tenho que me enxergar, como é que são meus gestos, como é que são minhas falas. Foi aí que eu comecei a ir para o espelho e aprendi a falar. Uma hora eu vou ter que falar, vou ter que ir pra frente. Eu sou uma presidente do bairro, como é que eu vou reivindicar lá na frente uma coisa que eu quero, eu tenho que falar. Foi aí que eu aprendi. Então eu deixo essa minha dica.

*Pergunta: Tem mais alguma coisa que tu gostarias de falar?*

Resposta: Acho que não. Só estou aí pra contribuir. O que quero é melhorar o nosso bairro. Eu adorei a entrevista, amei.



## **Entrevista com Cláudia Maria da Cruz**

[Liderança comunitária da 5ª Unidade, localizada no bairro Restinga. Realizada em abril de 2019, para o curso de extensão A emergência das mulheres na ação comunitária].

*Pergunta: Qual tua formação?*

Resposta: Técnica em Recursos Humanos. Sabia que a primeira vez depois de formado eu fui consultar no Hospital Conceição e aí tu respondes algumas perguntas daí ela perguntou qual é a tua formação. Fiquei olhando pra ela assim e pensando. E a mulher acho que ficou estranhando né... E eu fiquei assim... ah, eu sou formada em RH... aí disse toda orgulhosa: Técnica em Recursos Humanos no ensino médio. Sendo que se tu dissesse só técnica em RH não precisa nem dizer que é ensino médio. Mas foi muito engraçado aquele dia. Depois eu ria sozinha, porque tu não te dá conta. Sim, porque sempre quando me faziam essa pergunta eu dizia Ensino Fundamental incompleto. Aí aquele dia disse toda orgulhosa, cheguei a rir pra guria. Ela ficou assim sem entender nada... técnica em Recursos Humanos e ensino médio completo. Ainda fui bem taxativa... completo.

*Pergunta: Eu queria que tu contasses um pouco da tua trajetória pessoal, como tu veio parar na Restinga?*

Resposta: A Restinga para mim ela surgiu como uma oportunidade de vir morar aqui quando eu era criança ainda, eu tinha menos de 12 anos. Porque o meu pai, aquele que me registrou como meu pai, mas era meu padrasto, era funcionário público. Então na época que a Restinga foi criada, as primeiras unidades da Nova junto com os apartamentos, o chefe dele que na época

era o Zanella, chegou para ele perguntou se ele queria ganhar um apartamento ou uma casa. E aí ele foi para casa dizer isso. Só que eu e a mãe embestamos que nós não íamos vir morar nesse fim de mundo aqui que ninguém conhecia. E que daí a gente, o que a gente conhecia daqui? Nada... Só sabia que era um lugar que estavam trazendo as famílias para cá, isso foi acho que ali pro final dos anos 70, início dos 80. Aí embestamos e não viemos. Daí ele não quis. Pra tu ver a ironia da vida. Daí aos 12 anos uma tia minha já morava aqui, porque ela ganhou um apartamento ali na Nilo Wulff, eu tive... na verdade eu vim para Restinga, eu vim a conhecer a Restinga não só por causa dessa minha tia porque desde que ela tinha vindo morar que a gente não se via por que eu fiquei muito doente, tive broncopneumonia. Fiquei assim num estado lamentável, estava quase desenganada e além de tudo estava com anemia muito profunda que estava virando quase uma leucemia. Aí a minha mãe falou com essa minha tia que ela tinha três filhos na época pequenos, a minha mãe, para ver se ela me trazia para cá para me cuidar um pouco. Ela já tinha três meninas, mas tudo já mocinha. Então eu vim para Restinga pra me curar a primeira vez. Depois de muitos anos, até porque na época se dizia que o ar daqui era mais puro... Hoje não é tanto, mataram quase todo verde que tem no morro. E daí, depois claro vim para cá direto por causa dessa da minha tia, outra tia veio morar aqui também. E acabou que por fim... só aqui na quinta unidade eu moro há 19 anos..., mas já morei na Flor da Restinga, já morei na Castelo, morei na 4ª unidade da Restinga Nova, já morei lá no Elo Perdido da Restinga Velha, que é a pior parte que tem. Aquilo foi um choque pra mim porque através da grade assim do portão bem em frente à casa que eu estava morando tinha um ponto de tráfico, da antiga Ana Bola, que já é morta, uma traficante que aliciava muitos menores. E um dia um rapaz se aplicou ali do lado de fora, de como eles chamam, de arpão, parece que eles chamavam. E deu um troço nele, ele saiu correndo assim pela rua, corria de um lado pro outro. Aquilo me chocou. Mas naquele

momento eu estava podendo morar, porque na verdade, quando a minha mãe se separou do marido dela, a gente ficou morando de aluguel, e um dia nós fomos morar na casa de uma colega dela em Viamão. Ela nos sobre-alugou um quarto e a gente veio passar um final de semana aqui na Restinga numa amiga que tava passando por uns problemas sabe, estava se separando do marido e tal. Quando eu retornei lá para pegar umas roupas, a mulher disse que tinham entrado lá e roubado todas as nossas roupas e a gente praticamente ficou só com a roupa do corpo. Essa dita amiga acabou que eu fui para delegacia, não pude provar nada, não tinha muita informação. Eu era bem nova ainda tinha uns 20 anos acho. E acabou ficando por isso mesmo. Aí a gente veio morar aqui, de aluguel, de favor, até o dia que eu acabei conhecendo meu companheiro. Eu morava no pátio de uma amiga, que me inseriu para morar ali, a gente foi para uma ocupação, que na época era conhecida como a ocupação Clara Nunes. Sabe a Rua Clara Nunes? Sabe ali a que vai daqui pra lá tem uma área ao lado do Leve Mais, verde, antes de chegar no Leve Mais, hoje não tem mais nada ali. Ali era a ocupação. Só que nós fomos lá dentro, aquela área ela vai até lá na rua do quartel. Ela vai afunilando. Que depois ficou conhecida como a Vila União, por quê?

*Pergunta: Mas a ocupação de vocês não era em prédio, era na área?*

Resposta: Não, era na área, na área. Que era considerada num primeiro momento área verde. Depois a gente veio a descobrir, na verdade ali praticamente começou as minhas participações reais em movimentos de luta social. Porque até entrincheirados lá na frente a gente ficou, porque quando a gente ficou a choque foi acionada para nos tirar de lá pelo proprietário. Na época eu lembro que uma prima minha foi ali me pedir pelo amor de Deus para sair dali. Eu, o Luiz e o Ramon, que era bebê praticamente. Bebê não, mas tinha uns três aninhos. Porque ela estava atucanada. E eu ali entrincheirada. Isso foi em 90... 95, 96... Só que na verdade aquilo ali na verdade era uma área privada de um pro-

prietário que morreu e o herdeiros perderam ou venderam. Eu sei te dizer que foi muito confuso, porque na época a gente não entendia, a gente não tinha a capacidade que hoje eu tenho de entendimento sobre lei, sobre direitos, entendeu? Então foi tudo muito confuso assim, porque nos enrolaram um monte, muita gente que se promoveu em cima de nós ali. Porque nós queríamos era morar, era ter o direito à moradia. E aí vem sempre aquele que se considera líder comunitário, e um te manda para cá, manda para lá. Entrou um advogado ali que só nos enrolou, sabe? Quando a gente abriu os olhos nós tínhamos praticamente perdido direito. Se nós tivéssemos o entendimento e até alguém que nos orientasse de verdade ou pelo certo, nós tínhamos ficado ali, porque o atual proprietário, que se dizia, até hoje está ali daquele jeito, ele era um engenheiro do Demhab, e que o Demhab poderia ou tinha direito aquela área ali, porém não fazia uso. Porque a ideia era fazer mais sobrado ali. Isso foi uma primeira coisa que a gente sobe. Nunca vou esquecer o nome dele. Telmo Urgel. Inclusive meu marido assinou. Está aqui no Fórum, de repente arquivado que ele assinou junto com outros moradores o termo de estar sendo acionado judicialmente por invasor. O Telmo fez o seguinte, ele foi no Demhab, como a propriedade na verdade no fim das contas não era de ninguém ele foi lá e se deu como proprietário. Aí tinha alguns dos impostos atrasados, ele pagou, eu sei que ele fez um acordo lá e muito tempo depois a gente ficou sabendo disso. Então ali foi um sofrimento muito grande, porque nós fomos ali para dentro. Ela é uma área assim ó, que ela não tem saída para os lados. Ela termina... por que que chamava Clara Nunes? Porque tem a rua Clara Nunes. Aí desse lado aqui tem as casas, as últimas casas. Depois do outro lado da rua tem os apartamentos. Daí eu não sei nem te dizer que unidade aquela ali, não sei. Então atrás das casas tinha essa área e depois tinha aquela parte ali onde depois foi vários mercados ali, Unidão, nem lembro mais dos outros e hoje é o Leve Mais. Então ela não tem saída para os lados, a não ser para frente. Aquela área ali é muito



complicada dela ser desmembrada assim pra fazer rua. No caso, seria só acesso do começo ao fim. Porque ficou tipo assim um pedacinho, um fiapo de terra. Para um empreendedor particular não é muito bom de negócio entendeu? Então quando a gente entrou ali a gente não ficou na parte da frente porque a gente queria ficar escondido lá dentro. Lá dentro era fechado, é fechado de maricá. Então a gente entrou para dentro dos maricás. Eu passei um dia inteiro sentada num banquinho, sendo comida pelos mosquitos, me tapeando das moscas, para o meu marido conseguir um pessoal para conseguir tirar os maricás, desmanchar os cupinzeiros pra gente construir. Então foi uma época bastante sofrida. A gente não tinha menor infraestrutura. Hoje eu me admiro, das ocupações que eu vejo, e aí algumas pessoas que me criticam assim, ah, mas tu como uma pessoa que veio de uma ocupação, do movimento de luta pela moradia, do sem teto e tal, hoje tu criticas, então tu és contra as ocupações. Eu sou contra as ocupações porque eu aprendi uma coisa, Thaís. Quando tu ocupas um espaço... porque nós estávamos morando de aluguel na Flor da Restinga e meu marido estava desempregado e a gente não tinha como pagar o aluguel. Ou comia ou pagava aluguel. E ele desempregado, estava vivendo só de bico. E aí surgiu, um passa para o outro, nós entramos lá pra dentro. Pra ti ter uma noção, eu caminhava da Flor da Restinga até lá, de madrugada, com o Ramon pela mão, com sacolas de comida e roupa para levar pra ele. E graças a Deus nunca aconteceu nada. Teve uma vez até que eu acho que, sei lá, por Deus, pelos orixás, pelo pai Ogun, uma caminhonete da Brigada nos acompanhou sabe e eu me senti mais segura. Porque já passava da meia-noite e ninguém mais na rua. Porque aquele lado ali da João Antônio da Silveira não era como hoje. Era tudo muito diferente. As coisas parecem que explodiram de uns anos para cá sabe? Tanto de moradia, de comércio, de movimento.

*Pergunta: E tu disse que saiu da Flor da Restinga de madrugada pra levar comida porque ele estava lá e tu não estava lá ainda?*

Resposta: Não. E a gente estava saindo aos poucos das peças de aluguel porque nós não tínhamos como pagar. Tanto que até hoje se o cara vê o Luiz ele cobra que nós saímos sem conseguir pagar o aluguel, a gente saiu praticamente fugidos entendeu? Mas não foi de má fé. Foi por falta de condições mesmo. Então quando hoje tu vê uma ocupação, eu enxergo assim ó, carro do ano, essa é a minha crítica. Porque quando nós entramos, o pessoal carregava as coisas nas costas. Quem tinha um carrinho de mão e uma carroça era rei. Senão o pessoal carregava nas costas. Então hoje quando eu vejo assim se tu tens oportunidade de ter um carro do ano financiado quem sabe tu não consegues financiar uma casa também? Ou não nesse sentido, porque eu entendo hoje que pro governo é muito mais fácil ele permitir uma ocupação indevida num espaço insalubre, impróprio para moradia, de risco, porque tá lá escondido, lá no mato, lá naquele fim de mundo... E não precisa investir na infraestrutura, água, esgoto, luz... E não tem que aplicar políticas públicas de verdade na área da moradia, da habitação. Então aí lá um dia quando acontece uma tragédia, aí todo mundo se mobiliza. Ou então assim ó, que aquela área passa a ser de interesse do governo. Remove todo mundo, entendeu? Então é isso que eu me refiro, porque as pessoas têm que lutar por moradia, mas ir pros movimentos sociais e discutir a política em si. A política pública que direciona para habitação. E outra coisa. Nem todo empreendimento habitacional da política pública, ele é bem pensado, porque quando a anos atrás que agora nós tivemos uma época em que isso era mais possível. Porque depois da Restinga, desse empreendimento da Restinga Nova, não me refiro à Restinga Velha, que era conhecida a Velha. A Velha porque veio para cá lá nos anos 50, 60 aquele pessoal removido lá na beira do rio, do centro da cidade, jogado ali de qualquer jeito. A Nova já foi toda projetada, com ruas, infraestrutura... Isso custa dinheiro. Pro poder público isso custa dinheiro. Hoje eu moro aqui na

quinta unidade, mas a quinta unidade ela já existia no mapa do Demhab desde aquela época. Era para quando terminasse a quarta unidade ser construída a quinta. Isso está lá no mapa do Demahb, nos arquivos, não sou eu que estou dizendo. Porque depois eu virei conselheira do Comathab, que é Conselho Municipal de Acesso à Terra e à Habitação. Então tu vais aprendendo. Eu tenho uma amiga minha que diz assim, a gente não tem a faculdade, a formação de uma faculdade, mas tem a faculdade da vida. Porque quando tu te tornas uma liderança comunitária, tu vai aprendendo. E hoje eu posso discutir com qualquer assessor de governo sobre aquilo que eu participei na área da Educação, da Habitação e hoje da assistência quase que de igual para igual. E eles não aceitam isso. Porque eu fui aprendendo. Tanto que agora há pouco tempo um rapaz me disse assim, mas se eu te perguntar tal coisa, não vou nem entrar no mérito disso... Tu vais saber me dizer? Sim. Mas tu sabes? Tipo assim um equipamento público, especificamente. Ah tu sabes o que precisa ali e tal? Sei. Ele ficou me olhando assim... como assim tu sabes... porque hoje eu sou conselheira de tal seguimento. E sem querer tu vais aprendendo. Tu entras lá crua. Sai de lá sabendo mais que qualquer assessor, CC do governo. Porque um técnico acho que ainda já sabe. Agora essas pessoas que caem lá de paraquedas não sabem nada. Tanto que eu te digo assim ó, em relação a ocupação. Naquele tempo eu era já inscrita no movimento de luta pela moradia, que começou ali no início dos anos noventa, a possibilidade de sair um grande empreendimento habitacional para moradores de baixa ou nenhuma renda, o que eles chamavam área de interesse social entendeu? Aí, eu me inscrevi. A gente tinha reuniões. Que dizer, nada cai de paraquedas sabe? Tudo tem uma luta por trás. Hoje aqui na quinta unidade, as pessoas, a maioria hoje dos moradores eu acredito que não conhece a história da quinta. E aqui é uma área de interesse social, que foi brigada lá atrás pelo movimento de luta pela moradia, por lideranças que realmente entendiam que tinha que tirar esse projeto da gaveta e... só que o que que

aconteceu? A quinta unidade que era... porque o asfalto terminava ali na... bem dizer um pouquinho antes ali na esquina da Igreja Universal sabe? Ali era uma Madeireira antigamente. Não que não tenha aquela outra, mas bem ali na esquina, na esquina do 209. Dali pra cá era tudo areão, não tinha luz não tinha nada. Isso aqui tudo era mato. Mas tinha três famílias morando aqui dentro. Então ao longo dos anos também foi complicado porque tu tinhas que remover essas famílias, indenizá-las, porque era usocapião... Então tudo isso foi se alongando até o ano de 2000. E aí em 2000, existem fotos eu acho que até uma pessoa que seria bom tu conversar também seria o Beto Aguiar. Eu acho que a pessoa que entende muito da política habitacional principalmente. Seria bom. E tem fotos inclusive das máquinas entrando aqui porque teve uma discussão, isso aqui era uma área de preservação ambiental, mas hoje ninguém preserva nada, nem o próprio governo. Era desde os anos 60 isso aqui era destinado à habitação. A ocupação ela ocorreu... foi assim, nós entramos pra dentro lá acho que foi 95, 96, mas assim, ela saiu de lá anos depois. Teve muita gente que ainda ficou ali porque o processo rolou na justiça e quando eu estava lá, era 98 eu acho começou de novo essa discussão de que ia sair esse empreendimento aqui. Aí eu fui buscar saber por que eu já não frequentava mais as reuniões e aí resgataram meu nome na lista que tava lá para ser assentada aqui. Mas lá dentro foi aprendizado por quê? Porque a gente tinha toda uma união. As famílias que ali moravam eram famílias que estavam passando muita necessidade até para comer. Então a gente tinha essa coisa assim de comunidade mesmo. Eu lembro que no Natal quando estava todo mundo assim mal de dinheiro, não tinha dinheiro nem para ir para o centro para buscar assim fazer uma, um como se diz uma reivindicação. Não se tinha a maioria dos serviços hoje que tem de prestação pela parte dos CRAS, serviço social, até de poder ceder um tri sabe, hoje tri. Eu lembro que no Natal quem tinha a mais dividia com quem não tinha entendeu? Ah, uma lá fez um bolo e deu de sobremesa. Eu

ganhei um bolo de sobremesa. A operação foi um aprendizado de vida muito forte para mim, foi um choque assim de muito amadurecimento. Eu também posso te dizer que envelheci muito, envelheci em todos os sentidos. Porque... a minha mãe viveu comigo até os 27 anos... minto, até os 26 anos. E então eu estava acostumada assim a não ser dona de casa. Tive um filho, mas enquanto ela estava ali comigo eu não sabia nem cozinhar. Ela foi viver a vida dela sozinha e eu segui a minha com um filho e o marido. Na época nós tivemos uma briga feia. Então eu não sabia nem cozinhar. Primeira comida que eu fiz, eu quase matei eles tudo de tanto sal que eu botei. Teve que ir fora. Bah... que pecado. Fui fazer uma carne de porco acho que nem os bichos... e lá na ocupação foi um divisor de águas para mim daquilo que eu pensava para futuro. O que eu pensava... eu não vou deixar de lutar de hoje em diante por aquilo que acredito, por aquilo que eu acho que eu tenho de direito. Então, tanto eu como a gente estava disposto a tudo. Teve um movimento que eu quero um dia resgatar, buscar nos jornais do Correio do Povo, na ZH ou até notícias antigas. Nós somos notícias. A gente levantou 4 horas da manhã um grupo de moradores e sem saber muito bem que a gente ia fazer, a gente foi de a pé ali daquele ponto até o centro. Era uma época que estava trocando o governo e nós fomos a gente foi assim para chamar atenção, para reivindicar, mas a gente não sabia direito exatamente, porque não havia uma liderança. Ninguém ali era formado em liderança nem sabia exatamente o que fazer. E quando a gente foi até o centro e fomos a pé. Ninguém pegou assim lá no meio do caminho ônibus e vou pegar um ônibus e desceu ali, sabe? Como hoje os movimentos acontecem. A gente foi de a pé daqui até o centro. Eu lembro de uma menina que a sandália dela se abriu todinha e os pés dela ficaram em carne viva. O Luiz no meio do caminho deu uma dor de barriga nele e ele teve que ir ao mato porque não tinha a Hípica, que é hoje. Aquilo ali era tudo mato. Teve um senhor que foi daqui até lá com filho pequeno e na metade do caminho ele botou a criança nos

ombros. Então aos poucos um levava, outro levava. A gente teve a solidariedade de moradores que por exemplo assim ó entre as casas da Restinga e muitas partes aqui fica um pedaço de terra ali que sobrou. Então ao lado de uma das casas viradas para Clara Nunes sobrou uns pedaços, e aí teve um pessoal que invadiu ali e construiu uma casa. Ninguém se importou. E ele permitiu, ainda sobrou um corredor que ele permitiu que o pessoal entrasse por ali lá praquela parte para poder invadir, ali era nossa saída. Porque no primeiro momento o pessoal não quis ir ali para frente para não chamar atenção. Nossa ideia era ficar lá para dentro e não ser descoberto, que é a vitrine ali, aquela frente. Mas com o tempo não foi possível, chegou outras pessoas e algumas pessoas mal intencionadas. A gente tentou do grupo de moradores impedir o máximo que a gente podia questão também de se instalar ali o tráfico, porque é a oportunidade. Foi muita, muita incomodação. Nesse dia que nós fomos até o centro a gente teve a solidariedade das pessoas que moravam para frente, nossos vizinhos de frente, que eles foram e a maioria de nós não sabia. Eles foram de carro e levaram esses, como se chama, aquelas coisas grandes de térmica, com suco, água e fizeram cachorro-quente, sanduíche, com pão e distribuíram para nós lá. Aí a EPTC veio ao longo ali na Cavalhada, EPTC começou, porque ninguém sabia de onde esse povo está vindo. Isso foi em 96/97, porque eu vim para cá em 2000 então fiquei todo esse tempo lá 96, 97, 98, 99.

*Pergunta: Mais ou menos quantas famílias tinha nessa ocupação?*

Resposta: Não sei, mas era muita gente. Não consigo lembrar.

*Pergunta: Eram barracas ou tinha construções?*

Resposta: Quando eu fui, eu dormi mais de uma noite embaixo de uma lona amarrada no pé do eucalipto, eu e o Luiz. Então o Luiz me botava assim no canto, dormia assim desse lado de cá, porque a noite toda a gente não sabia, não tinha cercas nem limitações de terreno. Aquilo ali era uma ocupação, então tu ocupavas um

espaço, não para ter terra, sítio, como eu vejo hoje em algumas ocupações. O pessoal não quer morar, o pessoal quer ter terra, propriedade. Então circulava ali direto, a noite toda. Claro que eu não dormia quase nada, o Ramon nessa época ficou com a minha mãe na casa onde eu morava nos fundos da casa de uma amiga. Ele ficou lá com ela, mas logo em seguida eu o trouxe comigo porque até minha mãe disse: ah, deixa ele ficar comigo e tal. Eu disse: não, agora Luiz conseguiu, caminhando para Restinga, coisa de louco, encontrou um rapaz que estava desmanchando uma casa que tinha 50 anos, de madeira. Ele disse que nasceu naquela casa, que os pais dele criaram ele mais os irmãos ali, e agora ele estava desmanchando porque os pais haviam morrido, para construir uma outra. E daí na hora o Luiz passou, não me lembro, um outro morador lá, que a gente estava catando madeira para fazer. Aí quem tinha um pouquinho mais dinheiro investiu em alvenaria, fez uma peça menor que é isso aqui, dois por dois e um banheiro, uma patente como se diz. Aí o Luiz pegou uma dessas madeiras que já estava muito, 50 anos, mas era daquela maneira bem boa de antigamente, a maioria das casas eram de madeira, aí fez pra nós um barraquinho. Cabia a minha cama e o fogão e a geladeira. As prateleiras com umas roupas. Aí eu levei o Ramon comigo, porque eu disse eu não queria que hoje me arrependesse sabe de pensar que meu filho foi criado por outros e eu não sei se o que seria. Não que minha mãe não pudesse criá-lo bem, mas qualquer coisa ao contrário eu me sentiria culpada e ele tinha que passar o que tivesse com a gente porque afinal de contas não tinha outra solução. Acho que hoje, isso faz com que ele seja muito mais consciente de muitas coisas, porque o segundo já nasceu em outro momento da minha vida mais estabilizada com uma casa. Então hoje ele é mais birrento, ele acha que se eu não comprar as coisas para ele é porque eu não quero, não porque eu não tenho dinheiro. E naquela época, o Ramon depois com tempo chegava e dizia assim para mim: mãe, se tu puderes, quando tu puderes me comprar um brinquedo, uma bobagem. Já o outro exige. Errado

somos nós mesmo. Então agora que ele já tá com 11 anos, que ele foi estragado mesmo por nós três, eu tento dar alguns limites, porque também acho que eu não tenho muito que fazer. Aí o ano retrasado ganhou um tablet. Então, o Ramon veio a ter um celular quando ele entrou ali no Instituto, que era lá embaixo. Porque a gente queria a duras penas, o Luiz conseguiu um celularzinho, que era pra monitorar. Porque ele tinha que caminhar daqui até lá a pé, era mais de 2 quilômetros. Tanto que quando ele foi assaltado ali na frente do Leve Mais a primeira coisa que ele fez foi me ligar, chegando lá no instituto, no provisório. Mãe, não te preocupa que eu tô bem. Mas o que aconteceu? Foi assaltado, levaram o celular, mas eu tô bem. Ali, aquela ocupação, foi muito aprendizado. Nós fomos pro centro de a pé, como eu te falei, chegando lá a gente não sabia pra que lado ia. Fomos lá pro Palácio Piratini. Porque na verdade ali era uma terra municipal, se fosse o caso. Aí a gente foi na frente do Palácio Piratini, a gente fez faixas e tudo. Saiu na Zero Hora, de capa, eu, meu marido e mais uns vizinhos que nós carregávamos na frente uma faixa “queremos o direito à moradia”, uma coisa assim. Só que a gente viu assim nas bancas, porque dinheiro pra comprar não tinha, se não tinha guardado até hoje. Por isso que te digo, que às vezes eu tenho vontade de buscar assim, resgatar.

*Pergunta: Deve ter no museu de comunicação, no centro.*

Resposta: Saiu na televisão depois. Porque foi assim, na ocupação algumas pessoas, por exemplo, eu ficava aqui controlando todas as casas desta rua para não ter roubo. Porque as pessoas tinham ido lá pra este movimento. Então ficava a cada tantas casas uma família ficava cuidando. E até mesmo das crianças. O Ramon ficou lá sendo cuidado por uma senhora que cuidou das outras crianças. Então era uma coisa bem mais assim unida. Aí chegando no centro no Palácio Piratini todo mundo já exausto porque daí durante a madrugada, amanhecer do dia estava fresquinho, depois saiu p\*\*\* sol. Só aí lembro inclusive que muita gente criticou



esse senhor que carregou o filho e tal. E ele foi notícia, foi muito falado. Nós chegamos ali na praça que tem do lado ali do Piratini. A gente praticamente acampou ali. Luiz mais o seu João que era basicamente nosso mentor e mais duas, três pessoas foram lá no Palácio Piratini tentar falar com alguém do gabinete. Porque muita gente chegava e dizia vocês têm que fazer isso. No fundo acho que a gente meio que era tipo umas marionetes. Sabe a gente achando que as pessoas queriam nos ajudar e muitos queriam fazer nome em cima da gente. Enquanto a gente ficou ali na praça esse casal veio, distribuiu o lanche para gente e eu lembro que um rapaz que estava muito exausto ele se deitou no banco e no chão deitou o outro com aquelas faixas que nós fizemos, ele meio que fizeram tipo um telhadinho e eu e algumas pessoas nos sentamos assim debaixo de uma árvore. Passou dois engravatado e disse olha só, o que é isso aí eles querem moradia, mas pra que se eles podem morar aí ó. Esse aí já fez a casa dele e apontou assim pra-queles dois rapazes. Fiquei tão brava sabe, as gurias que me seguraram. Me deu vontade de avançar no homem. Dois engravatado que eu não sei de onde que eles saíram, pensei que eles fossem até políticos. E davam risada da cara da gente. Nós fomos muito, digamos assim, humilhados, porque inclusive o Luiz quando a família dele viu ele no jornal se apavorou... Agora vai viver com essa mulher aí, o maloqueiro.

*Pergunta: A família do Luiz tinha um pouco mais de condição?*

Resposta: Eles são tudo pessoas trabalhadoras, tem professoras, tem até militar da Brigada, tem pessoas que tinham já sua estabilidade, não que fossem ricos. Mas no momento, na época eram ricos perto de nós. Eu sei que no fim, guria, os políticos foram parar tudo na ocupação, depois queriam nos ajudar, mas eu não tinha ideia de que era por causa que havia uma eleição próxima. Eu posso te dizer ser uma liderança comunitária não é fácil, porque algumas pessoas têm que entender que quando tu te tornas líder tu não te tornas líder assim de fantoches. Tu te tornas uma

representação de um grupo, de um povo sabe, mas tu não... como é que eu posso explicar... meu entendimento tu está ali porque eles te tiraram como representante, mas eles não são teus fantoches, não são massa de manobra. Acho que o verdadeiro líder transforma através da luta dele, da representação dele aquelas pessoas porque eu considero de verdade no líder aquele que traz outros transforma a vida das pessoas, faz com que elas entendam seus direitos, acima de tudo que faz elas entenderem quanto é preciso lutar e sempre ficar atento a perda dos direitos porque quando ganha um direito a luta não acabou. A luta só começou porque depois tu tens que conseguir manter. Isso não é fácil. Então ali na ocupação depois foi orientado a gente fazer uma cooperativa. Eu lembro que nós fomos no DemHab e o Demahb nos chamou para uma reunião lá. Engraçado agora vão me chamar de ah, feminista..., mas eu fui designada secretária do movimento ali, porque eu era a única mulher que andava com quase dez homens junto com meu marido, claro. E aí na reunião do Demhab quem se sentou à mesa foram os homens tanto do meu grupo como pessoal do Demhab e eu me sentei fora na mesa fazendo a ata, porque eu nem sabia o que era ata na época, eu aprendi, até quem me ensinou foi o Beto Aguiar. Em determinado momento da conversa, porque na época o coordenador, presidente, sei lá o quê, da secretaria do Demhab, que agora as nomenclaturas são muitas, mas as atitudes são poucas. Ele se senta bem assim na cadeira dele olhando lá para o outro lado e enquanto a mesa estava assim. Ele falava assim: ah, vocês vêm aqui com esse movimento de vocês... Mas ele não se dirigia para nós, esse movimento, organizado, e agora querem exigir que a gente dê moradia... essas foram as palavras dele, que eu lembro. E aí eu vi que o meu pessoal ali estava meio perdido sem saber muito que dizer, o pessoal era muito ingênuo, muito, muito cru, quase ninguém entendia de nada praticamente. E aí eu comecei a me desesperar, porque o cara só faltou dizer assim: agora vocês pegam e vão embora. Quem deu um pouco mais de atenção foi um representante da

Secretaria da Fazenda eu acho. Eu não lembro agora. Quando basicamente eu acho que ele queria dizer agora vocês pegam e vão embora, eu peguei e levantei a mão. Não, só um pouquinho que eu quero falar. Daí ele olhou assim e perguntou: mas quem tu és? Eu me apresentei, a voz tremendo, quase a ponto de chorar porque eu estava num estado de nervos, porque a gente vinha de muitas noites sem dormir, guria, tu sabes que quando eu vim morar aqui eu acordava sobressaltada às vezes, com qualquer barulhinho porque eu achava que eram as máquinas, porque eles fizeram terrorismo na nossa cabeça. Disseram que as máquinas iam chegar e ficar passando por cima das casas, sem avisar ninguém. Então eu não dormia quase porque qualquer barulho a gente ficava, um saía na rua, não é nada. Aí eu com a voz tremendo assim quase chorando eu disse: meu nome é Cláudia, falei todo meu nome. Eu sou a secretaria deste movimento, da ocupação Clara Nunes, eu falei. E eu quero dizer o seguinte se nós fôssemos um movimento tão organizado nós não estaríamos hoje aqui falando com um homem que nos dá as costas, que não tá nem tendo a coragem de olhar nos olhos, de cada um que está aqui, e falei mais umas coisas. Sabe, Thaís, que eu já não lembro mais porque aí começou a sair assim tauauauauaua... e aquilo foi como eu te digo assim com a emoção mesmo não com a razão e aí eu falei para ele, se vocês hoje nos tirarem de lá, nós vamos atravessar a rua e vamos pro outro lado da rua porque nós não temos onde morar. Ou tu achas que eu gosto de ter limpado maricá, cupinzeiro, formigueiro para ir morar embaixo de uma lona no primeiro dia, pra estar hoje aqui te escutando dizer que nós somos um bando de grileiro. Pode até ser que tenha grileiro lá, porque tem em todo lugar, mas aquele local lá poderia ser, se vocês tivessem a boa vontade política de deixar nós morar lá. A gente só quer ter o direito de moradia, a gente não quer de graça, vocês querem começar a cobrar cobra então, vamos demarcar os terrenos. A grande verdade é que governo nenhum gosta disso. Não existe uma política séria de regularização fundiária. Não

existe isso, e muitas terras que hoje a gente conhece aí, muitas delas no passado foram ocupações que com o tempo foi se organizando. Mas até hoje não é regularizado. Aí todo mundo começou a me dar atenção. O meu grupo ficou assim... o meu marido só me olhava assim... Daí ele disse... Não, porque eu achei que fosse te dar um troço, num vermelhão, a cara inchada... Tanto que o meu apelido lá dentro da ocupação era de mexicana brava, seu João que botou esse apelido. Porque, guria do céu, eu não aceitava sabe..., mas os meus argumentos sem muita noção técnica, que hoje eu tenho, eu consegui me fazer entender. Tanto que com essa minha fala, se vocês nos tirarem hoje nós vamos atravessar a rua e ir para outro lado, em seguida a empresa Tinga, que fica bem do lado da empresa Tinga, tomou conta de tudo, todo local, cercou e depois construiu. Porque logo depois em seguida ele se virou e disse assim: nós vamos marcar umas reuniões, nós vamos lá. Aí eu disse eu acho que vocês têm que ir lá dentro. Nós vamos entrar lá. Começou eles virem, a gente começou a se organizar mais. Eu lembro que eu li uma ata pra uma multidão de gente embaixo do maricá e disse que o governo não tinha interesse em nos ajudar a não ser que a gente se organizasse pra montar uma cooperativa habitacional. Porque daí a gente podia comprar terra. Só que nesse momento o Telmo já tinha entrado, como se diz assim, pedindo aquela área e ele não tinha o menor interesse de negociar com a gente porque a gente chegou ao ponto de dizer. Mas eu não sei o que deu errado para ele, Deus que me perdoe, acho que é Deus mesmo, a justiça que vem Divina, porque até hoje ele não conseguiu construir nada ali. Ele não era um cara muito novo eu não sei nem se ele é vivo ainda, ele já era um senhor de idade e ele dizia... não, porque aqui na frente eu vou construir não sei o que... a parte da frente, que fica para João Antônio da Silveira, que era a menino dos olhos dele. Mas o problema é exatamente esse, porque é um terreno que não tem saída para os lados. Então tu tinhas que fazer uma rua, um acesso. E lá para dentro ele é muito acidentado, lá para dentro é horrível.

Nem sei como está agora. Parece que ainda tem umas pessoas lá sabe, meio assim dizendo, mal, lá de qualquer jeito, e a gente, a gente montou uma cooperativa que se chamou a cooperativa habitacional Clara Nunes. Nós fomos orientados, mas com o tempo a oportunidade faz o ladrão. Com o tempo a gente percebeu que algumas pessoas que faziam parte da Diretoria da cooperativa não estavam agindo de boa-fé. Uma das coisas que eles compraram uma área ali na no Varejão lá para o lado do Lami, mas era uma área toda complicada, toda errada e nós íamos sair de uma ocupação para entrar em outra ocupação. Nesse meio tempo, eu e o Luiz começamos a nos desgostar, tanto que o Luiz era da diretoria fez uma carta numa reunião e a gente pediu afastamento. Porque começou entrar dinheiro e, eu nunca vou esquecer que eu fiz a ata, ele para esse povo disse que a partir de hoje que cada um possa porque cooperativismo é isso mesmo, colaborar com 50 centavos, 1 real, quanto der. Eu terminei de ler a ata tinha uma pessoa responsável por arrecadar os valores e praticamente na época nós arrecadamos acho que mais de 300 reais. Quem tinha mais dava mais. Para entrar com os papéis. Depois o pessoal começou a pagar para poder comprar a área todo mês. Mas a gente começou a ver gente que entrou lá sem dinheiro, com calcinha surrada, daqui a pouquinho não tinha nem o que comer dentro de casa, festa de 15 anos. Festão de 15 anos. Aí começou esse tipo de coisa. Eu disse para o Luiz, não a gente não vai fazer parte disso aí. Nós fomos numa reunião e dissemos ao pessoal: vocês cuidem porque em primeiro lugar essa área é rarefeita, que se diz, e parece que havia problemas de entrar depois, de infraestrutura. Tem um pessoal que mora lá até hoje, mas sinceramente eu não sei te dizer como estão. Porque daí nesse tempo...

*Pergunta: Desde essa época?*

Resposta: Desde essa época. Porque o pessoal começou a sair a partir de 98. Não, 99/2000. E aí em 2000 quando nós fomos contemplados aqui, a gente veio e largamos de mão. Muita gente

nos chamou assim de... ah, agora vocês estão bem... mas não, não foi isso que aconteceu foi exatamente porque a gente não concordava com atitudes da Diretoria da cooperativa e nós não tinha, nós éramos só dois, nos prejudicamos um monte, porque a gente não ganhou lá, investimos dinheiro também. Mas eu vou te dizer, a vinda para cá também não foi fácil, porque aqui eram lotes com banheiro para quem poderia construir e depois as casas que ficavam lá nas RS, eu moro no acesso Q1. As casas lá quando elas foram entregues teve uma invasão antes das pessoas virem morar. Então foi complicado até para tirar essas pessoas, porque eram pessoas envolvidas, maus elementos.

*Pergunta: Tipo os empreendimentos do Minha Casa, Minha Vida?*

Resposta: Não. Minha Casa, Minha Vida é agora. Eles tomaram conta de praticamente 3, 4 ruas lá. E aí, guria, foi assim ó... eu te digo, como eu sou umbandista, africanista, eu acredito nos meus orixás, minhas entidades. Então um dia eu vim visitar uma amiga minha aqui, que estava há quinhentos anos inscrita e ganhou. E ela preferiu o terreno, até porque o terreno dela é de esquina e é um terreno bem grande. eu vim de a pé lá de baixo, passei aqui e vi esse monte de terreno aqui, isso tudo desocupado, porque eles ainda estavam fazendo infraestrutura, botando esgoto, fazendo muro de contenção, porque isso aqui era um peral... os terrenos aqui não eram nada bons. Eu saí de uma ocupação, de uma área que não tinha a menor infraestrutura e vim pra cá quase sem estrutura nenhuma também, o mínimo, o mínimo. E aí eu passando lá na faixa disse: bah, bem que eu podia né, fulano siclano, minhas entidades... não sei se dá pra falar... eu tenho uma cigana, eu disse: ai, cigana, porque que tu não me dá um lote desses, faz com que aconteça, que me contemple, porque havia uma lista. E aí aconteceu isso, que uma irmã de religião sonhou que nós íamos... (pausa pra chorar)... Começa a falar, começa a lembrar... Ela disse que nós vínhamos caminhando na rua, assim na estrada, e as duas estavam incorporadas. Eu com a minha cigana e ela com

a Padilha. Ela diz que subiu uma rua, uma lomba ela disse, tinha que ser de lomba, né, Padilha... Ela chegou na frente do terreno assim e a Padilha disse: ó, cigana, aqui que a tua matéria vai vir morar. Mas isso ela me contou, ela sonhou e não me contou. E aí quando saiu esse terreno, que ela veio aqui no mesmo dia, que eu morava no fundo da casa dela, ela teve uma crise de choro quando ela chegou aqui. Ela teve uma crise de choro. E eu disse: o que que houve? Tá, eu sei que tu estás feliz daí eu sei que você tá feliz por mim tal... E aí ela me contou, ela disse que o terreno era igualzinho... que eu, ainda pensei comigo, mas era um terreno todo... isso aqui era um peral, guria. Isso aqui ó, sem mentira nenhuma, contando hoje acho que foi quase 10 caminhão de terra para aterrar isso aqui. Ali a parte mais alta quando chovia abria umas valetas assim... Então todo investimento que nós fizemos aqui, eu não vou, o dia que eu resolvi vender, sair daqui eu não vou recuperar. Mas valeu a pena porque o que é meu é meu. Então tem essas coisas assim também, que a gente tem fé no que a gente... na nossa religião que a gente tem, e de verdade assim, foi devido eu acho que essa espiritualidade que eu não adoeci mais, porque tempos depois eu tive uma depressão.

*Pergunta: Depois de passar por tudo isso que tu vieste a ter uma depressão?*

Resposta: Eu vim a ter uma depressão e a justificativa do médico foi que podia ser uma depressão pós-parto tardia do Pablo, que daí nos hormônios estavam... E ele disse assim ó... O Pablo nasceu, o Ramon já tinha quase 13 anos. Depois de 10 anos de uma gravidez de uma primeira gravidez, teu corpo ele volta a ser cru, digamos. Como uma outra gravidez é como se fosse a primeira em tudo. Então talvez, até que foi uma gravidez de risco e tal, eu praticamente fiquei seis meses, às vezes até sem poder caminhar daqui até ali, eu tinha a tal da placenta prévia. Não podia fazer toque, porque a placenta tem que subir, e tive que ficar praticamente sem fazer nada, só deitada, sentada. O máximo que eu podia levantar era bem devagarinho, caminhava bem devagarinho, segurando a

barriga. Então o médico chegou e disse para mim assim ó: pode ser isso, como pode ser o fato de tudo isso que a senhora disse que passou hoje aflorar. Para mim juntou uma coisa com a outra. As minhas defesas digamos baixaram por causa da gravidez como também tipo assim relaxei daí... E aí meio que me senti frustrada também porque eu escutei muito, Thaís, quando eu estava nessa luta, e depois aqui na quinta também, porque hoje a gente tem um desgoverno que não dá manutenção principalmente, em toda cidade. Antigamente dizia, ah, as vilas não são contempladas, mas hoje é toda a cidade. Então hoje a gente tem as ruas esburacadas, mas essa rua aí hoje ela está asfaltada. Quando eu vim morar aqui ela era de areão só com uma camada de pinche. Não tinha luz nas ruas. Tanto que o Luiz todo dia trabalhando de noite como segurança lá, como guarda, não, porteiro. Eu fechava a porta, ele saía às 7 horas da noite, eu fechava porta e não saía. Tinha dois cachorros, hoje eles morreram, que era a minha segurança. O Luiz botou um vai e vem e botou um em cada canto da entrada. Como era cerquinha de arame, eles passaram direto aqui para outra rua, direto para cortar caminho e tinha muito roubo. Porque alguns lotes que não tinham sido ocupados eles começaram a roubar os vasos do banheiro, toda louça do banheiro, os próprios postes. Tudo que eles puderam eles carregaram, até as pedras de muro de contenção. E aí, que nem eu te digo, tudo foi difícil. Quando eu vim para cá a gente criou associação dos moradores. Só que na época eu não participei diretamente quem participou... eu participei assim da criação, mas não ocupei cargo nenhum. E aí a gente começou a lutar, para que? para ter o asfalto, para ter o posto de saúde. Já tinha sido demandado pelo orçamento participativo porque na época, no orçamento participativo, os conselheiros e delegados pensavam o seguinte, aquele povo vai ser assentado lá e não tem um posto saúde, não tem mais escola, tem nada, porque nós aqui, existe preconceito em tudo que é coisa. Nós aqui da quinta fomos taxados como a ralé da ralé da Restinga. Aqui era o depósito dos drogados e dos aidéticos e dos vagabundos, porque ninguém trabalhava, como era uma área de



interesse social, para pessoas de baixa ou nenhuma renda, aqui era tudo vagabundo. Não iam estudar mesmo porque a escola ficava distante, 3 km a mais próxima. Como teve uma ocupação que eles trouxeram, que aqui são 3, 4 assentamentos de movimentos diferentes. Então tinha um pessoal que vinha lá da Manoel Elias e era realmente pessoas com problemas de drogadização e com alto índice de HIV entre as famílias. E nós fomos taxados disso. As pessoas tinham medo da gente, as pessoas tinham nojo da gente. Mas na época o Orçamento Participativo demandou o posto aqui pensando principalmente, se não dá para fazer tudo, que pelo menos tenha o posto para garantir a saúde das pessoas. E realmente o posto foi o primeiro equipamento montado aqui, instalado aqui, no fim da rua Padre Leonardi. Aí o CRAS, ele veio a ser instalado lá na primeira, digamos, atendimento da assistência, ele era instalado dentro de um container lá na área hoje que é da ACM. Ainda botaram bem ao lado do barranco pra dizer assim, a primeira ventania que der vai fazer isso parar lá no meio da rua. Porque elas trabalhavam ali completamente sem condições. Era um container. E aí quando nós conseguimos a instalação aqui... da instalação não. A gente conseguiu, aqui foi outra luta assim. A gente veio morar para cá, ganhamos o banheiro, tudo instaladinho, bonitinho. E aí tem que fazer a casa. Mas eu na verdade era para ter ganho casa. Era para mim ter ganho casa lá nas Rs. Mas eu queria sair lá daquela ocupação de qualquer jeito. A opção era a gente pode colocar vocês num terreno e depois quando tirar aquele pessoal de lá a gente repassa as casas pros devidos moradores. Daí nós viemos para cá. O Luiz veio um dia ver o terreno com o rapaz que era de luta pela moradia, ligou a chave do banheiro, viu tudo. No terceiro dia que ele conseguiu vir aqui já tinham roubado o banheiro e levado toda louça. Por sinal eu acho que nós compramos a louça. E aquela pecinha lá que eu fui morar foi a que o Luiz trouxe pra cá, praticamente na paleta e fez... até posso te mostrar depois uma foto, a primeira pecinha colada no banheiro. Depois ele fez mais uma coisinha assim com o pessoal que veio morar em outro terreno, sobrou umas

madeiras que era de uma escola, reciclada. Fez um elezinho assim junto com a outra peça. Então nós tínhamos esse dilema. Tinha parte que não podia receber visita, porque se tivesse duas visitas nós tínhamos que ficar na rua. Não tinha espaço, tanto que a gente dormia no chão. A gente levantava o colchão pra ter espaço e tal pra poder cozinhar. Eu vou te dizer sinceramente, eu não teria vitalidade pra poder passar por tudo isso. E hoje eu também não tenho muita paciência pra demagogia barata, pra ideologia... hipocrisia. Não tenho por que quando eu falo de um direito à habitação, falo com propriedade. Eu te digo qual é a real necessidade quando uma pessoa tem de morar, de ter uma identidade. Quando uma pessoa não tem uma moradia ela quase não consegue ter uma identidade. Porque se tu vives de aluguel o aluguel come na mesa. Se está com problema de saúde tu pensa ou eu como ou eu compro remédio ou eu pago aluguel. E por aí afora então daí nós ficamos aqui todo ano de 2000 e quando foi 2001 foi que disse... olha, tem uma surpresa para dar para vocês. Desocuparam a casa a gente retornou e vocês podem se mudar lá para casa. Ele ficou chocado. Até hoje eu acho que ele ficou chocado comigo, agora a gente não se fala mais. Eu disse e aí Ramon, o que tu pensas. Eu disse, eu não vou sair daqui. Aqui me foi dado pela Padilha e pela cigana e aqui que eu vou ficar. Não era assim cozinha, alvenaria, dois quartos. Eu disse, que a gente ia batalhar e construir aqui. Aí o Luiz revirou os olhos e ... eu vou batalhar. (risos) Porque ele que fez esse salão. Então com a mão-de-obra eu não me preocupo. O rapaz esse ficou chocado... ah, eu não acredito..., mas, guria, pensa bem... eu disse, não, é aqui que eu vou ficar. Eu estou bem aqui. Tháís, nunca me roubaram nada. E lá, às vezes até uma roupa que deixava na cerca pro lado de fora, se sumia. Praticamente eu te digo assim também, eu passei aqui trabalho, sabe? Porque quando eu fui conselheira do ComatHab, veio o Olívio Dutra foi para o recém-criado ministério das cidades, que acho que agora está extinto. E esse Ministério das cidades era justamente para discutir a política de habitação.

## Entrevista com Djanira Correa da Conceição

[Liderança comunitária da Restinga. Realizada em abril de 2019, para o curso de extensão A emergência das mulheres na ação comunitária].

*Pergunta: Qual sua formação?*

Resposta: Ensino fundamental completo

*Pergunta: Fala um pouco da sua trajetória pessoal*

Resposta: O que tu quer saber? Da onde que eu vim? Pra onde eu fui?

*Pergunta: Como tu foi parar na Restinga...*

Resposta: Primeiro em vim de Santa Rosa, com seis anos. Quando meu pai morreu e minha mãe ficou com oito filhos pequenos. O mais velho estava no quartel, eu era a menor, estava com seis anos. Daí nós viemos morar ali perto do Hospital, aqui perto na Glória aqui, não é o Divina Providência. Parque Belém. Nós moramos 6 anos ali. Não, menos... Daí depois nós moramos aqui na Glória perto do cemitério e daí depois nós fomos morar em Petrópolis. Depois de Petrópolis nós fomos morar na Antônio de Carvalho. Daí eu tinha, quando nós fomos morar em Petrópolis, eu tinha 8 anos. Daí eu fui como a minha mãe não sabia ler, não sabe escrever, não trabalhava, só meus irmãos mais velhos que trabalhavam... o meu irmão de 20 poucos, o outro de 17 foi para o Quartel, daí fiquei eu, uma irmã e um irmão em casa. Daí como a minha mãe não tinha sustentar o meu irmão foi trabalhar numa sapataria de italianos ali, trabalhou anos ali no Petrópolis. Eu fui trabalhar ali numa casa, fiquei um ano, mas não, menos de um

ano, que não ambiente ali não... E daí fiquei, comecei a trabalhar com 9 anos e até os 17 numa casa. Daí dos 17, dos 17 até os 23 anos eu trabalhei na filha dessa senhora que eu trabalhei até os 17. Daí depois eu saí, eu trabalhei no comércio, 17 anos, trabalhei na padaria 3 anos, trabalhei no Palácio dos Enfeites mais três anos e... trabalhei no restaurante 3 anos, numa padaria 3 anos também. Daí depois quando faltava serviço eu arrumava de doméstica e hoje eu trabalho como doméstica na neta dessa senhora que eu fui trabalhar quando tinha 17, quando eu tinha nove anos.

*Pergunta: Começou a trabalhar com 9 anos então?*

Resposta: Eu considero com nove anos porque foi onde eu recebi meu primeiro salário, 5 cruzeiros. Eu tinha, eu tinha nove, estou com 66, trabalho ainda...

*Pergunta: E nesta época tu estudava ainda?*

Resposta: Lá na Aparecida era assim, o trato que ela fez com a minha mãe era que era para eu estudar. Mas só que eu ia três meses no colégio, daí me tiravam porque o Paulo Roberto ficava doente ou qualquer coisa. Eu nunca consegui completar o primário. Nunca conseguia daí depois quando eu fui para filha dela eu fiz, mas não fiz... perto de receber de concluir eu saí, não me lembro porque, daí não concluí. Vim concluir aqui na Restinga depois.

*Pergunta: Na Eja?*

Resposta: Eu tinha feito naquele tempo era um supletivo que incluía o primeiro grau agora, o primário e o ginásio, mas também não consegui terminar. Que tinha que ser pago, eu não consegui pagar tudo, daí desisti. Daí depois, aos... 50 anos eu acho que eu voltei a estudar. Daí terminei com a ideia de fazer em seguida

outro curso para fazer, fazer o... não é ginásio, eu estou no tempo do ginásio. O segunda grau, ensino médio. E daí foi indo, foi indo. Como eu entrei pro Conselho Municipal e comecei a participar de outras coisas que me roubavam tempo. Daí eu não consegui fazer mas sempre naquela ideia de uma hora eu consigo, uma hora eu consigo.

*Pergunta: E como tu foi para a Restinga, Dja?*

Resposta: Nesse serviço que eu trabalhei 17 anos, o dono morreu. Mas antes disso ele tinha vários terrenos e um terreno era na Otto, e naquela época andavam invadindo não sei o quê e ele pagava imposto e não tinha ninguém morando. Daí como nós alugava casa ele ofereceu para o meu irmão e para minha irmã, porque a minha irmã também trabalhava na firma, o meu irmão também, se eles não queriam morar na Otto ali, que daí ele pegou e fez duas casas pré-fabricadas e nós moramos ali 12 anos. Só que daí ele morreu, e quando ele morreu ficou genro cuidando da firma. Daí o genro começou a vender os terrenos. Daí foi que eu fiquei sem casa. Daí como eu recebi a minha indenização por que ele ia fechar a firma, eu, foi o único lugar que deu para mim comprar casa com dinheiro que eu tinha e ainda faltou, foi a minha irmã que completou, foi na Restinga.

*Pergunta: E quantos anos tu tinhas?*

Resposta: Eu estou com 66, eu morei... eu morei 22 anos na Restinga... eu vim para Restinga com 40 e poucos, 42 eu acho. É 42, 43 anos.

*Pergunta: Então tu tinhas 43 anos quando tu foi morar na Restinga...*

Resposta: É, 42, né.. Faz 2 que eu moro aqui, foi 22 que morei ali. E ali na Restinga sim, que eu comecei a militar. Porque nós fomos

morar naquela, naquelas casinhas ali do núcleo esperança, que a gente não sabia quanto que estava pagando, quantos anos que ia pagar. Daí um dia o Miguel Rangel me convidou para participar do... mandou, botou uns papéis lá na porta, lá na caixinha, convidando para uma reunião para resolver os problemas da casa, das casas dali. Daí eu fui. Daí já fiz amizade com a Adecilva naquela época e com a mulher do Miguel. E conheci mais a Teresa, mais a Cléo, mais a Dona Maria e daí cada reunião que tinha elas me convidavam. Eu comecei a participar. Uma era por causa dos ônibus, outra era por causa das casas para ver se a gente resolvia o problema, e no fim eu saí de lá e as casas ficaram lá que a gente não conseguia pagar. Daí eu comecei a me interessar, gostei, comecei a entender, e comecei ser representante da Restinga na Uampa, na união dos moradores de Porto Alegre, no Condell, fazia parte lá, discutia os assuntos da Restinga, mas lá ela se discutia todo assunto de toda cidade, do ônibus, como...

*Pergunta: O que é Condell?*

Resposta: É um conselho que têm... acho que é uma coisa assim. E daí a gente discutia todos assuntos da cidade. Daí fiquei como representante dois anos lá. Daí depois de lá, daí eles me convidaram para.. ah, daí eu comecei a participar do começo como tinha também aqui na Restinga, o comitê pró... pro Carnaval aqui. Daí eu comecei a participar daqui do comitê. Daí antes... quando eu tava na Uampa também participei do comitê do carnaval que queriam botar o carnaval aqui na Restinga, Porto Seco, que não seria no Porto Seco que seria aqui na Restinga. Daí comecei a participar das Reuniões em prol do hospital da Restinga que essa história já é velha. A gente começou porque o hospital da Restinga tinha, a gente tinha reunião esporádica assim sempre pedindo um posto melhor, um hospital, que Hospital mudou três vezes o local que ele tá não era nenhum que ele era projetado. A primeira vez ele foi projetado ali na frente do Fórum da Restinga. Daí depois passou ali para escola Dolores, lá embaixo... não é Dolores aquela... Descendo a rua

dos taxis ali. A Ildo Meneghetti. E daí também não foi. Nesse meio tempo começou a luta do instituto federal.

*Pergunta: Que ano foi mais ou menos essa história do hospital e do instituto?*

Resposta: Acho que faz 10 anos. (O Instituto foi 2005, 2006). O hospital já estava antes, só que não tinha nada de verdadeiro. Era só reunião, busca, até que numa reunião na câmara de vereadores, um deputado, um vereador, daí esse vereador falou com os deputados do PT na época e daí começaram a fazer um projeto para ver se saía. Daí quando veio, foram procurar um interessado daí quem se interessou foi o Moinhos de Vento. Daí mandaram a turma do comitê, fez os documentos e foram a Brasília daí como era na época do Governo do Lula, daí o Lula assinou. E daí que se começou verdadeiramente buscar a luta do hospital, que isso era uma luta de 30 anos. E o Instituto Federal foi em 2005, acho que era o Lula também, que foi através do Eliezer Pacheco e da Maria do Rosário, que foram os que... que tem muito pai nessa, nesse Instituto, mas verdadeiramente se a gente vai falar dos primeiros que começaram isso... primeiro foi o Elieser com a Maria do Rosário, daí veio o Vilaverde e o Comassetto. Esses sim pode dizer que eles estão desde o começo na luta e na defesa. Claro, que depois tem muitos que estão tirando casquinha que não é, não seriam os verdadeiros. Mas daí o Elieser estava no instituto de... no Instituto não, no Ministério da Educação. Daí ele, a gente começou a brigar para ter um instituto na Restinga, que nosso lema era menos prisão mais educação. Que a gente queria que o pessoal da Restinga não saísse no jornal só como bandido, mas que também tivesse um projeto de educação aqui dentro da Restinga. Daí a gente começou a lutar, a gente fez uma luta muito árdua, porque primeiro que a gente foi lá em Bento conhecer como é que funcionava o instituto lá de Bento. Daí quem ia coordenar o Instituto aqui na aqui na Restinga seria o Instituto de Pelotas mas aí Pelotas veio e não gostou não sei o que... daí passou para o Instituto de Bento. Daí

começou a luta. Primeiro ia ser lá perto do Lidovino Fanton, que era lá na Restinga Velha. Daí depois passou... eu sei que ele teve três lugares antes de sair, antes de sair no atual no lugar dele, que até tem uma revista que eu tenho que achar a revista aonde está o lançamento da primeira pedra fundamental que tem, que tinha os arbustos, que tinha... e a gente não queria naquele local onde ele tá, por ser, a gente achar de difícil acesso. A gente o queria mais pra cá, mas daí não deu. Daí foi lá.

*Pergunta: E me diz o que te motiva a ter envolvimento com essas questões comunitárias?*

Resposta: Quando eu comecei, eu comecei assim. Eu vim dum bairro, eu digo isso e as pessoas não gostam que eu diga isso. Eu vim da Otto, que era um bairro classe média baixa, mas um bairro bom. Daí eu cheguei aqui na Restinga e era tudo diferente. Eu nunca tinha vivido com violência, com polícia batendo na minha porta... Isso aí para mim... Mas daí eu fiquei pensando assim, não adianta eu ficar dentro de casa com medo se a gente não lutar pra melhorar a condição de vida que a gente estava ali. Daí eu comecei justamente a participar pela luta pelas casas, daí as pessoas me convidaram pra outras, por exemplo pro carnaval, eu não sou carnavalesca, mas eu acho que também é um direito das pessoas se divertirem, quem gosta. Daí educação, eu acho que educação é importante, porque onde tu tens educação as pessoas podem tirar tudo de ti, mas conhecimento as pessoas não te tiraram. E eu acho que tu com conhecimento tu sabe te defender, tu sabes qual são os teus direitos, tu sabes aonde é que tu tem que ir, e pra mim educação é tudo. E a saúde também. Quando eu comecei a participar da luta pelo hospital porque eu via o sofrimento das mulheres lá na Restinga ganhando nenê na parada de ônibus, porque o nosso hospital de referência é a Santa Casa. Mas sair daqui da Restinga, 30 km, pra ganhar um nenê na Santa Casa, muitas mulheres ganharam no ônibus, ganharam no terminal esperando um ônibus para ir ou às vezes esperava ali no pronto-



-atendimento que naquele tempo era da Ulbra, mas que não era um bom lugar também. Isso que me motivou, porque eu não ia, não ia ter mais filho, mas eu poderia ter... meu filho ter filho ou a mulher dele ter filho... E daí? Como é que ia ser? E isso que me motivou. Eu acho que depois que tu começa, depois que tu começa a participar, aquilo te dá uma força assim, É...é... não sei, quando a gente se une assim a gente parece que tem mais ânimo, por isso que eu comecei a participar. E daí depois de estar todos nessa, nessa luta, em 2008 nós começamos pela luta do hospital e daí também como existe os conselhos distritais de saúde locais, eu fui convidada a participar no conselho distrital. Daí comecei a participar, participar, e como a gente não dava jeito de fazer uma eleição que tinha uma turma mas a gente não conseguia fazer o conselho da Restinga distrital, ter uma agilidade, uma coisa... quando teve uma audiência pública sobre o hospital da Restinga nós lançamos a chapa e, não me lembro quem é que estava, se foi o prefeito quem é, agora não vou me lembrar, que abonou e disse que a gente estava eleito, assim na audiência pública. Nós demos uma tacada assim, vamos enfrentar, vamos ver se a gente e daí eu fui para o conselho. Daí fiquei no conselho distrital um tempo. Daí depois teve eleição... Isso em 2008, acho que em 2009 teve eleição no conselho que eu entrei como vice. Daí eu fiquei de vice um ano. Daí a coordenadora saiu, que a gente não diz presidente, a gente diz coordenadora, saiu porque o sindicato dela achava que ela não representava mais o sindicato e tirou ela. Daí eu fiquei como coordenadora. Daí na outra eleição eu ganhei a eleição e fiquei como coordenadora e depois quando a Mirtha veio como coordenadora, eu vim e fiquei como vice. Quando eu fui coordenadora a Mirtha foi vice minha.

*Pergunta: Para ti o que é ser uma liderança comunitária?*

Resposta: Eu não me vejo como liderança. Eu me vejo como uma lutadora em defesa dos interesses da população mais carente, não que eu não seja carente, mas eu acho que tem gente muito mais

do que eu, que precisa muito mais de uma ajuda, de um esclarecimento. Eu não me vejo como líder, eu me vejo como lutadora. Uma defensora dos direitos das pessoas mais carentes, porque quando tu entras numa coisa, tu vai defender que o posto de saúde tem mais remédio, tu não está só pra ti, tu não está querendo legislar em causa própria, tu não está olhando só pra ti. Tu estás olhando praquelas pessoas, praquelas mães que vão lá e ficam 5 horas, às vezes, na fila pra consultar, às vezes, ficam um mês sem conseguir o remédio no posto e hoje em dia minha luta maior é na saúde. E tem uma coisa que eu sempre digo, cada vez que eu falo me emociono é que o instituto pra mim representou uma coisa tão boa, uma vitória tão boa. Uma vitória assim, que quando eu vejo as pessoas, que eu descobri que tem um monte de gente que eu conheço assim que conseguiu botar os filhos no instituto federal me dá uma alegria. Saber que ali eu plantei uma semente, ali foi muito bom. E a luta que a gente teve pelo instituto federal, que a gente fez reunião nas ruas, porque o CAR a gente marcava as reuniões sábado que era o dia que todo mundo podia, que a maioria das pessoas não trabalhavam, a gente marcava as reuniões no CAR às 10h, chegava às 10h, o CAR fechado. Fazia reunião no bar, fizemos reunião na calçada, na Restinga Velha, reunião decidindo coisa. Então eu tenho carinho muito, muito grande pelo instituto federal. E tem pessoas ali que eu admiro muito, muito, muito. Pena que uns vão outros ficam...

*Pergunta: E hoje tu desenvolves alguma ação assim enquanto militante, liderança?*

Resposta: Eu continuo, hoje como não sou mais coordenadora do conselho municipal, mas eu sou do conselho distrital sul, centro-sul, sou do conselho local aqui do meu posto, e sempre que precisa eu estou na luta. A gente passou todo esse fim de semana na conferência Municipal de Saúde, na 16ª, 8 + 8, como está sendo chamada, que é a conferência da democracia. E eu acho que é porque a gente ficou três, dois dias e meio discutindo bastante saúde

e vendo o que está sendo feito na saúde de Porto Alegre, que é horrível o desmanche que tá acontecendo e a gente está lutando. Só que as pessoas não se dão conta que não é que nem esses dias, ah, vamos lá na reunião para uma pessoa... ai, não, já te elegemos pra tu decidir. Isso que me deixa triste, porque as pessoas não entendem que a força que nós temos é muito maior se a gente se unir. Não adianta se em vez de três, dez pessoas são muito mais representativas, as pessoas têm muito mais força. E infelizmente hoje em dia, não sei o que está acontecendo com as pessoas que as pessoas não querem mais participar de reunião. Eu acho que é pelo desgaste da gente ir, ir, ir às reuniões e as coisas sempre tão difícil de ser solucionadas. A saúde em Porto Alegre tá virando um caos de novo. Em vez de nós caminharmos para frente nós estamos caminhando para trás.

*Pergunta: Nesse sentido, quais são as maiores dificuldades que tu percebes nessa trajetória tua?*

Resposta: É fazer as pessoas te respeitarem. As pessoas verem que tu estás lutando não é por ti, tu estás lutando é por mais. Claro que eu vou lutar por mim que se eu tiver uma saúde de qualidade vai ser bom para os meus também. Mas é difícil tu fazer o teu nome dignamente, as pessoas te respeitarem pelo que tu é. Porque eu enquanto coordenadora de Conselho Municipal eu estou discursando lá na frente, discutindo com secretário, mostrando para ele onde é que está errado o atendimento, e tu escutar atrás de ti uma médica dizer, mas essa empregada doméstica discutindo com o secretário? Assim sabe, as pessoas quando tu não tens um doutor na frente, as pessoas te menosprezam por aquilo. Isso, as pessoas desconhecem que tu não tens uma faculdade, tu não tem diploma mas tu tem conhecimento da vida. Te garanto que o que eu vivi nesses meus 66 anos desde criança que eu tive que dormir embaixo da cama da outra empregada para não ser estuprada com mais idade... as coisas que eu vi de tomar o resto de café para sobreviver, porque as pessoas, as ditas pessoas de bem naquela época que eu comecei queria uma

negrinha, que assim que era chamada. Mas eles não tinham preocupação de uma alimentação correta para ti. Meu café da manhã eram os restos da mamadeira do guri que eu cuidava. Tanto é que eu fiz um juramento com 12 anos, e na minha casa ninguém toma café requentado. Isso aí eu levo a sério. Então essas coisas que te fazem assim. E eu acho que a gente não tem que ter medo, não tem que ter medo, de falar o que tu pensas, de dizer, de mostrar o ser humano que tu és, porque às vezes eu extrapolo como todo mundo. Mas se eu tenho uma coisa que eu fiquei seis anos dentro do conselho discutindo diretamente com o secretário, o primeiro secretário que não respeita a gente, primeiro secretário e Prefeito que não foi na conferência foi o Marchezan. Que com todos os defeitos dos outros, mas o primeiro que não foi nem mandou uma representação nas conferências foi ele. E sendo que a Lei 8.080, 8.142 dizem que eles têm que estar junto com os conselhos. E eles não respeitam nem a população de Porto Alegre e nem os representantes da população que seriam os conselhos. Tanto é que o governo federal também fechou o conselho da pessoa com deficiência.

*Pergunta: E desafios que tu consideras agora com 66 anos nesta trajetória?*

Resposta: Eu acho que é estar viva e participando, porque enquanto eu estiver lutando é sinal de que eu estou viva. Porque eu acho que nesse momento se eu parar e ficar dentro de casa, eu morro muito ligeiro. E enquanto eu estou buscando alguma coisa, eu acho que eu estou melhor.

*Pergunta: Tu percebes diferença entre ser homem e ser mulher nas lutas, nessas manifestações?*

Resposta: Com certeza. Isso é gritante ainda, porque o homem chega ele é o senhor e a mulher chega e conforme ela se comporta ela não é uma senhora, ela é uma qualquer. Então existe sim, existe o problema da cor, existe o preconceito, é gritante, entre homens e mulheres. Isso mesmo entre os militantes, mesmo entre as pessoas que a gente está junto tem preconceito.

*Pergunta: Que saberes tu julgas pertinente para quem deseja ocupar estes espaços?*

Resposta: Olha, eu acho que me salvou, o que me salvou de eu não ser totalmente alienada foi que eu tenho uma qualidade, eu sempre gostei de ler muito. E quando eu era criança que eu comecei, que eu fui ao colégio e aprendi a ler eu sempre li muito jornal. Eles ficavam furiosos lá porque quando era domingo de manhã tinha o Correio do Povo e tinha uma página que era de literatura, de conhecimento, que onde o Mário Quintana escrevia, eu esqueci o nome daquela página, e sabia até pouco tempo o nome daquela página. Eu lia de trás para diante mesmo, eu sempre lia o jornal, sempre comecei de trás para diante mesmo. Então tinha a página, não me lembro se era Página H. Daí o Mário Quintana escrevia, e eu sou uma apaixonada por rádio também. Eu acho que tu tens que ouvir e depois quando tu comesças a ler tu comesças a entender que tu tens que fazer a seleção daquilo que tu queres ouvir. Como é que tu tens que entender, que a notícia é dada ali, tu podes ver a notícia como estão dando naquela hora e tu pode ver a notícia nas entrelinhas, que às vezes aquilo que a pessoa está falando ou escreve tu tens que ler ou ouvir duas vezes para tu ver que a notícia não é só aquilo, tem mais coisa atrás da notícia. Eu acho que o que me salvou foi isso. Eu sempre fui uma pessoa que eu me dou com todo mundo e eu sempre escuto, escuto as pessoas e eu acho que o conhecimento é a vida que tu levas, que tu vais aprendendo. Que a gente tem que querer aprender. Às vezes tu não tem estudo, mas tem que querer aprender. A minha irmã mal sabe escrever, mas tu falas com ela, agora ela está com 77 anos, teve um infarto. Mas a minha irmã, as pessoas onde ela trabalhava elogiavam ela, que ela sabia falar de qualquer assunto. Tudo que era assunto que falavam ela acompanha. Eu acho que isso é importante.

*Pergunta: Que conhecimentos tu sugeririas como importantes para trabalhar nesse curso que a gente quer fazer conjuntamente?*

Resposta: As pessoas têm que saber um pouquinho do que é direito seu, que é o principal eu acho. Que as pessoas têm que tomar conhecimento o que pode que não pode, o que é dever, o que a gente pode brigar, buscar. Isso a pessoa tem que ter noção, porque uma pessoa que não sabe os seus direitos não adianta nada, não tem luz, vai brigar por quê? Porque as pessoas hoje estão aí, porque elas não sabem. E outra coisa, não sei como é que a gente vai incentivar as pessoas a participar, porque as pessoas acham que é só política partidária. Não, o ato de viver é um ato político. Comer é um ato político, depende como tu interpreta isso. Porque não é só a política partidária. Porque as pessoas têm que entender isso, que a gente não é só a luta partidária, que a gente tem uma luta diária, que é a luta de sobrevivência, a luta do bem morar, que é um direito nosso. As pessoas têm que saber, por exemplo, o que são direitos humanos. Que direitos humanos não é porque é para bandido. Que direito humano é tu ter direito de comer bem. É direito de morar numa casa decente, com o esgoto, com luz. Isso são Direitos Humanos. Ah, defende bandido. É um direito que o bandido tem. É um direito que ele tem. Um direito que ele fique preso, mas que ele fique preso numa cadeia, numa prisão decente. Que ele possa ser reabilitado, que é onde ele possa trabalhar, onde possa estudar. Não uns depósitos de pessoas que nem a gente tem aí. Isso não é direito. Então, direito humano não é dar café com leite para eles, isso é um direito que eles têm.

*Pergunta: Como é que tu enxergas a mulher na sociedade?*

Resposta: A mulher ainda está no lugar que não é... está melhor, mas não é destaque ainda. Porque se a mulher fosse respeitada não receberia 30% menos do que o homem.

*Pergunta: E a mulher na política?*

Resposta: Também. As próprias mulheres são... são preconceituosas. Porque elas votam muito mais em homem do que em mulher. A sociedade toda. Mas as mulheres, em vez de votar nas mulheres, elas votam em homem.

*Pergunta: Por que tu achas que isso acontece?*

Resposta: Eu acho que desde 1932, quando foi instituído o voto feminino, eu acho que desde ali as mulheres sempre foram... como é que eu vou te dizer... sucumbidas não... me faltou a palavra agora. Sempre foi considerada um voto de segunda categoria, porque sempre o Brasil, quando todo mundo sabe, sempre foi dirigida pelos grandes fazendeiros, cafeeiros, os grandes plantadores de cana. E ali, naqueles sertões, as mulheres não tinham voto, não tinham voz. As mulheres eram para procriar e cuidar da casa. Isso ainda nós estamos nessa parte ainda. Já melhorou muito, mas ainda se tu for para fora, e ainda tu vêis isso. E agora como a mulher já conseguiu estudar mais, trabalhar, hoje as mulheres estão se apoderando. Empoderando. Elas estão vendo que é... Porque todo mundo dizia: aí, o que que tu vais fazer né? Até hoje eu vejo, eu escuto: mas o que tu queres nessas coisas? Isso aí tu não vais resolver nada, é uma perda de tempo para onde vocês vão. E assim é nas mulheres. É só tu ver lá na Câmara de Deputados lá, que eles gritam mais, querem abafar a voz das mulheres. É o machismo isso aí. Para mim é machismo.

*Pergunta: Que alternativas tu visualizas para tal situação?*

Resposta: É não abaixar a cabeça. Nós não podemos desistir. Nós temos direito. Nós trabalhamos. Nós sustentamos casa. Nós sustentamos filhos. Que os homens, às vezes, gostam muito da mulher, mas quando a mulher tem um filho é o primeiro picar mula sem nem saber se tem um remédio para dar para criança que sobreviveu ali e nem procurar. Então eu acho que as mulheres estão no caminho certo, elas não podem baixar a cabeça. Se nós quiser-

mos ir ao barzinho tomar uma cerveja nós temos direito. Se nós quisermos ir ao cinema nós temos direito. Nós não precisamos pedir licença para isso. Eu acho que isso aí é uma conquista e nós temos que continuar assim.

*Pergunta: Já partindo para finalizar, a importância dessa tua trajetória para formação da tua identidade, pra tu dizer “eu sou a Djanira”.*

Resposta: Eu acho bem legal isso. Eu sempre achei, eu sempre fui uma menina do contra como a minha mãe dizia. Meus irmãos brigavam comigo e a minha mãe dizia assim: deixa essa guria em paz, vocês sabem que ela é diferente. Porque eu sempre pensei diferente. Eu sempre achei que eu não tenho que estar chamando o seu Fulano de sua excelência, o seu doutor... porque ele teve chance de estudar, eu não tive, mas ele é uma pessoa igual a mim. Eu tenho que respeitar não é pelo dinheiro que ele tem no banco, mas é pela pessoa. Porque o que nos diferencia é o dinheiro que um tem e o outro não tem. Às vezes, talvez, eu tenha mais caráter que muitas pessoas que têm muito dinheiro. Porque eu não sei como eles fizeram a fortuna deles. Eu sei como eu conquistei a minha, que foi trabalhando e trabalhando muito e continuo trabalhando. E essas lutas me fizeram fortalecer mais aquela ideia que eu tinha, que eu não tenho que ter medo e nem vergonha de ninguém. Eu posso falar errado. Eu posso ser às vezes como é que... simplória, mas eu tenho direito de ir em qualquer lugar que todo mundo tem. Não tenho que ter medo. Eu tenho que saber me comportar às vezes no lugar, mas o direito de ir e vir ninguém vai me tirar. Isso eu aprendi nas lutas e quero que as outras mulheres aprendam isso também.

Pergunta: Tem mais alguma coisa que tu gostarias de falar... sobre essa temática?

Resposta: Eu acho muito legal isso, eu acho uma temática muito boa. Eu acho que é isso que a gente tem que fazer. É isso que a gente tem que fazer nas escolas, nos institutos federais, que a



gente tem que lutar para não perder os institutos, lutar para não perder os postos de saúde.

*Pergunta: Tu farias um curso desses, em que lideranças comunitárias ministrassem a partir dos seus conhecimentos?*

Resposta: Faria. Eu acho que a gente tem que fazer de uma maneira que empolgue as pessoas. Porque a gente tem que reinventar algumas coisas, até na luta comunitária eu acho que a gente precisa se reinventar. Porque só vir e blábláblá... as pessoas gostam de ver ação. Mas eu acho que é interessante buscar filmes de luta, mostrar como é que a humanidade conquistou as coisas. Que não é tu ficando sentada dentro de casa que as coisas vão cair. Isso tu podes saber que do céu só cai chuva, avião e mais nada.

*Pergunta: Que tipo de coisa tu achas que diferente seria interessante em vez de ficar só no blábláblá?*

Resposta: Pois é, isso aí que a gente tem que descobrir, eu acho que tem que ser mais pessoas pensando junto. Eu acho que a gente tem que, não sei o que a gente tem que fazer, mas essa coisa muito parada tu podes ver. Olha, na conferência tinha mais trabalhador que usuário. E quem é que vai ser prejudicado com as mudanças? Muito mais o usuário que o trabalhador. Apesar que os trabalhadores também estão levando laço. Mas o trabalhador ainda tem suas garantias, até quando a gente não sabe, assim como o usuário, assim como os aposentados que estão perdendo. E nesse governo que recém começou, eu acho que nós vamos perder muito. Eu acho que ainda nós vamos ter que fazer uma revolução. Para a gente não deixar as coisas que a gente conquistou aí partindo. O salário mínimo já vai ser menor do que os outros anos porque vai ser só a inflação. A gente já fez as contas quanto é que um aposentado, dois aposentados que pagam o aluguel e ganham 900 reais? O aluguel come, o remédio que se eles tirarem como projeto que está aí lá no projeto do governo federal de diminuir a distribuição dos remédios. Eu se fosse comprar os meus

remédios por mês todos que eu tomo daria na base de 400, 500 reais. Então, por isso eu ainda defendendo um partido mais à esquerda do que esse que tá aí porque esse aí não me representa em nenhum momento. Nenhum. Nem no estado, nem no município, e nem a título de Federal. Esses governos aí não me representam. Eu não me sinto representada por eles, como cidadã.

## Entrevista com Maria Guaneci Marques de Ávila

[Liderança comunitária do bairro Restinga. Realizada em abril de 2019, para o curso de extensão A emergência das mulheres na ação comunitária].

*Pergunta: Qual sua formação?*

Resposta: Nível superior em Serviço Social.

*Pergunta: Então, Guaneci, conta um pouquinho da trajetória pessoal relacionada à questão da liderança comunitária, como é que tu veio para a Restinga...*

Resposta: Então, eu vim parar na Restinga em 87. Eu morava em Gravataí. Aí eu tive umas perdas materiais, perdi a casa que eu morava, porque era um projeto lá na época da habitação e a gente não tinha mais como pagar. Então a Caixa Econômica tomou o imóvel da gente... e nós tínhamos uma pessoa conhecida que morava na Restinga, que era o padrinho até do meu ex-marido e ele conseguiu uma casa aqui na Restinga. A gente trocou por um Fusca que a gente tinha na época, um fusca, e mais um dinheiro lá que era muito pouco. E a gente veio parar na Restinga então. Então, em 1º de setembro de 87 eu vim morar na Restinga. Cheguei aqui apavorada. A casa era um galpão cheio de lixo, de tudo. Eu saí de uma casa boa. Então foi bem difícil... mas a gente olhou e disse não, vamos organizar, vamos limpar e vamos criar nossos filhos aqui. Na época eu tinha o William, com 3 meses, o Marcelo com seis anos, então recém eu tinha tido um bebê, não estava trabalhando ainda. Então foi bem difícil a vinda pra cá. Também o contexto social, porque as pessoas nos apavoraram muito, que na Restinga todos os dias matavam um, que a Restinga era isso, que

a Restinga era aquilo, e eu fiquei um pouco apavorada, como que eu iria trabalhar, criar os filhos, numa comunidade com tantos problemas assim? Mas depois eu vi que era tudo falsas notícias, que não é tão ruim assim e eu acabei me apaixonando pela Restinga e estou aqui há 31 anos e... não admito que ninguém fale mal da minha comunidade.

*Pergunta: Essa tua trajetória relacionada às questões comunitárias ela já vinha antes ou foi uma coisa aqui na Restinga que surgiu?*

Resposta: Na verdade, aqui na Restinga que despontou essa luta comunitária pelas necessidades. Mas eu sempre converso muito que eu lembro que eu sou do interior, então eu lembro que com 12 anos eu já ia para o hospital ajudar a cuidar as mulheres que tinham filhos, que tinham bebês e não tinha quem ficasse com elas... a minha mãe já dizia vai lá, cuida a vizinha. Então a minha vida, na verdade, toda eu fiz o serviço social entendeu? Na minha vida toda eu ajudei outras mulheres. Quando eu cheguei na Restinga, por sair de uma situação financeira razoável, vir para um espaço que estava desorganizado, sem trabalho, com bebê pequeno, sem nenhuma creche, e com muitas situações ali que eu tinha que dar conta... por exemplo, quando eu cheguei não tinha escola para o meu filho de 6 anos. A escola que era o Lidovino Fanton estava sendo construída. Então eu já tive que começar a participar das reuniões... ele já entrou atrasado, com sete anos e pouco, porque justamente a escola não estava pronta. Aí foi quando eu conheci a Maria Salete. Então depois eu comecei a frequentar a paróquia. Daí fui convidada para ser catequista. Então tudo isso foi... começou ali... Aí tinha a Associação de bairro, tinha que ir para Associação para lutar pelo asfalto, pelo saneamento básico que não tinha perto da minha casa. Então eu tive que começar a frequentar as reuniões para poder dar conta dessas demandas. E foi aí que começou, então, participar da associação, participar da Paróquia. Nessa época, em 94 eu acabei fazendo o curso de promotora legal popular, do qual até hoje eu participo e participo

de várias atividades, e também participo dos cursos de formação. Mas lá no início, então, tinha muita falta de políticas públicas nesse bairro, e que a gente tinha que participar para poder dar conta disso. Então a minha militância, a minha vida começou na Restinga assim, tendo que lutar por educação, por saúde, por habitação digna, para poder ter um lugar para morar.

*Pergunta: Há quanto tempo tu tens essa atuação como líder comunitária?*

Resposta: Desde que eu cheguei aqui, desde o dia primeiro de setembro de 87, que eu já cheguei tendo que lutar pelo espaço que eu morava e depois para educação dos meus filhos, e por uma creche para que o pequeno pudesse ficar para eu trabalhar, pela saúde. Então, na verdade, desde que eu cheguei aqui, eu estou sempre participando das lutas. Por todas as políticas públicas que a gente precisa, não só para os meus filhos hoje, que já são adultos, mas pela comunidade. Hoje tem outras pessoas que precisam que a gente esteja à frente também ou colaborando, ou informando, ou apoiando nas lutas.

*Pergunta: Que questões hoje tu desenvolves e desenvolveste enquanto líder comunitária?*

Resposta: Eu desenvolvi várias. Eu participei da construção de uma associação de crianças e adolescentes com deficiência, que é a Rita Yasmin. Eu participei da luta pela implementação do Instituto Federal de Educação hoje, que na época era Escola Técnica Federal. Eu participei e participo da Themis, que é uma ONG feminista, Gênero, Justiça e Direitos Humanos, que até hoje eu participo da formação, de cursos de formação de mulheres lideranças comunitárias para que elas tenham acesso, conhecimento e informação e acesso à justiça, e essa ong inclusive, ela foi uma das que escreveu boa parte da Lei Maria da Penha. Então a gente é muito solicitada para falar essa lei, que é a terceira melhor lei do mundo. E que hoje se as mulheres ainda sofrem algum tipo de violência é porque essa lei não é cumprida, ela não é executada

como deveria ser. A lei é fantástica, ela é maravilhosa. Então na verdade eu tenho participado de muitas lutas na área dos Direitos Humanos, da educação principalmente...

*Pergunta: Que saberes tu julgas pertinente para quem ocupa esses espaços e pra quem deseja ocupar?*

Resposta: O que a gente aprendeu ao longo desses anos que o maior instrumento que nós temos na nossa vida é o conhecimento e a informação para garantir os nossos direitos. E a gente percebe hoje que, embora a mídia esteja presente aí, as pessoas ainda não têm informação de fato do que são os seus direitos. Direitos à habitação, direitos ao transporte, direito à educação, direito à saúde, direito a uma vida digna. As pessoas sabem onde é, por exemplo, a delegacia de polícia, mas não sabe como fazer um boletim de ocorrência. As pessoas sabem onde é o posto de saúde, mas não sabem chegar lá e reivindicar por uma medicação, por uma consulta especializada. As pessoas já chegam com medo de solicitar e é um direito delas.

*Pergunta: Quais dificuldades e desafios tu encontraste na tua trajetória, que tu encontra ainda nesta tua trajetória de líder comunitária, enquanto mulher?*

Resposta: O maior desafio que nós encontramos, que eu encontro principalmente, é a falta de políticas públicas para as mulheres, principalmente. A falta de conhecimento e de comprometimento dos serviços para dar conta dessas políticas públicas. A falta de informação e transparência de como, principalmente as mulheres que hoje é o público que eu mais trabalho, tenham acesso a esses serviços. E a falta de esclarecimento mesmo sobre todas essas demandas sociais que a comunidade necessita e que no dia a dia ela não tem essa informação, ela não tem esse acesso. E isso a gente percebe em todos os espaços que a gente transita.

*Pergunta: Tu vêes diferença entre, por exemplo, ser homem ou mulher dentro desse movimento de liderança comunitária ou tu achas que é mais ou menos a mesma coisa, os mesmos desafios?*

Resposta: São os mesmos desafios, a diferença que eu percebo hoje que se tu vai numa reunião de luta comunitária tem muito mais mulheres que homens, dependendo da demanda, dependendo do movimento que tu estás. Por exemplo, as mulheres muitas vezes até gostariam de participar, mas elas não participam pela falta de segurança, de poder sair de noite para uma reunião. Ou até mesmo por falta de não ter com quem deixar seus filhos. Então hoje as mulheres participam muito mais da escola infantil, da escola dos seus filhos, ou até mesmo do posto de saúde, mas outros fóruns de discussão as mulheres não conseguem acessar, participar pela insegurança que a gente está vivendo hoje, e porque ela chega em casa e tem vários afazeres. O homem é diferente, o homem se chegar ele larga as botinas num canto e vai para onde tiver que ir. Ele não se preocupa com a janta, com cuidado dos filhos, preparação da mochila para outro dia ir para escola. Então essas são as dificuldades e desafios que as mulheres ainda têm. A parceria dos homens pra que elas possam de igual para igual participar ativamente. Mas quando tu vais para o movimento, as mulheres são 70, 80 por cento... Na hora da luta mesmo as mulheres são a maioria.

*Pergunta: Por que tu achas que isso acontece?*

Resposta: Porque as mulheres percebem mais essa, vamos dizer assim, essa dificuldade... A mulher percebe mais a falta que a saúde, a educação, habitação fazem, principalmente para elas... Então por isso que elas vão mais para luta. Elas que cuidam. Na verdade, as mulheres hoje elas ainda cuidam mais da sua família, se preocupam mais com a sua família. Os homens até tem uma porcentagem que se preocupa, mas não são tantos. Quem tem esse olhar de cuidado, de ter uma habitação digna, de ter trabalho, de escola para seus filhos, ter saúde para todos é a mulher.

*Pergunta: Como tu vêes a importância da tua trajetória aqui na Restinga e nestes movimentos para a construção da tua identidade, dos teus saberes, da tua experiência? Como é que isso te constituiu?*

Resposta: O que eu digo... assim... Morar na Restinga, viver nessa comunidade, passar por todas as dificuldades e desafios que eu passei e ainda passo, participar dos movimentos que eu participei e participo... eu digo que foram esses movimentos e essas lutas que fizeram a mulher que eu sou hoje. Eu digo que tudo isso que eu participei, construí junto com várias outras pessoas, me transformou nessa liderança que eu sou hoje, nessa mulher, que eu digo que eu sou uma mulher forte sim hoje. Eu enfrento várias dificuldades e desafios. Porque quando tu és referência no cuidado de outras pessoas é desafiador. Então eu sempre converso muito sobre isso. Se eu não morasse talvez na Restinga, não passasse por todas as dificuldades e desafios que eu passei, talvez eu não fosse a mulher que eu sou hoje. Mas por estar numa comunidade onde com muitas carências, muitas dificuldades e ser apoio para tantas outras mulheres, que sabem que a gente tem um conhecimento das políticas públicas, de como acessar, de como dar conta dessas demandas, e elas dependem muitas vezes da gente para conseguir que elas consigam também ter um mínimo de direitos, eu acho que tudo isso constituiu a mulher que sou hoje.

*Pergunta: Como tu percebes a questão da mulher e a política, porque dentro do meio dos movimentos sociais que tu falaste, a mulher e sociedade, tu vêes que a mulher está bastante presente, mas e na política não, como tu percebes isso?*

Resposta: O que eu percebo isso, é uma pergunta bem interessante. O que eu percebo a mulher na política. Se nós olharmos hoje, em épocas de campanha, as mulheres são 80% as mulheres que vão para a rua fazer campanha para seus candidatos e candidatas. Mas a hora que a mulher quer ser a candidata, ela não tem o apoio do partido, ela não tem apoio financeiro, porque



ainda a política tem uma cultura machista. Isso a gente já discute em alguns movimentos. A mulher não disputa cargos políticos por falta de apoio político do partido, por falta de apoio financeiro, porque a gente sabe que uma campanha é cara. É isso que eu percebo hoje na política, que a mulher não tem muito, tanto que eles, que os partidos apenas cumprem cotas. Mas eles cumprem cotas, mas eles de fato, eles não trabalham, não valorizam, não fazem formação política para aquela mulher, para que aquela mulher dispute uma eleição política. Seja qual for ela, municipal, estadual, nacional. Então a mulher tem competência, tem inteligência, tem articulação, mas para disputar um cargo político ela não tem o apoio dos partidos, da sociedade.

*Pergunta: Por que tu achas que não tem esse apoio?*

Resposta: Pela discriminação de gênero mesmo. Ainda há uma discriminação de gênero. Porque quando tu estás na rua fazendo uma campanha, muito, tu ainda ouves as pessoas dizendo assim, aí eu não voto em mulher... então existe uma cultura machista nessa sociedade, uma cultura política machista nessa sociedade. Que ainda discrimina a mulher e que não dá chance de a mulher disputar um cargo político. E seja qual for o partido.

*Pergunta: Que alternativas tu vês pra situação da mulher na sociedade, de discriminação?*

Resposta: Eu sempre fico pensando e até pensando nessa sociedade que a gente vive hoje, que se a gente quiser fazer a diferença, se quisermos mudar o que está aí, nós precisamos trabalhar a reeducação. Na família, na comunidade, na escola, em todos os espaços que sejam espaços de multiplicação e formação. Se nós não trabalharmos a reeducação, a gente não vai conseguir combater o machismo, o preconceito, a discriminação... a desvalorização, principalmente da mulher.

*Pergunta: E nesse sentido, que tipo de conhecimento tu gostarias de transmitir no curso, o que tu achas que poderias em forma de oficina, de palestra, que tipo de conhecimento que tu gostarias de estar transmitindo para essas jovens e adolescentes?*

Resposta: O que eu gostaria de transmitir para essas jovens que estarão nesse curso, primeiro dar exemplos práticos, de tudo aquilo que a gente já vivenciou nessa vida. Do que foi positivo e negativo. E acho que segundo momento que eu penso que é bem importante, é discutir com elas, e conversar com ela sobre informações, se elas sabem, se elas têm informações sobre determinado assunto, por exemplo, saúde sexual reprodutiva, saúde da mulher, sobre trabalho. Discutir com elas o que é importante para elas saberem e acho que o que é mais importante também é a gente poder conversar com elas e passar como conhecimento, experiência aquilo que a gente viveu. Aquilo que deu certo e aquilo que não deu certo. Porque não deu certo e porque deu certo. Acho que fazer essa troca de experiências e trazer para a vida real, a vida prática, a vida do dia a dia.

*Pergunta: Tu achas que este curso é importante?*

Resposta: Extremamente importante, como eu dizia no início, quando a gente vai pensar uma formação, curso, uma oficina, aí que a gente pensa num determinado tema, a gente pensa, pensa e acha que vai chegar lá as pessoas já sabem e muitas vezes as pessoas não sabem. Quando tu começa a discutir determinado tema as pessoas têm muitas dúvidas, tem informações desatualizadas. Vamos pegar, por exemplo, a lei do feminicídio. Quem sabe o que é a lei do feminicídio? Se tu pegares a própria Lei Maria da Penha. Quem sabe como é que a lei de fato tem que dar conta daquela demanda daquela mulher? E se tu for pegar outros temas, qual é o direito da mulher na habitação? Qual é o direito da mulher chefe de família que hoje todos os projetos habitacionais têm que ter uma cota para as mulheres chefes de família? Que os projetos habitacionais têm que ter espaços na

habitação para as pessoas com deficiência, para idosos? Quem é que sabe disso? Ninguém sabe.

*Pergunta: Tu disseste que tens experiência em cursos de formação. Quais são essas experiências?*

Resposta: Na verdade, principalmente nos últimos três anos, eu participei da Equipe técnica da ONG Themis, responsável pela articulação com a rede, e promovendo também os cursos de formação de promotoras legais populares. Que são... esse curso é para mulheres lideranças comunitárias...

*Pergunta: O curso trabalha o que basicamente?*

Resposta: A ementa da aula são várias. Se trabalha a própria Lei Maria da Penha, os Direitos Humanos, Direitos sexuais reprodutivos. A gente trabalha a questão racial, trabalha Estatuto da Criança e do Adolescente, da pessoa com deficiência. Trabalha o acesso à justiça. Dependendo da região que a gente for, a gente faz um diagnóstico e vê o que mais precisa para aquela comunidade, para aquelas mulheres. Na verdade, o curso, ele vem para fortalecer essa mulher para que ela seja uma liderança na sua comunidade, na sua região e que ela seja multiplicadora de informações para outras mulheres. Então depende daquilo que a gente for construir. O que a gente acha que é importante nesse curso para essas mulheres? E daí trabalhar em cima desses temas.

*Pergunta: Trabalha com lideranças comunitárias ou mistura?*

Resposta: Mistura, tem que misturar. É que o curso de formação de PLPs é para lideranças comunitárias, mas nesse curso acho que a gente tem que buscar todas as pessoas, todas as pessoas interessadas em buscar conhecimento e multiplicar esses conhecimentos e em buscar informações que transformem suas vidas. Eu digo que a informação e o conhecimento transformam vidas e salva vidas também.

*Pergunta: O que pra ti é ser uma liderança comunitária?*

Resposta: Para mim ser uma liderança comunitária hoje eu percebo que é uma grande responsabilidade. Porque ao longo desses anos tu foi buscando formação, conhecimento e as pessoas buscam em você na hora que elas precisam numa determinada dificuldade é um apoio. Então ser liderança comunitária pra mim hoje é tu ser aquele apoio para aquela pessoa, seja ela qual for, naquela demanda que ela precisa. Então é interessante que às vezes as pessoas, ah, tu tens uma formação para trabalhar com mulheres, mas daqui a pouco a pessoa quer saber como que ela acessa a saúde, como é que ela consegue escola para os filhos, como é que ela enterra o seu familiar, que ela não sabe que ela tem direito ao enterro social. Então ser liderança é tu ter resposta para todas as demandas que essa comunidade precisa. Então por isso que a liderança ela tem que estar permanentemente se atualizando, para que ela tenha essas respostas quando a comunidade, as pessoas, a sociedade vêm até ela buscar esse apoio.

*Pergunta: Tu gostarias de colocar mais alguma coisa?*

Resposta: Gostaria de agradecer e dizer que eu estou à disposição para construir todo esse projeto.

## Entrevista com Maria Salete da Silveira Pinto

[Liderança comunitária do bairro Restinga. Realizada em abril de 2019, para o curso de extensão A emergência das mulheres na ação comunitária].

*Pergunta: Qual a sua formação?*

Resposta: Ensino médio incompleto, que eu comecei depois não terminei.

*Pergunta: Conta um pouco da tua trajetória pessoal.*

Resposta: A minha trajetória é bem típica da maioria das mulheres. Casei-me muito nova. Com 18 anos eu fui mãe e... vivi a minha vida toda com mesmo companheiro tudo. A gente tinha uma situação legal... Quando eu me casei com ele tinha uma boa profissão. Ele era técnico em montagem de caldeira. A gente viajou muito pelo Brasil, conheceu o Brasil, trabalhou. Inclusive tem até uma filha que é mineira, nasceu em Minas Gerais, aquela coisa toda. Depois de um certo tempo ele sofreu alguns acidentes nas obras e a gente não percebeu que aquilo tinha trazido sequelas para ele. Então ele não se assegurou de nada. Até que um dia começou a largar o serviço, trabalhava num serviço, largava, aquela coisa toda e viemos embora pra Porto Alegre, voltamos pra Porto Alegre. E ele começou a beber. Aliás, ele já tinha aquele hábito de beber todos os fins de semana. Só que a partir daí foi se tornando mais frequente. E aí foi perdendo tudo, botando tudo fora, foi casa, foi tudo, foi carro, emprego. Daí não conseguia mais emprego. Nós chegamos ao fundo do poço. Como eu era uma menina que não tinha muita experiência, não tinha pai nem mãe, a minha mãe já havia

morrido também que era uma pessoa que viveu muito tempo junto com a gente. Eu estava à mercê dele. Não tinha irmãos. Era filha única. Não trabalhava, porque eu trabalhava enquanto solteira. Depois que eu me casei não trabalhei mais. Eu fui dona de casa, porque ele me sustentava. Ele trabalhava bem, ganhava bem, a gente tinha uma vida boa, eu nunca precisei trabalhar. Só que em todo este intervalo da gente ir perdendo as coisas e caindo no fim do poço, no fundo do poço, talvez por problemas, era uma gravidez em cima da outra. O que acumulou. Eu cheguei a 8 filhos... sem me dar por conta, porque hoje quando eu trabalho com mulheres eu vejo que tu criticas uma mulher, mas tu não sabes o que psicologicamente aquela mulher passa pra atingir, pra chegar a esse ponto. Mas eu sempre fui uma pessoa que foi muito interessada em questão de política... eu era... quando eu estudava eu era líder estudantil, aquela coisa, era muito participativa, tinha boas notas, e houve um certo ponto, quando a gente chegou no fundo do poço, eu disse não, pera um pouquinho. Eu consegui fazer uma ligadura e digo não, eu tenho que parar, tenho que sair de qualquer forma. Foi quando eu comecei a trabalhar, busquei serviço, comecei a trabalhar de faxina, aquela coisa toda. Saí de onde nós morávamos, viemos morar na Restinga. Eu, os filhos e ele. Ali eu ainda estava... Quando a gente veio para Restinga eu ainda estava no sétimo filho, ainda ganhei mais... não, ganhei o sexto filho. Eu estava grávida do sétimo e engravidei mais uma vez aqui na Restinga. Foi em... 80 e... a minha guria está com 30 anos, a mais nova. 88, 89 que eu vim para cá. Aí, cheguei aqui, meu Deus do céu, no fundo do poço. Perdemos tudo, tudo, tudo, tudo, tudo... Não tinha saída. Aí eu comecei a contatar, tinha uma prima minha que morava aqui na Restinga. Ela me indicou pra fazer algumas faxinas. Comecei a trabalhar com algumas pessoas e tive a sorte de encontrar pessoas muito legais na minha vida, que me deram um apoio muito grande, que conversavam muito comigo e que achavam que eu tinha um potencial de ser mais

do que aquilo que eu estava sendo naquele momento. Então eu comecei a fazer faxina, comecei a trabalhar, trabalhar com artesanato, eu sabia costurar, aí depois de alguns anos eu consegui comprar uma máquina de costura e fui formando meu alicerce de independência. Porque naquele momento em que eu vim pra cá eu não tinha nem noção do que eu poderia ser como pessoa. E isso levou algum tempo até eu me encontrar. Como eu tinha muitos filhos, e eu digo que a minha trajetória começou daí, então... eu não conseguia vaga tudo na mesma escola. Então era um em cada escola. Então era na Lidovino Fanton, era no Pessoa de Brum. A gente primeiro construiu o Pessoa de Brum, fizemos uma caminhada comunitária. Depois era muito longe o Pessoa de Brum e começamos a fazer uma campanha, um abaixo assinado. Construímos o Lidovino Fanton. Aí eu levei alguns dos mais novos que estudavam no Pessoa de Brum eu levei lá pro Lidovino Fanton já no início. Depois eles começaram a ir pro José do Patrocínio, pro Pasqualini, pro Ildo Meneghetti, então eu tinha filho em tudo quanto era escola da Restinga.

*Pergunta: Qual é a diferença de idade do mais velho pro mais novo? Sabes de cabeça?*

Resposta: De 13 anos. 13 anos de diferença. Porque eu tenho 4 que eles têm um ano de diferença um do outro. Sabe? Então era assim. Um tinha nascido, tava fazendo um ano e o outro já estava nascendo. Um ano certinho de diferença entre eles.

*Pergunta: Puxado, né?*

Resposta: Muito puxado. E eu sempre falo... as minhas filhas hoje dizem assim, mãe, eu não sei como a senhora aguentava. Como a senhora atravessou isso. Eu digo pra elas... eu não pensava. Porque a rotina era aquela, levantar-se de manhã, ir atrás da comida pra de noite, e no outro dia levantar-se de novo e ir atrás da comida pra outra noite. Porque o que eu ganhava numa faxina naquela época de uma inflação tremenda dava comprar

as coisas pra janta, deixar pro almoço no outro dia e eu já tinha que ir atrás de outra faxina pra garantir o próximo dia, e o meu marido afundando cada vez mais. Daí eu comecei a procurar, fazer artesanato... então eu chegava em casa da faxina, ia fazer artesanato, eu levava cobertor e tapete pra lavar em casa das freguesas minhas dos apartamentos. Tinha alguns apartamentos aqui que eu fazia a faxina e depois todo mundo me pagava um pouco para eu limpar as escadarias, sabe... Então depois da faxina eu ainda limpava isso aí... então era uma coisa que não dava tempo de pensar. Eu sempre digo pra elas, eu nunca parei para pensar. Que eu chegava tão cansada em casa e ainda tinha que dar banho nos filhos e cuidar e a janta e deixar eles prontos para outro dia, que eu deixava 3 horas da madrugada para levantar no outro dia 7 horas. Então era, era como é que é, como um tonto, trabalhando. Mas daí eu comecei, com a função de ir para as escolas, eu sempre fui muito interessada na questão da educação, e comecei a lutar também pela questão. Primeiro foi lá, quando eu vim para cá, só tinha o José do Patrocínio na Restinga Velha e eu não consegui vaga para todos os meus filhos ali. Então foi uma luta muito grande. Aí eu aprendi a lutar, então a gente conseguiu trazer o Pessoa de Brum, aonde eu fiz parte do Círculo de Pais e Mestres também ali. Como era muito longe também nós começamos a lutar pelo Lidovino Fanton, também fiz parte do Círculo de Pais e Mestres, depois do primeiro conselho escolar. Consegui vaga para eles no CPIJ, também fiz parte do Conselho de pais ali e todas as reuniões de toda e qualquer escola eu estava presente e eu comecei a ter um conhecimento maior sobre a questão da educação, as falhas que havia, as deficiências e comecei a ser uma lutadora nessa área. Aí o que que aconteceu? Resolveram aqui na Restinga, isso bem antes de construir o Conselho Tutelar, construir um grupo de pessoas que se chamavam os multiplicadores, onde tinha várias lideranças de toda a Restinga e me convidaram para participar desses multiplicadores, onde a gente ia, brigava, onde a gente



construiu a ideia do Conselho Tutelar, do Estatuto da Criança e do Adolescente, as regiões que foram em todo o Brasil, nós realizamos aqui vários encontros. Então comecei a participar muito e a ter conhecimento sobre esses assuntos, que foi me engajando. Quando se formou primeiro Conselho Tutelar aí eu já estava bem dentro das políticas da comunidade, já era atuante, já tinha presidido uma associação comunitária. Da segunda gestão me convidaram para concorrer ao Conselho Tutelar e eu fiquei, entrei de primeira suplente, mas logo em seguida no primeiro mês eu já assumi. Aí dali para lá, depois a gente fez o curso de Promotoras Legais Populares, que esse curso que a gente trabalha aqui na Associação com as promotoras legais e o SIM, Serviço de Informação à Mulher. A partir daí eu me engajei muito nas lutas da comunidade, lutas políticas e passei a fazer muito curso, muito seminários, para poder aprender, para poder entender como é que as coisas funcionavam, e a gente está aí até hoje, nessa luta. Só que depois de um certo tempo eu disse assim, eu não preciso mais passar porque pelo que eu passava dentro de casa. Aí eu resolvi me separar, vai fazer 7 anos que eu sou separada.

*Pergunta: E tu ficou em casa e ele saiu?*

Resposta: Eu fiquei em casa. Quando eu disse, bom... durante toda essa luta, a gente tentou ajudar ele, ajudar ele muito. Então, eu fui ao AA com ele, frequentei o AA, eu fiz o ECC, que é o Encontro de Casais com Cristo para ele sair da bebida. Ele ia e ele vinha, ele ia e ele vinha. Então a minha vida era uma gangorra sempre. Depois a minha filha adoeceu, minha filha mais velha quando ela teve câncer, foram 4 anos de luta. E aí ele começou a beber novamente, tinha parado, começou a beber novamente porque a filha estava doente. Quando ela morreu eu tive que ficar com os dois filhos dela, eu disse eu não vou criar meus netos no mesmo clima familiar que eu criei os meus filhos. Eu acho que eles merecem uma oportunidade de ser feliz. Cha-

mei os meus filhos, já estavam todos adultos, casados e disse, olha, chegou para mim, chegou, não aguento mais. Já estava separada dele de corpo dentro de casa já fazia mais de, acho, que uns dois ou três anos que a gente vivia separado. Aí quando ele bebia eram as brigas novamente, aquela coisa toda. Aí meus filhos, então tá, chamaram ele, nós e fizemos um acordo, eu ficava com a casa, ele ficava com os dois carros que nós tínhamos e mais uma poupança que nós tínhamos que era um dinheiro que era para fazer a reforma da casa, que a gente estava planejando, mas como era uma casa muito grande, a gente foi construindo. Sabe aquele puxadinho? Conforme ficava direito a gente vai construindo mais uma pecinha. Ficava mal feito, mal acabado e a gente tinha intenção de fazer um acabamento bom, de fazer uma reforma. Então deixei o dinheiro para ele e os dois carros, que ele botou tudo fora. Eu fiquei com a casa, com os filhos, com os netos, que eu tinha dois mais pra criar.

*Pergunta: São como se fossem teus filhos?*

Resposta: São meus filhos. Meus amores.

*Pergunta: Quais são as motivações que te levaram a se envolver com estas questões comunitárias? O que te motivou principalmente?*

Resposta: Eu acho que... Primeiro começou com a questão da educação. Eu comecei a participar nas escolas, eu sou uma participante muito ativa, muito batalhadora, então isso me incentivou muito. Depois eu fiz um curso de Promotora Legal Popular, que me deu uma outra visão sobre o mundo feminista. Eu digo, eu já era feminista por dentro, e não tinha ainda aflorado esse lado. E eu me encontrei ali, nessas lutas, acho que por tudo que eu passei, todas as dificuldades que eu passei e o medo que eu tinha que as minhas filhas viessem a passar o que eu passei, que tivessem também que se submeter a uma relação que não fosse legal, eu comecei a ser bem ativa nessa área, a levar elas, a ensinar, a mostrar, a discutir esses assuntos, levar esses assuntos

para dentro de casa. E eu também tinha três filhos homens, e eu sabia que se eu não os ensinasse a serem bons maridos, eles iam fazer a menina sofrer. E o exemplo que eles tinham do pai não era o que eu queria para eles. Então foram motivos pessoais que me fizeram engajar numa luta tanto na educação quanto na questão feminista, mas que me deu muito prazer de todos esses anos de luta me deram muito prazer.

*Pergunta: Há quanto tempo tu tens essa atuação, tu falaste que foi quando te mudaste para cá?*

Resposta: Eu comecei a trabalhar um pouquinho antes de vir para cá, um ano antes mais ou menos a participar de grupos. Quando eu vim para Restinga, que daí eu me engajei muito... Eu morava lá no Partenon. Aqui na Restinga eu estou há 30, 35 anos morando aqui na Restinga. E o curso de promotoras legais fazem 25 anos, 24 anos que ele eu me formei como PLP e que eu atuo aqui dentro da Restinga.

*Pergunta: E desde que tu chegaste aqui tu já começaste a atuar em busca das escolas, para os filhos?*

Resposta: Exatamente... não, levei um ano mais ou menos pra, como é que é, tomar consciência que eu tinha que fazer alguma coisa diferente na minha vida. Foi um ano muito difícil, de muita miséria, de muito sofrimento até que eu comecei a dar o meu grito de independência. Foi quando eu comecei a trabalhar e ganhar o meu dinheiro, que eu parei de me sentir inútil, que eu comecei a perceber que o meu dinheiro tinha valor, que o que eu fazia eram coisas legais. Então eu passei muitos anos nessa guerra com meu marido, que eu fazia não tinha valor, o meu dinheiro não valia nada, eu não era valorizada. Mas eu sabia que, lá dentro, meu pensamento, eu tinha mil e uma ideias, mil planos para vida e para os meus filhos principalmente... E olha que criar oito filhos na Restinga Velha, numa boca-de-fumo não é para qualquer um. De todos eles hoje trabalhando,

todos eles têm carro, casa própria, tem uma que não tem carro, que é mais nova, que ela mora na parte de cima da minha casa. Construir uma casa que a gente começou num terreno vazio fez uma pecinha de madeira e hoje dentro do meu terreno, só do meu terreno, ter três casas construídas, e todos os outros nós ajudamos a comprar casa própria, não é para qualquer um. Todos eles profissionais. Todos, todos assim eu tive muita garra de fazer com que eles entendessem que o estudo era importante, que trabalhar era importante, que o dinheiro que tinha valor é aquele que a gente ganha com suor do rosto da gente. Esse dinheiro é o único que é válido. De ensinar eles a não serem desonestos, sabe, a valorizarem a vida deles, a terem sonhos... Isso eu acho que eu consegui fazer, com que eles se criassem sabendo que aquela, aquela situação ali de pobreza, de miséria, não era permanente que aquilo era só uma etapa da nossa vida que ia nos servir de ensinamento, para gente conquistar outras coisas. Isso eu consegui, graças a Deus. E eu falo assim até, são filhos maravilhosos, todos eles trabalham, todos eles têm a sua família, valorizam os filhos, cuidam dos filhos, tem esse apego com a família, e respeito.

*Pergunta: Pra ti o que é ser uma liderança comunitária?*

Resposta: Olha, esse termo liderança, eu não consigo me ver assim como uma liderança. Eu acho que eu sou uma mobilizadora. Acho que me vejo mais, porque quando eu consigo trabalhar com essas outras pessoas, com as mulheres, eu consigo mobilizar as pessoas, consigo fazer com que as minhas ideias sejam ouvidas, que sejam respeitadas mais do que isso, eu consegui construir uma trajetória onde as pessoas respeitam o que eu fui, sabem o que eu fui, todos os problemas que eu tive e respeitam o que eu conquistei. Então acho que para mim isso é muito importante. Então não me vejo como uma liderança, eu acho que o líder é aquele que arrasta multidões, aquela coisa toda. Eu me vejo mais uma participante, uma mobilizadora de ideias.

*Pergunta: O que te levou a fazer o curso do PLP?*

Resposta: Fui convidada. Tinha alguns conhecidos que trabalhavam junto com os multiplicadores, que estavam em contato com a Themis e a Themis estava tentando colocar que foi os primeiros cursos, que foi aqui e lá na leste. Então eles pediram para que fossem mobilizadas algumas mulheres que tinham alguma liderança dentro da comunidade, que tinham atuação, que tinham esse perfil para fazer esse curso. A gente não sabia o que era. Aí vieram e me convidaram. Aí vou fazer. Era aquela coisa assim, tudo para sair de dentro de casa. É verdade. Tudo pra participar de alguma coisa. Tudo pra aprender mais um pouco, mas pra sair de dentro de casa. Pra não ter que pensar em fralda, comida e casa. Então eu comecei a fazer o curso. Aí eu comecei a me identificar, a história da minha mãe, a história das minhas tias, a história da minha vó... aquele sofrimento, aquela, toda aquela questão do machismo, a minha história... ela era gritante dentro daquele curso, sabe. Então era uma coisa assim que eu via, mas eu estou me vendo, cada vez que falava na questão da violência contra a mulher, da questão da saúde que a mulher não tem acesso à saúde, da questão da educação que a mulher não tem acesso à educação. Eu me enxergava em todas aquelas coisas e ali eu vi que eu podia mudar minha história. Ali eu percebi que realmente eu podia. Porque antes eu fazia as coisas para fazer porque eu gostava de fazer, mas eu não tinha um objetivo. E foi dentro do curso das promotoras legais que eu encontrei esse objetivo, de mudar minha história, através da mudança da minha história mudar a história dos meus filhos. Podia fazer com que eles tivessem uma outra, com que eles construíssem uma outra história na vida deles. É isso.

*Pergunta: E hoje que áreas tu atua mais?*

Resposta: Depois que a minha filha adoeceu e depois que ela faleceu, eu tive uma época que eu me dediquei muito os netos, porque era ter criado oito filhos e ser mãe novamente. Então eu

me restringi em algumas áreas. Na área da educação, do trabalho das promotoras legais, da multiplicação desse conhecimento que a gente adquiriu, que é fazer palestra, fazer orientação, estar dentro das coisas... então eu me restringi muito a esses dois movimentos nesse período. Depois eu comecei, agora estou no Fórum de Segurança também, ali junto com a Almerinda, representando o SIM. Porque a gente se organiza cada uma de nós participa de um movimento, está representando o Serviço de Informação da Mulher.

*Pergunta: E que vocês fazem aqui exatamente?*

Resposta: Aqui é o serviço de atendimento e acolhimento de mulheres. Então todas as segundas-feiras a gente faz um plantão aqui, plantão voluntário, onde as mulheres que sofrem violência são encaminhadas para que a gente possa orientar elas, encaminhar e dar um acompanhamento, porque muitas vezes as mulheres sozinhas não conseguem se orientar. Mas nosso serviço tem três eixos, que é o acolhimento, que é o que a gente faz às segundas-feiras aqui; que é a questão da representação, que é essa de estar dentro dos movimentos da comunidade representando e levando as questões feministas para esses movimentos; e também temos a representação e a multiplicação, que é onde a gente vai nas escolas, fazer palestra, informar, fazer oficina, participar, organizar oficinas, organizar seminários, que a gente organiza nessa área da mulher.

*Pergunta: Quais são os desafios e as maiores dificuldades que tu encontra nessa tua atuação?*

Resposta: É a questão da cultura machista. Porque quando tu te inseres no serviço, no trabalho como este, e nós fomos pioneiras porque foi logo após onde teve a primeira conferência mundial contra violência sobre a violência contra mulher. Era um assunto muito novo. Então nós fomos pioneiras, lutando contra todos, sendo chamada de mulheres loucas, que queriam

acabar com os homens, que queriam... não tinham nada em casa para fazer. A gente deixava a família para ir para rua brigar por independência, por isso, por essas questões todas. Eu acho que essa cultura machista, ela ainda está muito impregnada na nossa sociedade. E a gente está tendo muito pouco espaço para poder divulgar e trabalhar. Essa nova lei que diz que dentro das escolas tem que ter um trabalho voltado para questão da mulher eu acho que é muito importante, é um avanço. Mas é muito devagar, porque entrou na lei, mas ainda não está sendo executado. Acho que os homens, alguns aderiram a essa nova visão da questão familiar e da relação homem-mulher. Outros estão se tornando muito mais violentos, porque agora é isso, ou tu és minha ou eu te mato. Porque a questão do aumento do feminicídio nesses últimos anos, que é uma média de 15 mulheres assassinadas por dia no Brasil, em todo o Brasil. A gente que trabalha, que atua nessas mídias, que tem esses contatos está sempre sabendo daquilo, que eles estão publicando.

*Pergunta: Mas houve um aumento nos feminicídios ou houve um aumento nas denúncias?*

Resposta: As denúncias aumentaram, porque antes as mulheres ficavam quietas. Elas estão denunciando muito mais.

*Pergunta: Por isso elas acabam sendo mortas...*

Resposta: Exatamente. E isso leva ao feminicídio. É uma coisa que é muito louca. A gente tem sentado e tem conversado sobre isso, porque as políticas, existe uma lei, mas essa lei ela não protege as mulheres, é uma lei que está no papel. Mas quando se vai falar e vai se tentar ajudar aquela mulher, a gente sabe que isso não funciona. Porque nós temos o PLP 2.0, que é o aplicativo criado pela Themis, onde tem o botão do pânico. Ele tem PLP por causa das promotoras legais, mas é feito junto com a Secretaria de Justiça, junto com vários órgãos, prefeitura, estado. Mas a gente sabe que, ela, na maioria

das vezes, quando elas chamam há uma demora muito grande para serem socorridas.

*Pergunta: Esse botão de pânico toca na brigada?*

Resposta: Toca lá na secretaria de segurança, ele foi, o protótipo dele foi feito aqui da Restinga. Agora acho que vai ser expandido para outras regiões, porque nós estamos adaptando vendo o que está dando certo, o que não está dando certo. Bom, Patrulha Maria da Penha, nós aqui temos uma viatura, está com dois policiais que atendem a todos os chamados de violência doméstica. Na Restinga. Nós temos atualmente no aplicativo já tivemos mais de 30 mulheres, depois elas vão saindo. Mas atendendo 12 mulheres. Mas as ocorrências são, o número de ocorrências é muito grande. Porque só vem para o aplicativo aquelas que correm risco de vida. As outras tem medida protetiva, mas muitas vezes não entra dentro do aplicativo.

*Pergunta: São vocês que cadastram no aplicativo?*

Resposta: Não. A juíza, lá no momento que ela dá a medida protetiva, ela já pega o telefone, baixa o aplicativo, orienta elas. E nós fazemos o acompanhamento, ligamos para ela para ver como é que está. Se ela liga lá já o aplicativo nos avisa que ela foi. Aí a gente não vai lá no momento porque nós não somos policiais, mas a gente fica no acompanhamento, como é que está, como é que não está, se ela precisa de alguma coisa, se ela acha que está correndo risco. Daí a gente informa, vai informando para central do aplicativo.

*Pergunta: E como é que tu percebes a diferença entre ser homem e mulher nas lutas comunitárias?*

Resposta: Bom, os homens sempre estão nos grandes postos de lideranças. Se tem uma associação comunitária quem assume a presidência geralmente, agora está mudando alguma coisa, mas geralmente são os homens. As mulheres quando a gente



começou a trabalhar nós íamos lá para votar, votar no OP. Nós fazíamos número de votação. Hoje nós já temos muitas mulheres na liderança. E o que me dá muita alegria e me traz muita satisfação é saber que todos os lugares onde as mulheres assumem coordenam muito bem, com objetivo. Não só objetivo político, de interesse. Elas conseguem fazer um planejamento para as instituições onde elas atuam. Quando nós vamos para as reuniões quem realmente leva discussões que são de interesse da comunidade, discussões claras e com um objetivo são as mulheres. Eu acho que ela tem, por elas serem donas de casa, serem mães, elas pensam muito mais no bem coletivo. Acho que isso é bem visível.

*Pergunta: E como é que tu vês a mulher na sociedade, na política?*

Resposta: É um desastre. Não da mulher, mas do acesso da mulher a cargos políticos. Porque quando tu vês um partido que se mobiliza para fazer, tem que dar uma cota de 30%, ele vai lá e indica algumas pessoas, mas essas pessoas não têm a mínima condição, elas não têm as mesmas cotas de financiamento para campanha que tem os homens. E muitas são iludidas. Elas vão lá, se candidatam e depois elas não têm apoio nenhum. Eu vi nessas eleições passadas algumas mulheres que se candidataram, estarem com os panfletinho fazendo uma campanha a pé nas casas, a não ser quem já se consolidou como uma, dentro da política, é que consegue ter uma estrutura de campanha. E sem uma boa estrutura de campanha ninguém se elege. Isso aí ninguém tem dúvida. Pra mim essa cota de 30% é só enganação.

*Pergunta: Mas tu achas que tem que cair ou tem que manter?*

Resposta: Tem que manter e aumentar. Eu acho que nós vamos ter que chegar uma hora de ter que ter 50%.

*Pergunta: Quais são as alternativas que tu achas pra essa situação da mulher na sociedade, na política?*

Resposta: A educação. E isso sempre quando eu vou falar a única saída, alternativa que nós temos para mudar a sociedade, para fazer com que as mulheres, que as meninas tenham consciência do papel delas, da importância do papel delas é através da educação. E é dentro da escola que nós vamos ter que buscar atingir todas essas, essas áreas. Não só as exatas, como Matemática, Português. Mas nós temos que trabalhar muito nas áreas como Sociologia. São áreas humanas, a gente tem que ter um maior empenho em desenvolver essas áreas.

*Pergunta: Me diz uma coisa...quais são os saberes que tu julgas pertinentes para quem ocupa os espaços que nem tu ocupas?*

Resposta: Os saberes que eu acho, primeiro assim nós temos que ter uma clara ideia do que é a participação comunitária. Porque tu tens que saber por que que tu sabes, porque que tu vais para uma reunião, qual é o teu objetivo. Tu tens que ter uma ideia muito clara sobre as minorias, que são mulher, criança, negros, índios, gays, mas entender por que que é que essas camadas da sociedade são chamadas minorias embora elas sejam a maioria na sociedade. Nós temos que entender por que que as políticas para essas camadas elas são tão precárias. Tem que entender a história, de onde nós viemos, porque nós estamos aqui. Então começar assim. A história da comunidade, como é que ela se criou, como é que ela desenvolveu e a partir daí nós podemos entender as outras áreas que são mundiais. A colonização do Brasil, a colonização do mundo, como é que ela foi feita, como teve essa segregação. Como é que sempre teve essa coisa que, bom, quem é que manda no mundo... são homens, brancos e ricos. São essas pessoas que governam o mundo todo. Se nós tivermos consciência de que tem essa luta social sim, nós temos uma guerra de classes sociais, nós podemos começar a nos organizar, não para uma guerra, mas para

enfrentamento dessas desigualdades no mundo. Então eu acho que é uma coisa que é super importante, tanto ter conhecimento do que é uma luta comunitária, dos movimentos comunitários, porque que aquele movimento atua naquela área, como é que se criou a vila ali, porque, onde nós queremos chegar com essas lutas. Bom, conhecer a história do bairro de como é que ele foi construído, conhecer a história do mundo, dos povos porque nós somos resultado de toda essa colonização, como é, escravagista do mundo. Ganhamos independência, os negros foram libertos, libertos entre aspas, porque eles foram atirados na rua para serem miseráveis. E nunca houve políticas de reparação dessa camada da sociedade, de seres humanos. De ver por que que a África é tão pobre. Porque a África que é um dos maiores produtores de diamantes, de ouro, de minerais é tão subdesenvolvida e tão pobre. A gente tem que começar a entender que esses negros, que vem fugidos da miséria, da guerra, eles são, como é que é, um subproduto da ganância humana. Dos brancos, ricos, europeus que invadiram lá, para que? Para manter um povo escravo, pobre. Eu acho que isso tem que expor essa consciência na juventude, para que elas entendam.

*Pergunta: Que conhecimentos tu sugeres que é importante trabalhar no curso que a gente vai dar?*

Resposta: Na minha ideia conhecimento é na área social, dentro dessas áreas que eu te falei, eu acho que os conhecimentos dentro dessas áreas são importantes para o desenvolvimento de lideranças, principalmente de lideranças jovens que não sabem o que é história. Então dentro dessas áreas, eu acho que esses conhecimentos eles têm que ter para atingir esse público.

*Pergunta: E tu achas que esse curso é importante, pertinente, válido?*

Resposta: Super importante. Acho válido, porque há algum tempo a gente está falando. Porque as pessoas que têm essa consciência de luta estão ficando velhas. Porque nós tivemos

um período em que tudo era fácil. E as pessoas desaprenderam de que a luta continua, que os direitos não estavam garantidos, que nós tivemos a ilusão de alcançar alguns direitos, que a gente viu como é muito frágil essa linha entre a democracia e a pseudodemocracia, que ela é exercida e liderada novamente por pessoas poderosas brancas e que roubam o que podem roubar do país sem dar retorno para população. Isto é um fato assim que nós vamos ter que mostrar para os nossos filhos, para os nossos netos, que essa conquista social, ela não foi realmente concretizada, ela foi sonhada, feito um esboço, mas ela não teve um, tanto é que nós estamos perdendo nossos direitos sociais agora assim ó... perdemos em um ano o que a gente conquistou em 20, 30 anos de luta. Se nós não conseguirmos formar pessoas que tenham essa consciência de luta, a gente vai afundar novamente. E é aquela coisa, que tu vais trabalhar para comer diariamente, tu não tem tempo mais de lutar, tu não tem direito, tu vai a uma inflação de 80, como eu enfrentei na minha época, de 84%, onde que hoje tu comprava um quilo de arroz com tanto de dinheiro, amanhã era meio quilo, até o final da semana era um quarto de quilo que vendia no papelzinho enrolado. Gás era uma minoria muito pequena que tinha condições de comprar um botijão de gás. Então eu acho que a gente tem que colocar essa gurizada dentro dessa visão de saber o que acontece, tem que ensinar eles a, ensinar, ensinar não, mostrar a eles que a democracia é muito frágil e que sem a democracia tu és escravo.

*Pergunta: Como tu vê a importância dessa trajetória, já encaminhando para o final, para tu te constituir enquanto Salete?*

Resposta: Enquanto Salete, acho que foi... algumas pessoas sempre me dizem assim, porque muitas das nossas parceiras e companheiras elas quando fizeram o curso de promotoras legais, elas seguiram algum caminho. Algumas se tornaram, se formaram, voltaram estudar, se formaram, consolidaram

a sua trajetória profissional, sua vida profissional. Algumas olharam e disseram isso não é para nós, não sou feminista... Muitas delas. E outras resolveram lutar. Foi uma minoria que resolveu assumir essa luta e sem visar o lado econômico, se formaram, aquela coisa toda, mas não fizeram dessa trajetória uma escada para vencer economicamente. Eu fui uma pessoa que fui muito, me dediquei muito às lutas e pouco à questão econômica. Então eu ganho o que dá para me sustentar. Mas não me prendo muito, me preni muito a ensinar os meus filhos, a dar o respaldo pra eles estudarem, para eles trabalharem. E hoje eu trabalho, tenho trabalho que me sustenta, devagar, principalmente depois que eu me separei. Devagar, mas dá para viver, porque eu me pego muito ajudar os meus filhos a cruzarem essa estrada e a vencer na vida. Então eu sou aquela que cuida dos netos, quando tem doença eu estou lá... Apoio aqui, apoio lá, quando dá tempo eu trabalho.

*Pergunta: Alguma outra coisa que tu gostarias de abordar? Obrigada, sempre aprendo muito com vocês.*

Resposta: Eu acho que foi uma luta bem grande. Sabe quando eu me dei por conta que eu tinha feito muita coisa? Quando eu cheguei na crise dos 50. Meu Deus, eu fiz 50 anos, meio século de existência. O que eu fiz da minha vida? Daí eu juntei tudo que eu tinha feito de curso, de participação, de movimento, e eu consegui encher dois álbuns. Daí eu disse, gente, mas eu fiz muita coisa. Eu cresci muito como pessoa. E foi nessa crise que eu entendi que eu tinha feito um monte de coisa. Porque eu só fazia por fazer... Quando eu reuni esses documentos, essas coisas todas, fotos, certificados, eu digo, bah... e eu já viajei pelo Brasil a fora...

*Pergunta: Tu foste até pro exterior, Salete, representando movimento?*

Resposta: Já. Então foi uma trajetória bem vivida, bem compensadora. Eu vejo pelos meus filhos.

*Pergunta: Qual a idade do mais velho? É menino ou menina?*

Resposta: A minha mais velha ela estaria com 45 anos. Daí depois em descendo. Eu sempre digo uma coisa, não me pergunta a idade de todos eles porque todos os anos eles mudam de idade. Então eu não consigo decorar. É 30, 32, 33, 34, 35.

*Pergunta: A mais nova é que tem 30? É a que estuda lá?*

Resposta: Não, não. É a minha neta que está estudando lá, a neta que eu criei, essa está com 21 anos, a Arielen.



